ANNO XXIV — N.º 23
Rio, 7 de Junho de 1930
PREÇO: 1$000

Este afamado producto da CASA BAYER não sómente acalma as dores, como tambem restitue ao organismo o seu estado normal de saude.

A CAFIASPIRINA *é preferida pelos medicos por ser absolutamente inoffensiva.*

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, de dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

CONSUMPÇÃO

DE NOEMI PITANGA

"Si eu não morresse nunca, e eternamente
Buscasse e conseguisse a perfeição das coisas!"

CESARIO VERDE.

De onde viria a serenidade inquebrantavel; de onde viria a fortaleza de animo, que nunca tivéra; de onde viria a integridade de intelligencia, que sempre lhe faltára?

Debruçára-se na propria Duvida, a fitar, a pesquizar, a interrogar...

Fugira-lhe dos labios o sorriso confortador das horas perennes, que voltariam jamais. A cabeça altiva, erguia-se, poderosa, na ebriez de céo e de luz.

Que lhe importava a fome, que lhe importava o mundo, que lhe importava tudo, quando se dispersára na inherencia de seu "eu" vigoroso, ferozmente egoista no combate irremediado e destruidor, que o subjugará inteiro?

Dos olhos sempre tristes e cheios da irresistivel vontade de chorar, restava-lhe o esplendor escasso e ultimo. O sentimento intoxicado, a fraude da alma, — epopéa inutil, perdida, morta, morta!

Naufrago da Vida, lutou a recolher, faminto, sua derradeira migalha; o orgulho, porém indomado, assassino e destruidor, armou-lhe a couraça forte e eterna. A mão que se estendêra, supplice, ao grito de amor mendaz, deteve-se gelada e rija sobre o peito de touro, na severa altivez.

Fugiram-lhe os outros homens, amedrontados, como si aquelle manancial de bondade e de doçura os perventesse no amargor do absintho e do fel. Fugiram-lhe as mulheres bellas, espavoridas, ante a visão de desoladora apathia. Fugiram-lhe os meninos debeis, acovardados, que beberam de sua bocca os louvores do Evangelho, e sentiram a tepidez do ninho na carne preciosa de seus braços ageis e colossaes.

Onde, pois, os olhos humidos de ternura; onde a bocca cheia de ansiedade no panegyrico da palavra consoladora e efficaz? Onde a vehemencia do desejo que o assustára, onde a loucura, onde a selvageria que anesthezíara? Onde, onde?...

Anniquiladas as recordações; extincta a volupia da caricia funda; perdida a Vida; rôto o sentimento; que lhe restaria, pois? Onde a Luz e o Canto? Onde o Repouso e o Ninho?

Onde a exaltação evocada delirantemente? Onde as caricias dolentes que convertera em psalmos, alliviando-lhe o degredo da melancolia, quando maior fôra a diversão experimentada e quanto mais intima se actuára a angustia do Inexoravel e do Vazio?

Onde d e s c a n ç a r i a m seus pés febris e tropegos de cenobita-solitario?

Desfallecêra-lhe a crença á violencia dorida do Não-Ser...

O Reprobo já não pertencia ao Mundo e, no horror de sua duvida atroz, olhos fitos na Altura, obstinava-se a viver...

O COMMENTARIO

A vinda do "Graf Zeppelin" ao Rio de Janeiro, completando o cyclo das grandes experiencias de navegação aerea transatlantica para a America do Sul, iniciado pelo heroico feito de Sacadura e Gago Coutinho, dá margem a uma reflexão bem interessante. Nós, brasileiros, vemos, com grande alegria, que dois pontos da nossa costa vão, com o tempo, assumir uma grande importancia perante o mundo, em vista da sua posição relativamente ás vias aereas de communicação: Recife e Natal.

Dia virá — e não está muito longe — em que o valor das terras e propriedades naquellas capitaes nortistas decuplicará, em que os seus nomes serão notaveis á face do planeta. A aviação e a aeronautica vão dar-lhes, sobretudo a primeira, o que o vapor ainda não lhes deu.

Isso é profundamente agradavel a todos quantos, cheios de patriotismo sincero, pensam, com desvanecimento, no futuro, no grande futuro do querido Brasil.

O que nem todos sabem

Os egypcios bebem, ha muito tempo, bebidas fermentadas e, sobretudo, vinho de cevada, que se approxima, pelo paladar, da nossa cerveja. O povo modesto se contenta com uma cerveja preta fabricada com milho e que ainda é de uso corrente na Abyssinia.

Mas, já no antigo Egypto existiam ligas officiaes ou particulares para combater o alcoolismo. Extinctas, entretanto, as multiplas dynastias dos pharaós, ninguem sonhou em fazer promulgar uma lei de prohibição.

No emtanto, tudo chega, e a lei secca se impõe, segundo parece.

•

A primeira operação cesareana praticada em uma pessôa viva foi feita, com todo o exito, por Jacob Nufer, no anno de 1500.

•

Por que se dá a designação de "pot-pourri" a uma musica composta de varios trechos conhecidos?

Um escriptor do seculo XVIII, Tuet, refere que o termo "pot-pourri" era, outrora, do dominio culinario. Assim se chamava uma especie de cozido, que comportava fragmentos de carneiro, de vitella e diversos legumes, além de toucinho. Ainda hoje é usado na Hespanha um prato que tem o nome de "olla podrida"; compõe-se de varios legumes, vinagre e agua. E' uma sopa. Na linguagem musical, esse conjunto de hervas differentes suggeriu a idéa de dar a mesma denominação aos trechos musicaes de diversas procedencias, sem relação entre elles.

•

A maior cisterna do mundo está em Constantinopla. E' um immenso deposito subterraneo de agua, a que os turcos chamam "Yeré-Batan-Serrallo", e cujo accesso é como o de uma casa qualquer. No pateo desse edificio se encontra uma rampa de areia muito fina, e descendo por ella se chega á porta do mysterioso "Palacio das Aguas".

•

Na Costa do Ouro, região africana, habitada exclusivamente por pescadores, não se trabalha nas sextas-feiras, dia consagrado á veneração do deus do mar.

•

Um avião trimotor da Imperial Airways acaba de bater o record de velocidade na travessia aerea de Londres a Bruxellas, fazendo a viagem em noventa minutos.

•

Os bibliophilos yankees são muito affeiçoados á historia. Tudo o que se relaciona com o Novo Mundo, na época do descobrimento, alcança grande valor entre elles.

Ainda ha pouco, um desses colleccionadores descobriu que a primeira conta feita por um alfaiate na America foi enviada a Hernando de Soto, em 1536, alguns annos antes de descobrir o rio Mississipi.

Faz mal á cutis o mar?

É o que muitas mulheres temem. Effectivamente, os banhos de mar, os banhos de sol, a vida de praia, podem ser grandes factores na conservação e recuperação da saude, mas, tambem, podem sel-o da completa ruina da cutis feminina si não são tomadas a tempo as devidas precauções.

A agua salgada, o ar maritimo, os fortes raios de sol exercem uma notada influencia deploravel sobre a pelle, obscurecendo-a, queimando-a, endurecendo-a e resecando-a. Para evitar todos estes inconvenientes deve-se applicar á cutis, todas as noites, antes de deitar-se, uma ligeira camada de Cera Pura Mercolized, fazendo-se logo uma suave massagem. Deste modo obtem-se que a pelle conserve sua tenção natural e o encantador aspecto da primeira juventude.

Este notavel e efficacissimo processo de "mercolização" da pelle permitte a toda a dama, e a todo o homem tambem, o mais completo desfructe da vida de praia, sem que haja logar para qualquer preoccupação a respeito do estado em que, depois da estação, virá a ficar a cutis. Ha mais: a cutis, graças á acção regeneradora e vivificante da Cera Pura Mercolized ficará mais limpida, mais enrijecida, mais formosa que antes.

Cêra Pura Mercolized

(em inglez: **"Pure Mercolized Wax"**)

Em todo o Mundo, em todas as pharmacias, perfumarias e lojas que vendem artigos de toillette.

O ULTIMO COSSACO

De RAFFAELE CARRIERI

— Russo?

— Não. Egypciano do Cairo.

— Está certo disso?

— Certissimo!

— Muito bem. Sou Toptoff, russo do Don, ex-principe, agora apenas emprezario do *Caveau Caucasien*.

— Estou verdadeiramente commovido em travar conhecimento comvosco, caro principe...

— E eu contente tambem, sympathico joven. Tu, como eu, tens no sangue a esteppe. Não podes ser nem *hespanhol de Madrid*, nem *Egiptian of the Cair*, nem *ruschi de Moscova*, mas unicamente filho da esteppe como teu avô, cossaco, tombado heroicamente na campanha da Criméa.

— Estranho! Nunca m'o disseste!...

— Eu, aqui em Paris, para uma companhia anonyma (capital americano derramado em dollares ouro), tomei sobre os hombros o sagrado encargo de recolher sob a antiga e gloriosa bandeira os exemplares mais perfeitos da nossa raça perseguida, e assim formar, em plena Paris, o recanto mais russo do mundo. A minha collecção de cossacos (cada um tem um metro e noventa de altura), equipados com armas provindas directamente do Museu de Guerra de Petrogrado, e vestidos com authenticos uniformes da Guarda, poderia ser, na verdade, incluida como estatuas vivas nas preciosidades do Louvre. Kichtnif, o cozinheiro que serviu durante trinta annos a Nicoláo II, é dos nossos, assim como Roscoff, o mestre de cerimonias da côrte. Temos um corpo de baile de doze bailarinas, que possuem as vinte e quatro pernas mais expressivas da Santa Russia, e uma "troupe" de nobres decahidos que cantam, como anjos, as velhas arias do Volga.

"Conheces o general Pabinoff, o famoso general crucificado pelos chinezes na guerra da Mandchuria? Pois bem, é o nosso porteiro! Veste ainda o grande uniforme e traz o peito num esplendor de condecorações.

"O marechal Yocha, quando vem ao nosso centro, convida-o para a sua mesa, chamando-o camarada, e não faz mais do que amaldiçoar Lenine em altas vozes, compromettendo de cada vez a democratica França do barrete phrigio.

"Meu caro rapaz, quando o principe Toptoff fala com quatro olhos de seu Centro, agarra sempre um negocio qualquer. O par precioso dos teus olhos de amendoa, olhos esquisitos de sentimental, vale mais do que o general Papinoff em grande uniforme, e estou certo de que, concluido o contrato, esvasiar-se-á uma boa parte do *vodka* engarrafado, já lá vae um seculo, no Palacio de Inverno.

"Não sorrias! Conheço o teu *papel* de ingenuo tão bem como a astucia que possuo, e nem um unico capitulo de tua *realidade aventureira* me é desconhecido. Eu, como o velho sabio Honorato de Balzac, vou sempre primeiro ás investigações.

— Em cada russo dorme sempre um philosopho!...

— Não tergiversemos. Se estivesses deante de uma herdeira americana, essa tua sentença teria sido a mais elastica das molas para fazer saltar a minha personalidade mais encoberta de creatura atormentada. Tenho um methodo para cada negocio. A amizade de Gorki e a barba branca de Tolstoi, ha tres mezes, fizeram-me levar a effeito, na America do Norte, uma *tournée* magnifica, de que resultou para mim o mais bello *villino* de Dauville. Mas ponhamos fim ás parolices. Teremos tempo bastante para nos comprehendermos depois que mudarmos de nacionalidade...

"Se nasceste nos Pampas ou sobre a muralha de um Fjord, que importa? O melhor testemunho de origem está no teu olhar de raça. O rosto enigmatico, como gravado a buril, é o prologo mais pittoresco que se possa inventar para uma sociedade de primeirissima ordem. Depois, um homem como Ali não pode ser egypcio por toda a vida, sem apanhar uma insolação mortal.

— Em summa, quereis a toda a força fazer-me morrer enregelado na Siberia?

— A minha, é uma Siberia perfumada e aquecida com o *comfort* mais confortavel da Inglaterra. Certo a arvore da lua no *Bois de Boulogne* ter-te-á distillado muito gelo no sangue. Dentro de dez dias não terás mais o hotel e o teu estomago estará mais vasio do que um tambor. Um mez ainda de semelhante gymnastica sueca reduzir-te-á á vida de fakir nas feiras da provincia ou ao homem aranha do *Palais de Attractions* al *Moulin Rouge*. Não será a primeira vez que descerás assim; és um rapaz que não se impressiona com pouca cousa. Além de *sguattero* de Piccardi, no *boulevard dos Italianos*, foste couraceiro de Napoleão nos films da Gaumont, falso vendedor de perolas chinezas e o homem *sandwich* do sabão Bebé Cadum.

— Quem vos disse todas essas cousas?

— Os teus amigos esfarrapados da *Rue Lépin*, de *l'Ermitage*, que quando não jogam xadrez, se divertem a escalpellar o proximo. Não te espantes assim! E' o noviciado de todos os homens de dias vindouros, dos homens que chegam a Paris com os sapatos rotos: a melhor recommendação para fazerem parte da minha *troupe*.

"Um passado como o teu é digno de toda a consideração. Sem elle farias agora provavelmente de mecanico da Citroen ou vendedor a preço fixo da Lafayette. Optima carreira para um moço de familia, mas muito enfadonha para um caravaneiro do Sahara, que aspira ao filão de ouro e quer chegar ao fim sem suar muito.

— Contaram-lhe isso, tambem, aquelles cães hebreus?

— A primeira vez que te ouvi falar da decima oitava dynastia dos Pharaós, e da escripta enigmatica e dos hieroglyphos, admirei a tua incomparavel face tostada, envernizada, de sarraceno, que fazia esbugalhar os olhos ás mais elegantes mulheres da *Place Pigalle*.

"O deserto de ouro, largo, immenso. O oasis com os frescos veios dagua nascente e os leques de bronze das palmeiras; os cavallos desenfreados, as adolescentes arabes de formas torneadas; a tenda nómade do beduino-poeta, as canções dos namorados, sob os jardins de ouro das noites primaveris; todo o Oriente, com os seus *narghilé* e os seus *harem*, com as suas orações no deserto, com os seus *muezzin*, revivia através das tuas oleographicas descripções, perfumadas de nostalgia e de recordações. Fumavas como um turco de Constantinopla, e comias tamaras de Algeria que te offereciam as tuas admiradoras para tornar-te mais brando o exilio. A' noite, passavas da terra mysteriosa para os sonhos de amor.

"Se os teus amigos de *l'Ermitage* continuassem a jogar uma eterna partida de xadrez, estarias a saborear ainda os mais esquisitos manjares nos *Restaurants des Champs*

HEMORROIDAS

POMADA ADRENO STYPTICA MIDY
SUPPOSITORIOS ADRENO STYPTICOS

Elisées. E, em logar de tomar fresco junto a uma moita de rosmaninho, encontrar-te-ias a sonhar os sonhos mais roseos deste mundo, no teu appartamento de solteiro, mobiliado com falso Luiz XV, e eu não me acharia aqui a propor-te negocios e nobres resoluções...

"Mas, antes de ser um optimo emprezario de idéas muito amplas, sou um homem que nada em abastança. Retomarás, como russo, a collecção completa de bellas damas que perdaste, morto o egypcio. Tratar-se-á apenas de mudar o scenario. Para ellas, o camello ou a *troika* é o mesmo. Em logar do deserto de areia, haverá o deserto de neve, com o *izba* e os mugiks philosophicos. A doçura do Oasis não é mais poetica do que um bivaque ás margens do Neva, ao pé de um bello toro em fogo, a lançar fagulhas, e as cupolas de ouro do Kremlin valem bem as esphinges dos Pharaós.

"Podes ser primo de Alexandre Feodorowna ou consanguineo de Rasputin, sem que ninguém t'o conteste. A tua vida de gran senhor, rota com a ultima revolução, teve paginas de tremenda realidade. Todas as vezes que a arejares em publico, apresentarás uma face de tragicas recordações. Com algumas pinceladas de estylo, falarás das jornadas vermelhas de Mosca, das pilhagens, das animalidades dos invasores, precisando o numero das pessôas que viste decapitar. Entre um suspiro medido e uma lagrima assomada no momento opportuno, falarás da ultima visita feita á Czarina em Ekaterinenburg, exaltando-te com o sangue frio demonstrado por ella deante do pelotão de execução.

O ultimo cossaco

(Conclusão)

"Ah! Ah! Ah! Caro amigo, a vida nada mais é que phantasmagoria. O destino é um jogo feroz; vence aquelle que melhor trapaceia. Os dollares da minha sociedade americana não são senão os marcos-ouro de um hebreu de Lipsia, e tambem o meu nome de principe foi pescado num romance russo de autor francez.

"Poincaré e Rotschild, Gocha e Mistinguett, são os meus clientes, porque o caviar é preparado por Kiehtnif, ex-cozinheiro do paesinho; e o Wodka, fabricado em Marselha, tem todo um seculo de vida russa. Se Kiehtnif fosse apenas aquillo que é, isto é, um pobre diabo grego, segundo cozinheiro de uma companhia de navegação ingleza, e se o general Pabinoff, com a sua classica barba de Moysés dardejante, apenas um velho modelo de cinco francos á hora, nos ateliers de Montparnasse, eu não teria como clientes illustres personagens. Quando eras tu, apenas tu, dormias sobre as chatas do Sena, entre os carregamentos de carvão; mudando mais de officio do que de camisa. Depois, como eu, á força de frio e de fome, descobriste o jogo de cada farça e a verdadeira mascara de cada rosto; revestindo a miseria com o traje multicôr dos arlequins, tu te divertiste com o proximo. Depois de tudo, enganando-o, nada mais fizeste do que illudil-o, levando-o a sonhar com as grandezas absurdas dos paraisos artificiaes, com aquillo que a monotonia cinza de todo dia não lhe podia dar.

Agora toda essa gente tem necessidade de novidade e exige numeros extra e novos repertorios. Offereço-te o meio de valorizares o segundo personagem, que já respira em ti. O contacto é optimo, sob todos os pontos de vista, e parece que me expliquei sem sub-entendidos. Acceitas?

— Apenas, para vingar meu avô! Quero ser digno do seu heroismo!

— *San Gennà, m'é fatto 'o miraculo: chisto é nu guaglione overamente ammartenato!*

— *Qu'est-ce que vous avez dit?*

— *Perdão! Eu vos agradecia, meu protector, em portuguez, que é a minha lingua materna.*

A que ama os esportes necessita MODESS

São toalhas sanitarias de incomparavel commodidade.

Alguns dias de indisposição não a obrigarão a permanecer em casa. Durante esses dias necessitará sentir-se commoda e segura de sua pulchritude. Modess, a toalha sanitaria moderna, proporcionar-lhe-ha uma tranquillidade até agora desconhecida.

Modess offerece maior protecção porque o seu chumaço é muito mais absorvente que o de qualquer outra toalha, e porque o lado exterior é impermeavel. Modess é muito mais commoda, porque o enchimento é de flocos leves e a gaza está acolchoada por um processo patenteado.

Modess evita as incertezas dos methodos antigos, assim como a inconveniencia da lavagem, porque se dissolve na agua corrente. Além disso, Modess leva o nome de Johnson & Johnson, conhecido e afamado no mundo inteiro como fabricante de artigos sanitarios e hygienicos.

Adquira um pacote na sua pharmacia ou loja predilecta e convença-se de suas insuperaveis vantagens. Peça-a pelo seu nome —Modess—e repare que tenha a firma de Johnson & Johnson.

A TOALHA SANITARIA MODERNA

É um producto de Johnson & Johnson, a firma de confiança.

ZEYNEB (S. Paulo) — Não sou graphologo, senhora, Zeyneb. Sou apenas um vago amador de graphologia, que se diverte fazendo estudo de almas.

Ha quem jogue pocker, xadrez, foot-ball, o "bicho" e outros jogos de azar e sportivos. O jogo para essa gente é uma diversão. O meu recreio é estudar almas, através da graphologia. E só. Não faço profissionalismo.

Como, porém, verifique ser a minha sciencia levada a sério por muita gente, que me procura na redacção para se utilizar della, resolvi fazer-me remunerar. Mesmo porque a graphologia consome tempo — e muito — livros e paciencia. Não é pois uma sciencia que se pague com... insolencias.

Porque, é p r e c i s o notar, os consulentes, em geral, quando não me retribúem c o m descompostura, nem sequer me mandam um comezinho "muito obrigado".

Ora, si assim é, que ao menos eu fique com o dinheiro no bolso...

Não é pratico? E não é justo?

J. VENTURA MARTINS (3) — Meu caro poeta, eu havia perdido a sua ultima carta, onde o sr. teve a gentileza de me enviar copia de um velho poema da minha autoria e que se transviara num jornal qualquer. A sua carta está datada de 10-2-930. Encontrei-a entre cartas já respondidas.

O sr. me proporcionou uma bôa surpreza. Revi um aspecto da minha arte antiga e, francamente, não a achei inferior aos aspectos da actual.

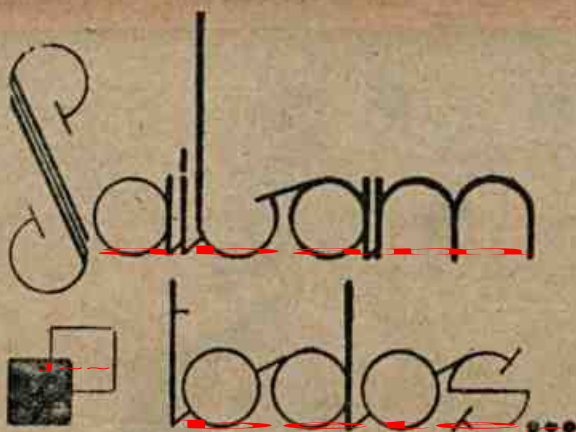
Será que toda não despertará interesse? O sr. mesmo já declarou que eu era uma mediocridade como muitas outras. Talvez o sr. esteja com a razão.

CELINA (Minas) — Não entendo nada de graphologia.

CAVALLEIRO MISTERIOSO (3) — Lamento não dispôr de um logar mais digno do sr. Peço-lhe desculpas si publico as suas estrophes no *Saibam todos*...

Antes, porém, leiamos a sua carta:

"Exmo. Sr. Yves — Saudações — Acompanho já ha muito, a interessante secção "Saibam Todos" da graciosa revista "Fon-Fon", em que V. Ex., mui competentemente, vem commentando os trabalhos que lhe são dirigidos de toda parte do Brasil.

A attenção que dispensa aos trabalhos enviados, para fazer a referida c r i t i c a, encorajou-me, embora desprotegido mas grande admirador das musas, a enviar-lhe os versinhos abaixo.

Peço-lhe, portanto, a fineza de tecer os respectivos commentarios nesta minha primeira producção, esperando ancioso o que lhes approuve e com antecedencia, penhorado, m u i t o lhe agradeço, subscrevendo-me, de V. Ex., um humilde admirador. — *Cavalleiro Misteriozo.*"

Passêmos agora ao primor da poesia:

CONSELHOS PARA VOCÊ

Você não fique convencida, não.
Por favor... Pois você não vê
Tudo de amôr que eu disse pr'a
[você
Não foi do coração...

Você precisa comprehender que a
[gente
Diz do amôr a qualquer mo
[mento...
E a gente diz aquillo indiffe
[rente...
Palavras para o vento...

Não pense que é despeito não
[porque,
Si a amasse muito bem sabia
Fallar esta coisinha pr'a você:
(Desculpe-me a ousadia.)

— Palavras não exprimem meu
[desejo...
Mas você, pequena convencida,
Conhecerá toda a minha vida
Num gracioso beijo...

Permitta-me apenas fazer-lhe uma advertencia de amigo: cuidado quando "fallar a coisinha p'ra ella", a sua amada...

O pae da moça é valente. Possue uma bengala de jacarandá. Depois, jacarandá é rijo, e dizem que móe as costas dos poetas da escola moderna do *verdismo*...

KIN-TO (S. Paulo) — Sim. Publicarei o *Carnaval*. Espere a sua vez.

PAULO GOULART (Capital) — Os seus versos vão ser publicados.

NUVEM (S. Paulo) — Hum! Que estranheza essa? A sua carta é um tanto ironica. Mas a verdade é que o seu texto é facilmente contestavel.

Escreve V. Ex., com uma ponta de admiração:

"Yves amigo. — Tenho em minhas mãos o ultimo numero da "Selecta", e acabo de lêr os versos *Tristeza*, de Santino Gomes de Mattos, e que me admira, pois o Yves no "Fon-Fon" de 14 de Dezembro de 1929 publica os versos Tortura da illusão, na secção "Saibam Todos" e diz no fim: Poderá um poeta ser mais rococó, mais [...]natico?

Na resposta e elle dado no "Saibam Todos", o Yves diz ainda: Seu poeta d'agua doce, a sua versalhada foi para a cesta. Os seus versos são andrajosos por tudo:

Pela pobreza do seu espirito, e a sua incultura literaria.

Como se explica isto, Yves? Agora na "Selecta", os versos em logar de destaque? Espero que o Yves, me dará uma explicação; muito grata pela gentileza, aqui fica a adimiradora.

Nuvem."

A resposta que devo-a V. Ex. é a seguinte:

1º — Si os versos criticados se intitularam "Tortura da illusão" e os que foram publicados tinham a epigraphe de — "Tristeza", é claro que são são os mesmos. Nem é preciso ser intelligente, como V. Ex. para chegar a esta conclusão...

2º — O poeta, naturalmetne, evoluiu. Produziu coisa melhor, de lá para cá.

3º — Como toda a collaboração em verso, destinado ao *Fon-Fon* passa pela minha banca, — salvo raras excepções — é claro que publicando o soneto de um poeta que já foi severamente criticado, agi com espirito de justiça. E prova isso que não tenho partis pris com os leitores desta pagina. Nem sequer lhes guardo o nome. Trato apenas de lhes fazer justiça;

4º — Esse facto depõe em meu favor. Mostra que me colloco em plano superior ás preoccupações mesquinhas daquelles que me suppõem egoista ou que sou impertinente demolidor.

CHARME (S. Paulo) — Não! Nunca mais! Sou inflexivel nas minhas attitudes. E sou tão leal que lhe assevero: — Essa superioridade que me attribue, atravéz do meu "espirito sonhador",

Velhice

Rins Doentes

Velho aos Trinta Annos!

Antigamente todos Viviam Mais de Cem Annos!

Só se morria de Velhice

SABEM todos os Medicos que nos tempos mais antigos só se morria de Velhice.

Os homens somente morriam moços e fortes ás vezes na Caça, luctando contra os Animaes Ferozes das Florestas, ou então nas Guerras, quando feridos em combate pelos Soldados dos Exercitos inimigos.

Eram as Féras, na caça, e as Guerras que matavam os homens.

Fóra disto, elles só morriam de Velhice, depois de terem vivido Mais de Cem Annos!

Mais de Cem Annos!

Sempre assim.

Porque hoje em dia é a Vida tão curta?

Porque, em geral, todos cometem e praticam as maiores imprudencias, que arruinam e sacrificam a Saúde.

A razão é esta:

Todos sofrem do Estomago e intestinos, e assim, depois de algum tempo, ficam sofrendo tambem das mais perigosas Molestias do Coração, da Cabeça, dos Nervos, do Sangue, do Figado, dos Rins e a terrivel Arterio-Esclerose.

Hoje, muito antes de Trinta Annos de idade, os homens começam a perder os cabellos, ficando calvos muito depressa; aos quarenta annos já parecem Velhos, com perda de memoria e das forças.

São certos orgãos do corpo, principalmente os Rins, que estão sofrendo, em consequencia das Fermentações Toxicas no Estomago e intestinos.

Com isto, pode-se até morrer de repente!

Para viver muitos e muitos annos e não ter nunca tão Dolorosas Doenças, tenha o seu Estomago e intestinos sempre bem limpos e bem fortes, usando **Ventre-Livre.**

Nunca esquecer:

Só se pode curar Dor de Cabeça e qualquer Molestia dos Rins, tratando-se bem o Estomago e os intestinos.

Não use Nunca e Nunca remedios Fortes e Violentos.

Seja Prudente: Trate-se!

Use **Ventre-Livre**

não consente que perdôe offensas frias e calculadas. Si V. Ex. é vaidosa, — tambem tenho direito a uma parcella dessa mesma vaidade. Não a queira só para si... E' egoismo...

DR. PHILO (R. G. do Sul) — Só dou a minha opinião sobre os trabalhos literarios que me enviam, quando os seus autores m'o pedem. Não conhecia esse poeta modernista, nem tenho nada com os seus processos.

Basta de inimigos. Não quero comprar inimizades.

JOÃO RAMOS (Capital) — Oh, Deus do céo! Lá vêm elles! Elles, os poetas! Que avalanche! De dia para dia, cresce o numero delles! Que horror! Soccorro! Soccorro! Eu chamo a policia! senhores! piedade! Uma folga, um allivio! um repouso! Mandem prosa! Prosa! Contos, fantasias, commentarios, chronicas, *sueltos*, — mas, por Nossa Senhora dos Jornalistas! dêem um basta nos sonetos!

.. ..

Felizmente, a crise já passou. Pensei em chamar a Assitencia. Quasi me vi na Praia Vermelha. Andei tonto, desorientado, maluco...

Mas, sr. João Ramos, o seu soneto escapou da cesta com grão 1. Porque está fraquinho que dá pena.

Em todo caso, espere que elle appareça.

SEVERINO FELICIANO DA SILVA (Parahyba) — Aqui vae a sua carta em papel de embrulhar *batatas*... portuguezas, onde tambem se encontra o seu soneto (?) *Nostalgia*.

Tenho esperança de que o sr. entrará no reino do céo — de accordo com o *Sermão da Montanha*... Já leu os *Santos Evangelhos*? Leia-os, e o sr. ficará muito contente.

Vejamos agora a sua obra prima:

"Illmo. Sr. Yves. Pela prezente venho solicitar o obsequio de publicar este sonéto no (Fon-Fon) se for acceita minha collaboração, sem ms. do Cdo. Odo. *Severino F. S.*"

NOSTALGIA

Como é triste, sentir-mo-nos so-
[sinhos,
E' uma vida cheia de amargura...
Ah! quem me déra estar-mos bem
[juntinhos
A contemplar a tua formuzura.

O teu olhar tão cheio de carinhos
A tua bocca tão mimosa e pura,
E como rosa quando d'entre os
[pinhos

SAIBAM TODOS...

Desabrochando cheia de candura...

Tu és o amor, a quem adoro tanto
E consolo de toda minha vida.
E's a imagem de todo meu encanto

Tu és igual a flor mais perfumada.
Tuas faces, parece duas rosas,
Teus lindos olhos, cor de uma
[esmeralda...

MARIA JOÃO (S. Paulo) — A sua carta, cartinha *jaune*, materialmente falando, não me causou bôa impressão. Não gosto dessa tonalidade. Ella recorda o ouro. E quando me lembro que é a falta delle que vivo de penna em punho, odeio o amarello como quem odeia uma mulher que nos illudiu o coração...

Lendo, porém, a sua missiva, cheguei á conclusão de que V. Ex. não era a creatura insipida que julguei pela côr do seu papel.

Escreve V. Ex. com o seu melhor estylo literario:

"Yves. Não sei em que modo lhe explique o socego que se apoderou de mim, quando ha tempos (lembra-se) vi, na secção do *Saibam Todos*, o acolhimento que deu á cartinha de Maria João. Eu, que estava triste, na grade do jardim, do lado de fóra, ergui a voz com timidez, julgando-a desafinada e rouca. Eis, porém, que você bondosamente suspendeu por um instante o côro alegre, e me acenou de longe, dizendo: Entoou bem!!

Ora graças! E desde então senti vontade de conversar com você; porque de facto é mesmo interessante e agradavel trocar idéias e ouvir opiniões elevadas de alguem, que só nos conhece de nome, e assim mesmo quando temos a coragem de lh'o revelar.

Agora por exemplo, sabendo-o poeta, e sentimental, desejo (se com isso se não enfada commigo) que me diga qual a impressão que experimenta ao terminar uns versos de lyrismo sadio (como os seus). E' enlevo? E' consolo? Será triumpho o que sente, ou tudo isso simultaneamente combinado?

Muito grata. — *Maria João.*"

Resposta:

1 — V. Ex. veio a descobrir a America um pouco tarde. Isto veio a saber que eu era poeta e sentimental. "Outros" já fizeram essa descoberta. Mas, felizmente se convenceram de que haviam tomado a nuvem por Juno. Porque a verdade é esta: — não sou poeta, nem sentimental. Sou apenas um burguez vulgar, preoccupado em ganhar a vida escrevendo o que não pensa, nem sente: O que eu *penso* é que um jornalista seria muito interessante, si possuisse um bungalow e um automovel. E *sinto* que a minha vida só deixaria de ser reles, si realizasse tres coisas: — vêr-me livre dos poetas d'agua doce, das melindrosas que dão trote e conseguir tirar a sorte grande... ou mesmo a pequena...

2º — Como me pergunta o que não sinto, depois de lêr "uns versos de lyrismo sadio", declaro que é achar-me longe de tudo quanto cheire a poesia.

Uff! Os poetas! Nossa Senhora dos Jornalistas; tende pena de mim! Livrae-me delles e dellas — —Amen.

BAHIANA (Bahia) — A minha opinião é desfavoravel aos seus versos. Mas isso não quer dizer que V. Ex. não seja capaz de fazel-os bons, futuramente. Tem qualidades para isso.

JOSÉ FREITAS COUTO DE MAGALHÃES NETTO (S. Paulo) — Dos seus sonetos só não aproveitei o *Volupia da Chimera*. O resto serve.

Aos nossos leitores. — **Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.**

* * *

GRAPHOLOGIA — ***condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico: 1º — Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo; 2º — O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual; 3º — A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica; 4º — Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.***

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO:

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

—

***FON-FON* — 7-6-930**

Data da consulta ....

Nome do consulente ....

....

completa a hygiene da bocca, pois, além de evitar a carie dos dentes, desinfecta e refresca a bocca, endurece as gengivas, combate o máo halito e evita as pedras.

Singular manifestação

COM a sua lyrica brasileira por excellencia, matizes pittorescos ha na vida de Bernardo Guimarães, patrono da cadeira numero cinco da Academia Brasileira de Letras, cujo primeiro titular, Raymundo Corrêa, o escolhe por motivo que seria curioso saber-se.

Raymundo, o juiz — poeta, como a este se refere Mario de Alencar num discurso commemorativo, austero e piedoso, lembra-se de dar á sua cadeira academica o nome de Bernardo Guimarães, o viajor dos sertões da provincia natal e provincias adjacentes, o homem do povo em cujos habitos se percebia manifesta extravagancia, o que muito bem se casava com os habitos do confrade e amigo Aureliano Lessa; porém, o gesto do primeiro titular deveria, certo, ser mui particularmente acompanhado da sympathia inspirada pelo lyrismo philosophico do patrono nalguma poesia sua, como "O Devanear do Scepico", cuja essencia perfumava a alma compassiva e bôa do saudoso aedo das "Symphonias", "Allelulas", dos "Versos e Versões". Nelles só por esse prisma encontramos leve aproximação, pois, quanto ao genio e vida particular de cada um, é perfeito o contraste.

Curioso seria saber-se o motivo primordial da escolha. Quem o poderá desvendar?...

* * *

Achava-se Bernardo Guimarães em Ouro Preto, o torrãozinho nativo, quando, certa vez, vae visital-o o confrade e amigo Aureliano Lessa.

Sciente a população da primêva Villa Rica do colloquio floral dos bardos insignes, julga opportuno fazer-lhes singular manifestação de immensa estima, ao som da banda particular existente na localidade.

O discipulo mais em voga do poeta dos "Cantos da Solidão", das "Novas Poesias", "Folhas do Outomno", o qual promovera a manifestação, tem prompto o discurso laudatorio com que pretende saudar o estimado mestre mais o talentoso confrade.

Estaciona o povo á frente da casa daquelle e pede chegarem ambos á janella. Gritos ecôam de todos os cantos, solicitando-lhes a presença. Os manifestantes vivam o poeta Bernardo Guimarães, vivam o poeta Aureliano Lessa.

Ninguem apparece!

Acabavam de jantar os dois amigos, fazendo a refeição regada com delicioso vinho; e parece mais haviam ingerido liquidos do que solidos, de fórma que se achavam pouco dispostos a ouvir discursos e muito menos a respondel-os.

— Que massada nos estão dando, seu Bernardo!

— Que caceteação nos querem dar, seu Lessa!

— Eu, porém, não vou lá!

— Nem eu...

Emtanto, os dois amigos já não podiam nem conversar, tal o barulho produzido pelo foguetorio, pelos gritos dos manifestantes, pelo desconcerto da banda. Uma barbaridade!

Era indispensavel pôr-se um paradeiro a tudo aquillo, pôr-se termo áquella cousa sem nenhum delles apparecer, para serem evitados os discursos; mas era preciso liquidar-se o caso debaixo de troça, afim dos circumstantes não ficarem desgostosos.

— Uma idéa... Dá uma idéa, Lessa!

— Põe mais vinho aqui, homem!

— Toma lá mais vinho, mas dá uma idéa!

— Vou-me embora amanhã. Posso dar idéa que te comprometta... Tu ficas aqui!...

— Não te impressiones commigo! Já estou com a cabeça ôca de aturar tanto barulho.

— Está bem, diz o visitante: tens um burro no quintal que poderia salvar a nossa situação...

— Muito bem! Quasi adivinho...

— Então, mãos á obra!

Foram ao quintal, trouxeram o pacato burro para dentro de casa, conduziram-no até á janella e ahi o collocaram com o pescoço esticado para fóra da sacada. Puxavam o barbicacho, e, com a cabeça, resignadamente ia o asno cumprimentando á direita e á esquerda, a modo agradecendo as palmas, os ditos picarescos no meio da algazarra ensurdecedora da singular manifestação.

HORMINO LYRA

Modelo RE - 45

Somente a Companhia Victor

podia criar um

Instrumento Musical como este

O mundo inteiro ficou assombrado ante a enorme perfeição alcançada com o Radio Victor. Até que emfim existe agora um apparelho de radio que é um *instrumento musical* em toda a extensão da palavra—um apparelho de radio que reproduz integralmente toda a escala musical. Este é o primeiro e unico apparelho de radio que, pelo seu *tom e sonoridade*, foi unanimemente recebido pelos artistas mais famosos do mundo e alvo dos mais lisonjeiros commentarios. A sua syntonização é instantanea, micro-exacta.

O Radio-Victor pode ser obtido só ou em combinação com a nova e maravilhosa Electrola Victor, o instrumento por excellencia que leva ao lar toda a musica do mundo, a sua musica predilecta, *quando V. S. assim o deseja*. Este instrumento reproduz *electricamente* tanto a musica apanhada do ar com a gravada nos Discos Victor. Jamais havia sido possivel obter uma reproducção tão magnifica e tão potente! Este instrumento o subjugará completamente e fará com que V. S. tenha uma concepção completamente nova sobre o prazer que constitue o musica no lar! *O novo Radio Victor com Electrola está amparado pela indisputavel e solida reputação da Companhia Victor*. Visite-nos e deleite-se ouvindo esta formidavel creação Victor!

DISTRIBUIDORES GERAES:

PAUL J. CHRISTOPH COMPANY

Ouvidor, 98 — Rio. S. Bento, 35 — S. Paulo.

A' venda em todas as boas casas do ramo.

O Novo

Radio-Victor

Micro-Synchronico

com ELECTROLA

VICTOR TALKING MACHINE DIVISION—RADIO-VICTOR CORPORATION OF AMERICA, CAMDEN, NEW JERSEY, E. U. da A.

Um bom ladrão

de

André Mirabeau

GONTRAN, o ladrão, entrou no aposento de M. Modinaut. Quem quer que o houvesse visto subir pela escada o teria tomado por um bom burguez que voltava á sua propria casa. Estava correctamente vestido, e, com uma tranquillidade inalteravel, começou a esvaziar os moveis, trauteando uma canção, como um honrado operario que começa seu trabalho. E, afinal, por que não podia cantar, si estava contente?... E o estava por dois motivos: primeiro porque era um prazer poder roubar em uma casa como a de M. Modinaut, que era um homem divorciado muito methodico. Sabia muito bem Gontran que todas as quartas-feiras M. Modinaut ia jantar com uns amigos, e que sahia de casa ás sete horas para só regressar á meia noite. Por conseguinte, ás sete e cinco minutos, todos os criados sahiam tambem, deixando a casa abandonada. Assim, podia escolher, tranquillamente, todos os objectos de mais valor. Em segundo logar, Gontran estava satisfeito porque lhe ia nascer um filho.

Póde-se ser, a um tempo, ladrão e bom pae de familia. No fundo, Gontran tinha bons sentimentos. Podia ter escolhido outra profissão. Mas a de ladrão era uma tradição de familia que atravessára varias gerações. Seu avô roubava na época de Napoleão III. Seu pae, no tempo de Felix Faure, e elle apenas fazia o que haviam feito seus antepassados desde os dias de sua mocidade.

Ha pessôas integras e austeras, de honestidade inatacavel, que não gostam de crianças. Em compensação, póde haver ladrões como Gontran, que as adoram. E Gontran, desde que sabia que ia ser pae, não cessava de fazer as seguintes reflexões:

"Si fôr menino, pôr-lhe-ei o nome de Maximiliano, e si fôr menina, Regina... Procurarei fazer bons negocios para que não lhe falte nada... E levar-lhe-ei brinquedos preciosos."

(Para elle, os bons negocios eram os roubos que lhe sahissem bem, e os brinquedos preciosos não pensava pagal-os...)

E continuava trauteando e enchendo sua valise com todas as cousas de valor que ia encontrando á mão.

De repente, se deteve... Sobre a mesa do gabinete de M. Modinaut acabava de vêr uma photographia. Tomou-a e ficou contemplando-a um momento... Representava um trecho de jardim, e uma linda menina sorrindo... Devia ter uns cinco annos, e era de rostinho redondo e gracioso, com bonita pelle... Talvez fosse a filha de M. Modinaut, que estivesse na companhia da mãe, após o divorcio... Gontran sorria olhando o retrato.... Que garota interessante!.... Quem sabe si a sua, sendo menina, não seria assim... Mas o tempo transcorria e elle não podia perdêl-o, distrahindo-se em taes reflexões... Gontran deixou a photographia, e proseguiu no trabalho de encher sua valise...

Subitamente, o telephone tocou... Gontran ficou indeciso, com uma miniatura que tinha na mão... O telephone continuava a tocar... Quasi instinctivamente, elle se aproximou do apparelho, e attendeu:

— Quem fala?

— E' Muette 21-22?

Sim — respondeu, embora não soubesse o numero.

— Está M. Modinaut?

— Não, senhora.

— E o senhor é o empregado delle?

— Sim, senhora.

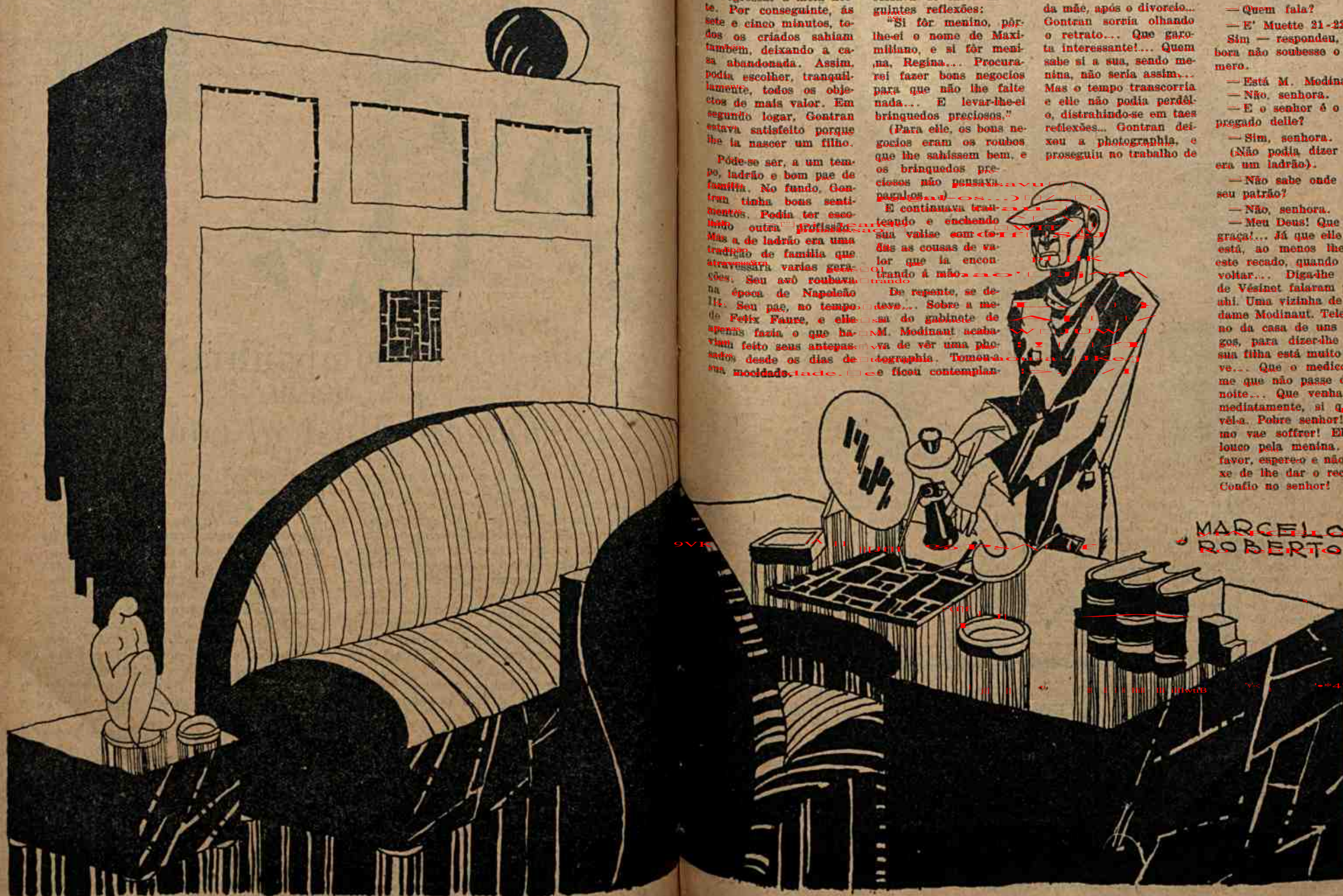
(Não podia dizer que era um ladrão).

— Não sabe onde está seu patrão?

— Não, senhora.

— Meu Deus! Que desgraça!... Já que elle não está, ao menos lhe dê este recado, quando elle voltar... Diga-lhe que de Vésinet falaram para ahi. Uma vizinha de madame Modinaut. Telephono da casa de uns amigos, para dizer-lhe que sua filha está muito grave... Que o medico teme que não passe desta noite... Que venha immediatamente, si quer vêl-a. Pobre senhor! Como vae soffrer! Elle é louco pela menina. Por favor, espere-o e não deixe de lhe dar o recado! Confio no senhor!

PHRASES INFANTIS

De Gaston Guillot

AMAES as palavras infantis, as verdadeiras palavras infantis, aquellas que florescem espontaneamente os labios dos petizes, e não os outros, fabricados de todos os modos pelos novellistas? Por mim, confesso que ellas me dão alegria. Entram nellas tantos elementos diversos que nos alegram, quasi sempre, ora, pelo seu imprevisto, ora, pela sua logica esmagadora, ora pelo humor inconsciente e formidavel que nellas se patenteia, ora emfim pela sua doce frescura...

Em cada lar, ellas constituem um encantador repertorio que se gosta de folhear, nos dias de reunião familiar.

A desgraça é que se repetem essas palavras na presença dos seus jovens autores. Estes, orgulhosos com a importancia que se lhes dá ás reflexões, altivos dos risos que suscitam as suas palavras, procuram supplantal-as. E' ahi que se perdem. Acabou-se o condor das creanças. A sua ingenuidade se perdeu para sempre.

Dos frageis cerebros em ebulição, não saem senão idéas incolores, de onde é banida toda a graça ingenua.

Principio: não forceis as creanças a se tornarem "machinas de pazer phrases". Não as façaes crêr que ellas têm espirito natural, si quereis que ellas continuem a tel-os.

Esse preambulo ocioso não é senão um pretexto. Vós o adivinhastes? Estou ansioso para vos contar algumas dessas palavras. Minha unica desculpa, é que ellas são authenticas e que as ouvi eu mesmo... e que o seu autor me toca de perto...

Espero que ellas não vos importunem.

Rolando, quatro annos, mal se colloca á mesa. E' preciso reprehendel-o, ó grande dôr! E' necessario lhe mostrar uma severidade que não é sincera.

Sim, Rolando, o infortunado Rolando foi posto no leito, sem ter tomado senão uma sopa. Nada attenuou o rigor do castigo. Nada de legumes. Nada de sobremesa.

Rolando não dorme. Chora abundantemente. Depois, vendo que as suas lagrimas não nos commoviam, usa argumentos terriveis.

— Papa, papa, eu vou morrer..

Um pouco emocionado, temendo ter sido muito severo, papae se aproxima do berço do pequeno martyr.

— Que tens, gury?

E eu ouço num soluço:

— Vou morrer!... A minha barriga não está bôa.

No outro dia de manhã, ao despertar, elle me beijou com enthusiasmo. Elle me disse:

— Papa, como é que se faz um castigo?

Não soube o que responder.

Um dia, no jardim, elle se deteve, na contemplação de um velho que tosse, manquejando, preoccupado. Isso o commove.

Elle me olha e me confia os seus secretos pensamentos:

— Papa, eu queria ter filhos, mas não queria que fosses avô.

Ensinam-lhe o *Confiteor*. De repente, elle está á vontade para dizer:

— Pedro, Paulo, Miguel, João Baptista... Elles são todos como os meus collegas.

Papae e mamãe resolveram dar um caçula.

O nascimento está perto. Rolando não assistirá ao acontecimento. Fica decidido que irá para fóra durante algumas semanas. Irá para a praia.

A perspectiva de brincar á beira-mar o encanta. A idéa de deixar os paes o entristece. De pensar que não verá o recem-nascido, elle se desola.

E no cáes da estação, antes do beijo de adeus, elle confia a sua magoa a seu pae.

— Papa, quando eu voltar, meu irmãosinho me reconhecerá? Que fará elle para saber quem sou eu, si elle nunca me viu?

Quando elle regressa, confrontam-n'o com o bebé:

— Ah, como elle é pequenino! exclama.

Depois, julgando que nos fôra com o seu julgamento summario, rectifica:

— Mas é gordinho, mesmo assim...

A' beira-mar, um dia, elle contempla os seus camaradas que, mais felizes do que elle, vão fazer um passeio de barco.

Elle fica na praia, vexado de ter sido mantido á distancia daquelle prazer.

O barco se afasta. Rolando se magôa. Diluvio de lagrimas. Pobres gotas salgadas, caindo das palpebras, misturando-se á onda marinha.

Acalma-se, no emtanto.

E ao fim de um quarto de bora, elle se dirige a um amigo, que o espreita de soslaio:

— Sabes, Raymundo? O barco... Não penso mais nelle. Ora! E' uma tolice... Não achas?

Ao meio dia, lhe offerecem um pacote de brochuras, em nome do director da sua escola. Ás quatro horas, elle volta com o embrulho.

— Não viste o director?

— Sim. Mas como elle não me disse bom dia... foi como si o não tivesse visto...

Seria pueril dar muita importancia a essas reflexões infantis e tirar dellas conclusões graves e profundas...

Mas não achaes vós que certas phrases desse *baby*, de quatro para cinco annos, são susceptiveis de fazer inveja a um autor comico, encanecido na sua profissão?

UM BOM LADRÃO (conclusão)

— Sim, senhora.

A voz calou-se... Gontran desligou o apparelho e ficou immovel... As palavras sua "filha está muito grave" lhe ficaram gravadas na alma, e ao recordál-as, os olhos se lhe humedeciam...

A valise estava aberta no meio do aposento... Gontron pensou que quando M. Modinaut chegasse em sua casa, em vez de saber da gravidade de sua filha, apenas saberia que o tinham roubado... Emquanto que lá em Vesinet estariam esperando ansiosamente sua chegada, convencidos de que o empregado teria transmittido a noticia...

Gontran continuava absorto... Indignou-se contra si mesmo... Afinal de contas, que tinha elle com o caso?... Seus olhos, insensivelmente, de novo se fixaram no retrato, onde sorria a menina... Que devia fazer? Esperar M. Modinaut? Impossivel!

Depois de uns crueis minutos de duvida, tomou uma resolução... Foi tirando todos os objectos que já tinha collocado na valise e repondo cada um em seu logar... Em seguida, se aproximou da mesa, tomou um papel, e escreveu as seguintes linhas:

"Sua filha está gravissima... Esperam-no em Vesinet."

E mettendo a carta em um enveloppe, e com a indicação de muito urgente, sahiu da casa de M. Modinaut, fechando a porta, que, ao entrar, abrira com gazúa, e mettendo a missiva por baixo da mesma...

Depois desceu a escada, com sua valise vazia, mas satisfeito de ter praticado uma bôa acção.

E' que Goutran era ladrão que tinha estes tres excellentes sentimentos: o amor, a delicadeza e a bondade.

M. C.

R.H.
Leandro
Martins e Cia
Decorações - Moveis
Architectura
rua do Ouvidor 93-95
Rio.

A mais bella

SI alguem perguntasse a Domitilla Arévalo si sabia qual era a mulher mais bonita e espiritual de Villa Equis, de certo ella não hesitaria em responder:

— Eu.

E não só se enganaria como daria uma nova prova de seu convencimento. Porque ella tinha a pretensão de ser a mais linda mulher da villa. Não lh'o havia dito o espelho, porque o espelho não sabe mentir, mas lh'o disseram muitos amigos que em varias occasiões tinham aspirado a conquistar seu coração com seu amor, esquecidos de que o coração de Domitilla só podia ser conquistado com uma grande figura de *gentleman*, ou com titulos pomposos, ou com um invejavel deposito no banco.

Domitilla Arévalo não nascêra para ser espelho de mulheres discretas e uteis. Nascêra mais para brilhar em meio de uma côrte de adoradores, passear como uma rainha e ter sob seus pés as outras mulheres. Mas, apesar de ter nascido para tudo isso, não tinha outro remedio sinão conformar-se com seu destino e acatar a vida como se lhe mostrava: isto é, fria, dura e o mais prosaica imaginavel.

Suas amigas, menosprezadas pela convencida, pensaram um momento que a melhor attitude que podiam adoptar era dar-lhe tambem o desprezo. Mas, pensaram melhor, e não acharam nada mais efficaz do que seguir-lhe a corrente e convencêl-a de que, com effeito, era ella a mais encantadora criatura, e que assim merecia o titulo de rainha.

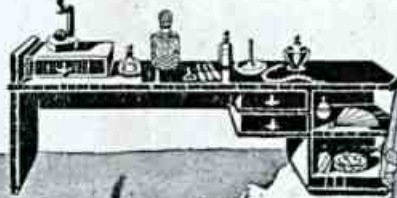
Não foi preciso que lh'o repetissem muitas vezes, para que Domitilla o acreditasse a pés juntos. Si lhe dissessem o contrario, ella o teria acreditado da mesma fórma. Confabulando, todas as moças da villa idearam a realização de um torneio de belleza, no qual, despeitados, os innumeros cortejadores reppellidos votariam contra Domitilla, fazendo-a morrer de vergonha, suppondo que fosse ella capaz de tanto.

E como o pensaram, mediante o concurso dos jovens da sociedade local, o fizeram.

* * *

O resultado do concurso não poude ser mais deploravel para as muitas organizadoras. Longe de ser Domitilla Arévalo vencida pelas outras, graças ao voto contrario de seus despeitados galanteadores, seu triumpho foi soberbo, unico. Deante do inesperado resultado, todas as suas amigas estiveram quasi a pôr a bocca no mundo, confessando que aquelle torneio não tinha nenhuma seriedade e que fôra promovido unicamente para ridicularizar a *formosa de Villa Equis*, como ironicamente a chamava o chronista social de *A Equis Maiuscula*.

Si muita e bem grande foi a satisfação de Domitilla Arévalo por sua victoria, que suppunha sincera e justa, depois, quando um amigo confidencial lhe revelou o complot que se urdira para ridicularizal-a e humilhal-a, em vez de chorar, indignada, sorriu machiavelicamente, porque para ella foi outro grande triumpho o tremendo fracasso de suas amigas!

— Si, apesar de opposição geral, triumphei — dizia —, nã

De José M. Braña

cabe duvida de que foi a mais formosa das mulheres daqui.

E, em que pese a tudo e a todos, Domitila Arévalo ficava publicamente reconhecida como a mais bella das moças de Villa Equis.

* * *

Passou o tempo, e Domitila, sem comprehender a razão daquella anomalia, foi sendo testemunha da felicidade de todas as suas amigas. Uma após outras, todas foram contrahindo matrimonio com os jovens mais distinctos da villa. Só ella já não era cortejada por homem algum. Todos se mostravam affectuosos e galantes com ella, mas nenhum passava dahi.

Isso, naturalmente, a indignava. Crispava-lhe os nervos. Como era que nenhum homem, vaidosos que são todos elles, sentia a necessidade de passear com ella, de braço dado, para se vangloriar da seu dom seductor e para causar ciúme e inveja a outros? Isso, que não era um mysterio para ella, era, ao mesmo tempo, algo superior a suas forças.

Um dia, não podendo mais conter-se, interpellou a um dos jovens da sociedade local que já havia mantido com ella um pequeno flirt. Ao retirar-se, cortez e cerimonioso, Domitila o reteve:

— Diga-me uma coisa, Gorito: por que você foge de mim?

— Eu não fujo de você, Domitila.

— Foge, sim.... Eu o sei, eu o vejo claramente... Por que não me diz a verdade?

— Bem, Domitila: dir-lhe-ei a verdade. E' que gosto muito de você.

— E acaso é esse um motivo para que fuja de mim?

— Sim, porque você é muito bonita; porque você foi proclamada a rainha da belleza de Villa Equis, e não póde descer a corresponder a mim, que sou tão insignificante cousa. Até outra vez, Domitila, e perdôe-me.

Quando Gorito partiu, Domitila se poz a chorar amargamente. Sua mãe foi consolál-a. E quando soube a razão do pranto de sua filha, sentenciou:

— E' assim mesmo, querida. Que diriam si te apaixonasses de um homem qualquer, sendo como és a mais bella da villa?

— Pois eu renego esta belleza que me faz padecer tanto e que me fará morrer solteira e infeliz. Unir-me-ei ao mais humilde e insignificante dos homens. Hás de ver si não.

* * *

Um mez depois A Equis Matutina, em sua secção Sociaes, publicava, com destaque, a seguinte noticia:

"A sociedade de Villa Equis sente-se horrorizada. Domitila Arévalo, a rainha da belleza, se apaixonou perdidamente por um joven que está muito por baixo della. Si se realizar esse casamento, toda Villa Equis se sentirá offendida. Domitila Arévalo só póde unir-se a um homem excepcional, que não existe em Villa Equis. A opinião geral a aconselha a esperar esse homem".

O commentario mordaz, aggressivo, surtiu seu terrivel effeito. Domitila Arévalo, escrava dos convencionalismos, ainda espera o homem excepcional. E esperando-o, vê murchar seu rosto e sente que se lhe gele o coração...

A melhor recompensa

De Angela Rousset

O senhor Sebastião fechou atraz de si o portão do chalet e percorreu com o olhar toda a rua. Depois, voltou-se para admirar a casa bella propriedade que chamava a attenção de todos os transeuntes.

Nos outros dias, sua esposa descerrava as cortinas da janella do primeiro andar, e o saudava mais uma vez. Hoje, occupada, sem duvida, com os meninos, não appareceu, e o senhor Sebastião rumou para a estação distante poucos quarteirões da casa para tomar, como todos os dias, o trem que o levaria até o centro, onde exerce suas actividades.

Ao chegar ao segundo quarteirão, voltou-se novamente. Ainda divisava sua casa. Deteve-se.

A manhã era cinzenta. O vento frio, que soprava desde a madrugada, açoitava as arvores, dobrava as folhas, varria-as em redemoinhos formando espiraes no solo, para levantal-as depois com uma rajada brusca, dando a impressão de que voavam.

O senhor Sebastião consultou o relogio. Sem perceber, havia ficado distrahido, seguindo com os olhos as folhas que se dispersavam pelo vento. Recomeçou sua marcha.

Talvez a manhã fria, tão propicia para se ficar no calor do lar, tenha influenciado desfavoravelmente sobre seu espirito, mas o certo é que, de repente, se sentiu entristecido.

Foi um desses momentos em que, sem motivo apparente, o animo desfallece, e a cujo influxo não póde fugir nem mesmo o homem de vontade mais forte. E o senhor Sebastião era um homem de têmpera. Iniciado no commercio desde muito joven, conseguira o que tinha lutando tenazmente com a sorte. Seus negocios prosperavam. Não podia queixar-se. Mas era preciso não fraquejar, e lutar sempre, e afrontar e desafiar as competições — lutar, emfim, com o sem numero de obstaculos e contrariedades que diariamente se apresentam ao homem.

A passos lentos chegou á estação. O trem não se fez esperar. Subiu ao carro em que viu menos gente. Quando o comboio se poz em marcha, continuou o fio de seus pensamentos.

Sentiu-se espiritualmente muito esgottado. Como uma machina cujas engrenagens se deslocaram em virtude da continua movimentação, assim acontecia com suas energias.

E, não obstante, era preciso continuar lutando. Todo o seu capital estava empregado em seu chalet e em seus negocios. E depois... a familia. A esposa, cinco filhos. Todas as despesas necessarias para manter a casa. Nem podia sonhar ainda em descansar!

De estatura mediana, um pouco grosso, fronte ampla, olhos verdes, o senhor Sebastião representava menos idade da que tinha, mas hoje seus quarenta e cinco annos lhe pesam enormemente, como si os annos de trabalho se houvessem multiplicado.

Pensa com egoismo que, si não fosse por causa da familia, agora poderia desfructar daquillo que com justiça lhe corresponde. Pensa que de nada serve na vida sacrificar a juventude e as energias por uma empresa, acariciando a illusão de um descanso no futuro, porque, quando menos se espera, chega a morte e tudo destróe: obra, vida e aspirações. Pensa, emfim, que a vida é muito ingrata e que quem espera recompensa della, está illudido.

A jornada foi activa. Com tudo, as preoccupações não o abandonam.

A' noite, ao regressar do trabalho, vem cabisbaixo da estação. Ao chegar á esquina de sua casa, levanta a cabeça.

O vento que sopráva durante o dia arrefecêra, e a noite serenou.

No jardim brincam dois de seus filhos, os menores, que, ao vêl-o, correm ao seu encontro, gritando, cheios de contentamento: "Papaezinho! Papaezinho!"

Sua esposa espera-o. Entram na sala de jantar. A mesa está posta. Emquanto espera uns minutos pelo jantar, os meninos disputam a vez para contar as novidades do dia. O jantar é servido, e cada um occupa seu logar, mas continuam a alegria e os commentarios.

A mãe serve os pratos. Como sempre, começa pelo esposo. Este a olha em silencio. Tem ella trinta e oito annos e é ainda muito attrahente. De porte distincto, um pouco pállida, com uns olhos negros, grandes, muito expressivos, hoje um pouco tristes. O senhor Sebastião, olhando-os, se commoveu intellamente. Agora esses olhos lhe falavam de soffrimentos, de fadigas e de angustiosas noites de vigilia junto aos pequeninos leitos... Então, passeou o olhar por todos os filhos. Bellos, sãos, bons. Sobre cada um deteve um momento seus olhos cansados, como para despojal-os das más visões que o atormentavam durante o dia. Contempla novamente a mãe. Aquelles cinco filhos são sua obra. Sua grande, magnifica e delicada obra material e espiritual, que, sem alarde, nem protestos, em silencio, foi florescendo, e á qual nunca soubéra dar, até aquelle momento, o verdadeiro valor...

Toda a paz e toda a alegria que o esperam e o recebem quando elle chega fatigado das suas occupações são devidas áquella obra — fonte de doçura onde se apagam todas as amarguras, todos os dissabores da luta quotidiana.

Detém-se placidamente na contemplação daquelle tranquillo panorama de seu lar.

Envolve a todos os seus em um demorado e sonhador olhar... Vislumbra o futuro. Vê seus filhos varões, todos homens, avançando na vida, lutando, vencendo... Vê as filhas, mães carinhosas de um lar tão feliz como o seu... Seus lábios se entreabrem em um sorriso de immensa satisfação.

Sente-se renascer. Amanhã será outro homem para a luta e para os affectos. Já não sente os seus como uma carga, mas como um apoio, um alento...

Continuará trabalhando com a energia dos primeiros tempos. Trabalhando para os filhos, que são a melhor recompensa da vida...

BALÕES DE S. JOÃO...

DANTE ALVES BARBOSA

ESTÁ chegando a temporada de S. João.

Já esta noite acordei com o estampido de uma "cabeça de negro".

Não tarda que, na lógica da preta velha lá de casa, o santo a quem se festeja com tanto barulho comece o seu somno comprido.

Dura muito a dorminhoquice de S. João...

E' que, diz a velha Noca, si o meigo santo do cordeiro tivesse occasião de ver o quanto é festejado, seria tão grande o seu contentamento, que o mundo se acabaria.

Deus queira que elle se acorde este anno...

Estou tão triste!

O que eu mais aprecio nas festas de S. João são os balões coloridos cortando os ares, que não trazem tripulantes ambiciosos de medalha de ouro ou de bater "records".

E no meu cerebro de apaixonado começo a comparar esses balões com phases de amor do homem.

Vejam si não tenho razões:

Lá vae um balão que sahiu do começo de minha rua. A garotada já não se lembra mais delle. Elle, porém, veloz, cheio de luz, não deixa mais a gente distinguir as suas côres berrantes. E lá se vae tocado pelo vento, até que some entre as nuvens.

Eu comparo a isso um amor assim como o de Romeu.

Infinito. Feliz. Mais do céo que da terra.

Sobe outro balão. Talvez por ter levado pouca pressão, pára a pouca altura. Fica indeciso. E vem cahir nas mãos da garotada, que o estraçalha entre gritos.

E essa é uma das phases do amor masculino, que poucos romances avivam.

E' o amor infeliz! E' um homem que se apaixona por uma ingrata. O amor que envelhece os jovens.

Não gosto de ver esses balões.

Meu amor foi assim...

E o terceiro balão sóbe, revoluteia no ar e, por fim, cae devorado pelas proprias chammas de sua vida.

Ha tanta gente que, no auge de uma paixão violenta, se suicida...

AMERICA!

O que se está passando com os povos colonizadores, que, por circumstancias várias, depois do apogeu, cahiram em decadencia, ou estacionaram a sua civilização, é um phenomeno que, ao em vez de provocar piedade, faz vibrar a nossa indignação.

As nações da America, porque tiveram um desenvolvimento rapido, porque criaram uma civilização propria, filha do ambiente, emancipando-se dos principios carunchosos dos seus ascendentes, são, agora, satirizadas pelas velhas raposas, que não comprehendem a razão do largo vôo das aguias...

O inglez ri do norte-americano, porque este, trepado no arranha-céo, olha o *Tamisa* com certa displicencia...

Portugal atira-se contra o Brasil, porque nós até falamos, hoje, o brasileiro...

Os escriptores hespanhóes divertem-se em escrever novellas, criando typos ridiculos, que se movem num ambiente falso de selvagens e bandidos, como si os argentinos, bolivianos, peruanos e tantos outros povos da America hespanhola não tivessem sabido conservar as qualidades recommendaveis da sua velha estirpe.

Isto, sem duvida, representa um direito, o de esternecar, mas, mesmo assim, susceptivel de ser abrandado, acalmado pelo tacão da nossa bota...

America!

Este nome representa o grito de uma civilização nova, civilização plasmada pelo esforço individual, consciente, dos que trabalham livres da peia de conbenções risiveis, civilização que ha de vencer e dominar.

O resto não têm importancia...

ORIGINAL!...

Foi muito concorrido o casamento da senhorita Edith, em Botafogo, moça da nossa melhor sociedade. Uma de suas amigas, avida por saber o que ella recebera de pr sente, começou a remexer-lhe a cama, apalpando os embrulhos, cheirando as caixinhas...

— Isto é joia... Isso é um vidro de extracto... Aquillo são meias de seda...

Um envolucro, porém, chamou-lh a attenção. Era um frasco.

— Que será isto?

Picada por uma curiosidade invencivel, desembrulhou nervosament o frasco, leu-lhe o rotulo: — Metrolina...

E num cartão de visita, junto ao vidro: — Presente de tua mãe.

Só mais tarde, de pergunta em pergunta, é que veiu a saber que se tratava de um antiseptico possante, muito em uso na hygiene intima das senhoras.

KOHOUT
Escrava voluntaria
Os Incommodos Uterinos são como pesadas cadeias que acorrentam o sexo fragil ao desconforto de soffrimentos periodicos mais ou menos graves.
Entretanto, para se libertarem dessa angustiosa prisão, têm as Senhoras uma arma poderosa e infallivel — o uso d' "A SAUDE DA MULHER".
Toda Senhora que padece de incommodos uterinos é uma escrava voluntaria do Soffrimento, pois para combater esses males, basta usar o grande remedio
A SAUDE DA MULHER
A SAUDE DA MULHER

ANNO XXIV

FON-FON

NUMERO 23

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 7 de Junho de 1930

O Nobuhara do Ceará

João do Norte

NÃO faz muito tempo, um telegramma de Tokio, que, decerto, passou despercebido á maioria dos leitores de jornal, dizia ter o grande sabio nipponico Matasoka Nobuhara descoberto um meio infallivel de fazer chover, o que alegrou todos os cearenses patriotas, inclusive eu, que me tenho na conta de tal. Mais ou menos uma semana após a alviçareira noticia, a imprensa estampava este despacho de Lisboa: "A proposito das noticias procedentes de Tokio, no Japão, annunciando que o sabio Matasoka Nobuhara descobriu a maneira de provocar chuva artificial por meio de descargas electricas, recorda-se aqui o invento do padre Himalaia, portuguez, que, com detonações, formando ar numa pyramide quadrangular, provocara chuvas dentro da base dessa pyramide. Commentando o facto, os jornaes dizem que o sabio japonez póde se considerar propheta... em sua terra, porque em Portugal o propheta é o Himalaia."

Confesso, meio encabulado, que não comprehendi a graçinha á lisbôeta do final e muito menos o processo do tal padre de nome indú. Aquella pyramide quadrangular feita com detonações e formando ar, em cuja base cáe a chuva, não me entrou direito no bestunto, o que, entretanto, não me inhibe de apreciar o invento. A gente nem sempre é obrigada a comprehender perfeitamente uma coisa, para gostar della; muitas vezes, nada lobrigando, como o perú da famosa fabula de Florian, é que gosta melhor. Dahi ter eu apreciado profundamente a invenção do virtuoso sacerdote Himalaia.

Mas, como os lusitanos não deixaram passar a nova do invento do japonez Matasoka sem reclamar a prioridade della para o padre portuguez, padre-chuvedor como houve o padre-voador, eu, que me considero bom cearense, não posso consentir que taes novidades corram mundo sem que se faça a devida justiça á minha terra. O Ceará possúe tambem um inventor da chuva artificial, um emulo illustre de Nobuhara e do padre Himalaia. E' elle o notavel membro do Senado Federal, o engenheiro João Thomé de Saboia e Silva. S. Ex., quando presidente do Ceará, sentiu quanto é terrivel a eterna ameaça da sêcca sobre a cabeça dos seus pobres irmãos sertanejos e decidiu, no seu fôro intimo, libertal-os de uma vez dessa calamidade. Depois de longas vigilias, de penosos estudos, de profundas meditações e da resolução de equações e formulas em verdade abracadabrantes, elle inventou dois apparelhos de fazer chover, segundo modestamente declarou mais tarde, numa entrevista com o representante do *Correio da Manhã*: uma machina grande, que trabalhou algum tempo com ensurdecedor ruido no palacio do governo e não fez cahir uma gotta do precioso liquido daquelle céu inclemente; e a chamada *pistola de volta*, arma portatil contra a estiagem, destinada a ser usada pelos habitantes do sertão, afim de tirotearem as nuvens, obtendo a queda da agua nellas condensada. A pistola ficou somente em theoria. A machina, não, essa foi adquirida pelo erario publico, na administração do sr. Ildefonso Albano, pela insignificantissima quantia de duzentos contos de réis. Dizem os calumniadores que ella nunca mais funccionou. Ninguem é propheta em sua terra, affirmou com toda a razão o jornal portuguez. Pois é com a ninharia de duzentos contos que o Ceará teve a pretenção de querer pagar uma invenção destinada a salval-o de vez dum martyrio crudelissimo e historico?

Os leitores, decerto, estão sentindo vibrar o meu orgulho patriotico ao tratar deste caso. Elle poreja das frases que a minha penna traça sobre o papel. Tenho razões para isso. Emquanto o japonez Matasoka e o luso Himalaia inventam um simples processo pyramidal ou não pyramidal de fazer chover, o inventor cearense, o illustre engenheiro João Thomé inventa dois: — um fixo e um portatil — a machina e a pistola.

Deus meu! ergo para ti as minhas preces de cearense exilado: faze com que João Thomé seja ministro do futuro governo ou de novo presidente do Ceará para elle inventar a terceira machina e acabar com a sêcca!...

Num ambiente de rutilante esplendor, pelo effeito da sua ornamentação, das suas luzes douradas, e da alegria dominante, decorreu o sumptuoso baile que o Praia Club realizou em regosijo pelo novo serviço telephonico, automatico, com que foram beneficiados os bairros de Copacabana, Ipanema, Leblon e Gavea. Os flagrantes que estampamos nesta pagina nos mostram a festejada bailarina Vera Grabinska executando a sua creação «Dança do Automatico» e os directores do Praia Club em companhia do director do Departamento de Publicidade da Companhia Telephonica Brasileira, dr. Annibal Bomfim.

Nos salões do Praia Club fulgiram, por occasião do baile de sabbado ultimo os mais lindos sorrisos de Copacabana. Sorrisos que, ás vezes, a gente ouve mas não vê... pelo telephone...

PILIGRANAS

Os americanos, que, apesar de praticos, são essencialmente supersticiosos, espalharam pelo mundo a crença naquillo a que chamam numerologia. Essa pseudo sciencia ensina a calcular, pelo valor numerico attribuido a cada letra do alphabeto, si o nome dum individuo é fausto ou infausto. E a humanidade toda anda por esse mundo afóra a formar letras e a modificar ou a orthographia dos seus appellidos ou elles proprios, até conseguir um resultado promettedor de felicidade.

Ora, si a numerologia é, em verdade, uma sciencia exacta, chegada é a idade de oiro outra vez. Basta cambiar um t em l ou um s por z para obter a fortuna. E quem a não desejará mediante esforço tão modico?...

Arvore do Bem e do Mal

Claudio França

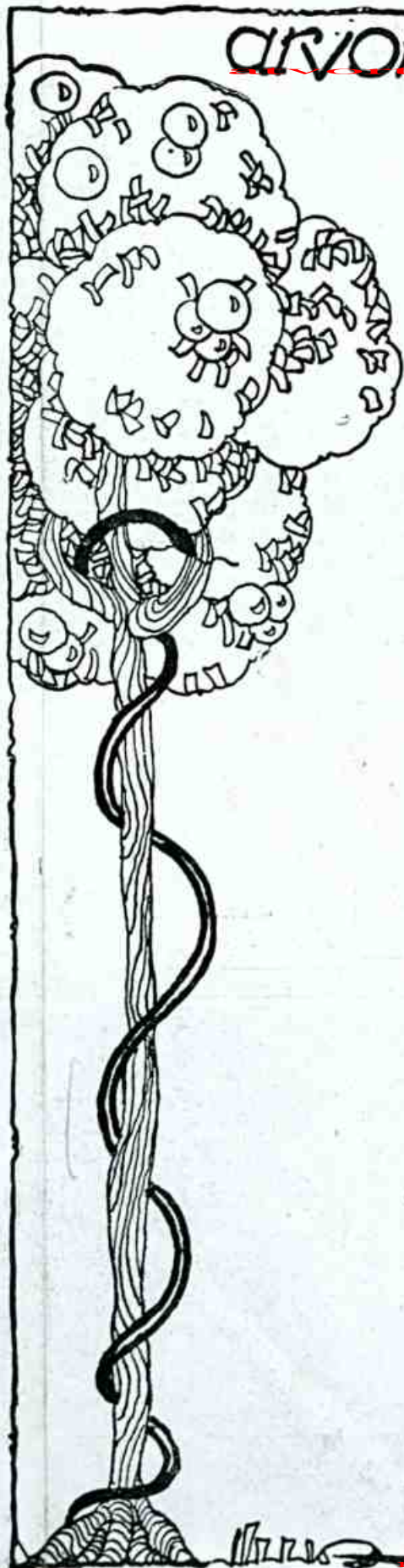
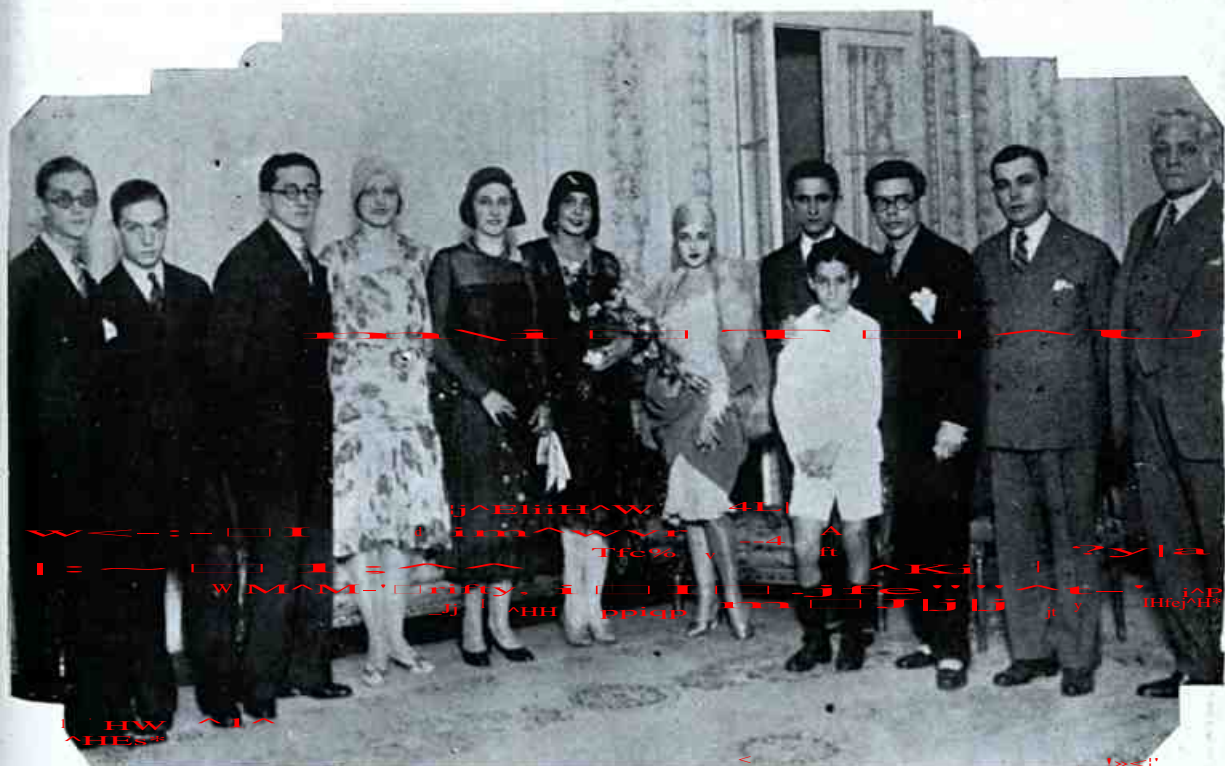
CREPUSCULO

A agua do mar é de ouro e sangue. Ouro e sangue do sol que morre no horizonte. As asas do vento estão amarradas na immensidade. Nem uma nuvem corre no céu crepuscular. Nem uma onda enruga a face do oceano. O dia adormece acinzentado, arroxeado, ensangüentado e doirado. A noite chega pé ante pé...

E eu vou rente a praia, curvado, com o poeta:

"haciendo un arco obscuro de dolor y fatiga
con el cuerpo y el alma, he pensado hasta el fondo
que un dia seré todo de colores vencidos
y bajo el horizonte de la esplendida vida
como el sol, lentamente, caeré, pero deshecho,
mientras sobre mi carne se hará la noche inmensa!"

Um sorriso, de repente, aflora aos meus labios. E o meu corpo se perfila e a minha alma se levanta num desafio ao cropusculo e á noite das coisas... E' a tua lembrança que me roçou com a asa poderosa. Vi a miragem de tuas formas isculpturaes na amplidão semi-obscura já da praia recurva. Contemplei o teu corpo divino, poema de carne que arrebata e deslumbra. E sorri do destino perfido, do fim cruel, do crepusculo triste, da noite mysteriosa e das sombras da morte.

Que importa a morte, si eu conheci o segredo maravilhoso do teu amor!...

Teve muito brilho a primeira hora de arte que o Automovel Club proporcionou, este anno, aos seus associados. Os lindos salões do elegante club se movimentaram ao contacto de uma sociedade fina e distincta. No programma, que foi organizado pela sra. Anna Amélia, illustre e brilhante escriptora, figuravam os nomes mais representatvos das nossas letras, estando á frente Berilo Neves, que realizou uma interessante palestra sobre «A mulher e a serpente», sendo muito applaudido. A gravura acima nos mostra um grupo em que apparecem a senhora Anna Amélia, Berilo Neves e demais pessoas que tomaram parte no programma, além dos directores do Automovel Club, drs. Nelson Pinto e Joaquim Catramby.

Não ha nada mais intolerante do que a intolerancia. — Leopardi.

Os amores não provam nada em favor da duração do amor. — Etienne Rey.

A fina assistencia que enchia o salão do Automovel Club, durante a festa de arte alli realizada na penultima quinta-feira.

Faianças

Como nos contos de Perrault...

Cendrillon — Eu poderia chamar-te: "moi petit Chaperon Rouge" como no conto de Perrault.

O teu chapelinho, que te dá um ar de boneca de Vienna, esses olhitos feitos de candura e de graça, me fazem pensar na pequenina garota que o lobo feroz trucidou.

Mas prefiro que sejas a bella Cendrillon, a doce Cindarella de pés pequenos e formosos, que o meu lenço de linho, perfumado a *Chin-li*, sacudiu, numa onda de perfume, para livral-os da areia fina e dourada, no martyrio do pé menino calçado...

Sim, Cendrillon, tu serás para mim a primeirinha de pés mignons e de "chaperon rouge".

No momento em que escrevo e penso em ti, Cendrillon, aqui junto de casa ha uma victrola que roda a melancolia de um tango.

Os tangos se fizeram para aggravar as saudades que mal adormeceram nas almas contemplativas. Por isso, emquanto a melancolia do tango do meu vizinho fluctúa na tarde quieta, eu me lembro de ti. De ti, Cendrillon — cujos beijos...

Ah, não! Deixa que te fale só da saudade que se derrama da melodia langue e plangente. Os beijos... Os beijos tu bem sabes que se fizeram para ser cantados de bocca para bocca. Nunca para serem ditos. Nem contados tambem. Nem recordados.

Eu não creio absolutamente no Destino. O Destino foi uma coisa que se inventou, para explicar os erros difficeis do amor e da vida. Mas eu não creio nelle. E tu, Cendrillon?

Crês no Destino?

O Destino traça um certo rumo em nossa vida. Vamos por elle, muito certos de que obedecemos á sua vontade. Mas adeante nós, que somos um pouco o "lobo do homem", encontramos um "petit Chaperon rouge".

Embora lobo, nós é que somos dominados pelo "Chaperon rouge". Então, em vez de seguir o caminho que nos parecera traçado pelo Destino, o rumo que seguimos é aquelle que nos riscou a mão frágil e encantadora do "petit Chaperon rouge..."

Não, Cendrillon, eu não creio absolutamente no Destino. Mas creio em ti, Cendrillon. Creio que tu bem podes traçar o meu destino...»

YVES.

Uma risonha espectativa... mas um tanto duvidosa...

Melancolia

Céo côr de cinza. Céo baixo, feito de uma bruma desoladora, que enche a nossa alma de uma tonalidade "*gris-perle*".

O céo carioca parece, com essa melancolia impressionante, a que lhe [illegible] mesmo céo da terra das mulheres bellas e graves. Da terra onde a garôa [illegible] como uma poeira de sonho.

Vendo lá fóra a tarde passar enrolada em brumas côr de cinza, como uma silhueta de inverno fugida das folhas dos figurinos de Paris, eu penso naquellas tardes fumarentas que apagam o azul esmaltado do céo e embaciam o colorido novo das glycinias...

E então, como a gente só se recorda de uma terra estranha, atravez da saudade de uma bella mulher, começo a vêr, na imaginação, aquella formosa mulher que amei só.

Ella tinha um grave perfil de turca. Olhos anti-ottomanos: redondos, côr de... Mas nella tudo recordava a tentação das odaliscas e a melancolia ancestral das sultanas enclausuradas nos harens seculares.

Nesse tempo, ella tinha um coração docil e indulgente. Era bôa. A's vezes, emquanto a garôa cahia, pelo outro lado da vidraça, triste e fria, penetrante como uma [illegible] silenciosa, eu ficava a contemplal-a, docemente [illegible] ao agasalho dos seus velludos, das suas pelliças, das suas *fourrures*.

Illudia-me, commigo mesmo. E pensava alli mim para mim: [illegible] ma della ha ser macia e

morna como aquellas pelucias!"

Enganei-me? Creio que sim. Não sei si ella tinha alma ou fingia.

Sei bem que o destino nos separou. A sua alma, que eu suppunha morna e de velludo, vinha, como um perfume, infiltrada no papel de linho de suas cartas. Depois o perfume esmoreceu. Chegava tão diluido que eu mal podia perceber que aquella essencia esmaecida era o perfume de uma alma. Uma doce alma de mulher.

Por fim, as suas cartas cessaram. Que é do perfume fugitivo? Acaso esse perfume não virá esgarçado na asa vadia da brisa?

Hoje não creio mais nos perfumes, porque não creio na alma feminina...

No emtanto, muitas vezes, eu digo baixinho, para mim, os versos melancolicos de Raquel Saenz...

¡Cómo la ansio!
¡Cómo deseo que llegue
pronto
tu carta blanca! ¡Dulce
bien mío!

A curiosidade feminina em quatro olhares bonitos...

Rosas - desespero das roseiras

Segunda-feira.

Entro na redacção com este pensamento, que já se tornou uma divisa para a minha vida: "Recomeçar... Até quando?"

Recomeçar...

As coisas boas que se repetem com alegria. E foi por isso que Victor Hugo escreveu aquelle verso famoso: "On revient toujours á ses premiers amours"...

A's vezes, nem sempre. Um amor pode ser uma das coisas que se recomeçam com alegria.

Porém, muitas outras que constituem um motivo de enfado, de aborrecimento, de desencanto.

Entre essas coisas, está o escrever por obrigação.

Recomeçar a escrever, a pensar e a graphar idéas, idéas pensadas e expostas, vistas, sentidas e realizadas, como a obedecer ao fatalismo do *Nil novi sub sole*, — é um destino amargo e árido como a adustão do Sahara...

Porque todo trabalho mental encontra na consciencia alheia uma compensação. Menos o arduo trabalho do escriptor, do jornalista, do plumitivo...

... E, no emtanto, eu tenho que escrever. Escrever, para que?

Aqui, é para divertir o leitor: é para fazel-o rir, fornecer-lhe a nota de uma alegria bôa, como quem offerece uma rosa a alguem que nos olha com sympathia...

Mas ai!

Vós, que tendes os olhos sobre este retalho de pagina, e que acabaes de lêr aquella palavra — rosa, dizei si já lestes *L'Intelligence de fleurs*, de Maeterlinck...

Esse grande desvendador de mysterios nos conduz a uma meditação amarga sobre a existencia das flores.

Que são ellas, afinal?

O desespero das raizes, que soffrem, torturadas, a monotonia daquella vida inalteravel, de escravidão ao solo que as detem.

Num esforço supremo, ellas se lançam para o espaço, numa ansia incontida de liberdade, abrindo os ramos em folhas e flores...

Por isso que as rosas mais lindas são côr de sangue. Mesmo as rosas do espirito...

Balcão Florido

ROSAS DE TODO O ANNO

L'homme a besoin d'un mirage pour marcher sur le sol de la vie...

Meus olhos verdes enchem-se de melancolia e de afflicção. Uma miragem? Onde encontrar uma miragem em meio aos areiaes quentes e estereis do deserto de minha vida?

E, quando eu assim pensava, quando eu assim buscava resolver o amargo e arduo problema da minha inquietação de solitario, tu, que tiveste ouvido para ouvir a voz profunda e triste da minha solidão, vieste ao encontro dos écos da minha inquietação interior, no deslumbramento e no esplendor de uma miragem illuminada e verde. E foste, durante mezes seguidos, o oásis reconfortante, a doce e suave illusão de tudo o que era eu *proprio na minha angustiada realidade*. Foste a minha consolação, o abençoado refugio onde eu buscava esquecer tudo que fui num passado ainda de hontem.

Não me comprehendeste, porém, minha filha, minha pobre filha, e, renegando o credo do meu Evangelho de Soffrimento e de Desillusão, chamaste-me um "mystificador".

No emtanto, a minha "realidade" era aquella — a do solitario que, ha longos annos, vive afastado do mundo, trazendo dentro de si a angustia de todas as desillusões.

Que importa que outros não me tenham comprehendido, que outros vissem no "sorriso" dos meus olhos verdes a paz e a serenidade de uma vida e não a expressão mais forte e mais sincera da sua angustia e do seu desespero? Que importa?...

A "judiasinha paulista", que veiu para mim como uma avesinha tonta e friorenta que fugisse á garôa de sua terra, não me comprehendeu, não. Sequer não comprehendeu que ella vinha sendo a miragem de fascinação da minha vida...

O "contraste" entre a minha vida e a minha alma, entre a minha carreira e a minha amargura"?

Minha pobre filha, por que me falaste assim?

Por que me magoaste, duvidando de mim?

Um retrato? Será que os retratos *photographam* e expressam a ventura ou a desventura de alguem?

Se, ao menos tivesses conhecido um outro, do mesmo tempo, mas que tem a vantagem de traduzir fielmente uma expressão espiritual...

Então tu acreditavas no "solitario" e na neve, ainda prematura, de seus cabellos brancos.

Prematura? Será prematura a neve de quarenta e um annos, vividos na afflicção e no desespero, na inquietação e na duvida?

As folhas seccas de um passado ainda de hontem volitam em derredor de mim. Lá fóra as vezes, os clamores da minha solidão perdem-se em meio á vertigem da vida que passa e que canta, satisfeita, contente de si...

Afflicto, distendo a retina verde de meus olhos sobre a paz, sobre a quietude cálida dos desertos que me cercam. E busco, em vão, vislumbrar o vulto amigo e bom que um dia, ouviu o clamor de minha alma, os écos de meu coração, e me disse crer na palavra, no evangelho de amargura do "solitario".

Minha felicidade? Minha "companheira de felicidade", na vida? Eu, que carrego nos hombros e no coração, o peso de dez annos de solidão e de tristeza?

Um dia, ha vinte annos atraz... Para que recordar? Para que evocar as cinzas do passado?

Não me comprehenderias; não me comprehenderás hoje e, talvez, nunca, como eu não comprehendo porque, depois de te ter acolhido e acarinhado, na minha cabana de solitario, intempestivamente fugisses de mim tão só porque eu...

(Conclue na pagina seguinte).

Antonietta Rudge, a quem já se chamou «o genio do piano da America», vae reapparecer ás «elites» do Rio e de S. Paulo, com dois grandes concertos, que constituirão, sem duvida, acontecimentos artisticos e sociaes para a presente temporada. A notavel pianista terá a assignalar a sua «rentrée» um exito dos mais brilhantes, uma vez que seu nome, dispensando referencias, constitue garantia das mais seguras de qualquer successo, toda vez que se senta ao piano para executar um Beethoven, um Schumann, ou um Wagner, com a genialidade de seu temperamento de artista de raça. Antonietta Rudge interpretará, no seu proximo concerto, marcado para 8 de junho, os seguintes compositores: Rameau, Scarlatti, Bach, Chopin, Wagner, Zmanowsky, Cherepenine e outros.

Installada em edificio proprio, de estylo colonial, construido na Quinta da Boa Vista, a nova Escola Antonio Prado Junior, cuja inauguração se realizou na penultima quarta-feira, se destina á instrucção de crianças debeis ou depauperadas, que não a possam receber em outros logares prejudiciaes á sua constituição e á sua saude. A cerimonia inaugural do novo estabelecimento teve a presença do representante do dr. Washington Luis, do prefeito Antonio Prado Junior, de d. Sebastião Leme e outras pessoas gradas, tendo o arcebispo do Rio de Janeiro lançado a benção sobre todas as dependencias do confortavel edificio da grande escola, em cujo «hall» de entrada foi inaugurado o retrato do governador da cidade, a quem se deve o notavel emprehendimento escolar.

"não era feito dos sonhos que sonhava"! ...

Longe, muito longe, numa curva do deserto arido e quente de minha vida, tu desappareces a voar, e, na inquietação de tuas azas de mariposa, deslumbrada por outra luz, se desfaz, a pouco e pouco, a miragem, illuminada e verde, através de que eu marchava... *sur le sol de la vie.*

Adeus...

Tenho a alma cheia da garôa diffusa e melancolica de tua terra distante. E, meu coração... meu coração treme de frio em meio ao areial quente do deserto que venho palmilhando na ansia louca da minha peregrinação de felicidade sobre a terra...

Adeus, e crê que te bemdigo pelo milagre da miragem de amor e de felicidade, tão ligeira e tão fallaz, que me fizeste entrever com meus olhos desassocegados de creança... de cabellos brancos...

HELIAXTHO.

O aviador Mermoz e seus companheiros na primeira travessia commercial aerea do Atlantico, foram, na penultima quarta-feira, homenageados pelo sr. embaixador de França e membros de destaque na colonia franceza do Rio de Janeiro, os quaes lhes offereceram um banquete no Hotel Gloria.

JARDIM ABERTO

D. Jayme

«Cortina de renda» foi o titulo que o joven «conteur» Luis Paula Freitas escolheu para o seu ultimo livro. E foi feliz, pois os seus contos, onde ha um cunho accentuadamente pessoal, através um estylo harmonioso e elegante, não são mais que um rendilhado de phrases e pensamentos cheios de belleza, fixando physionomias da alma.

O VÔO

Do poeta uruguayo Sabat Ercasty

Como uma dôce estrella, vinhas do oriente,
pallida e melodiosa de sonhar.
Ao sentir-te, a Terra, apaixonadamente
todas as suas rosas fez murchar.
Curvavas, da tua face a rosa ardente
e eu me puz a chorar
o pranto immenso da noite vehemente,
a infinita agonia de amar!

Minha estação das rosas da musica morria
Toda a minha vida consegui lhe dar.
Chegaste á hora dessa dôce agonia
Com teu perfume para a alongar
A rosa da lua do teu peito se abria,
somente tu me viste agonizar.
O sonho era um rio que entre rosas fluia
e em cuja margem me puz a sonhar.

Meu tempo nasceu sob o teu luar de rosas.
Tua estrella me fazia desmaiar.
Perdi a vida, a dor, as coisas formosas
ante tua estrella e o meu desejar
Tuas rosas floriram em luzes mysteriosas
e em fogo vivo me vi queimar.
Tuas rosas me suffocaram em ansias angustiosas
e o amor, sosinho, ficou a soluçar.

De rosas e luar enlouqueci minha vida.
Onde vão os rios a sonhar?
Teus beijos eram estrellas na noite fluida,
e ambos começamos a voar.
A alma, somente a alma encandecida
se poz em sonho a viajar.
Buscamos nos astros a porta de sahida
que ninguem jamais póde alcançar.

Desencarnada, pura, da musica, da essencia,
alada e leve, te puzeste a voar
Escalavas os limites da magnificencia
fluias toda azul em pleno ar.
Falavas sem palavras da humana sciencia
e eu te ouvia sem te escutar.
O rio dos sonhos corria em vehemencia
e no invisivel ia se despenhar.

Arrancámos os véos da carne cansada
toda nossa vida era fluctuar.
Iamos aos limites da morte e do nada,
até o mysterio que faz desmaiar.
Na luz intangivel que não pode ser mirada
em que o existir é extasiar.
Libertou-se o espirito da sombra pesada
até que não teve mais nada a escalar.

Espalhavamos musicas pelas constellações.
Que maravilha era desejar
mais que o amor do mundo, mais que os corações,
esse impossivel sobrenadar,
vencer os limites e ascender a regiões
onde tudo se cifra em voar, em voar,
onde relampaguéam as supremas visões
que nenhum homem ainda póde mirar!

Mares divinos, fontes do ineffavel
a revelação nos vai chegar.
A nave das almas cruza o sonho insondavel...
Ser-nos-á possivel atravessar?
Sinto febre e cansaço, uma angustia implacavel!
Ai, si agora pudesse voltar!
Tenho feridas de homem, a sêde é insaciavel!
pallido e dolorido de sonhar.

E logo despertei sobre esta terra fria,
pallido e dolorido de sonhar.
A fronte apaixonada sobre teu peito jazia
e nos abraçamos até desmaiar.
Meu corpo inclinou-se para teu corpo e ardia
na bôca o desejo de soluçar.
Entre teus braços piedosos minha dôr morria.
e, mais tristes, aprendemos a amar!

Um dos delegados do Brasil á Segunda conferencia Mundial de Energia que se realizará, durante o mez de Junho corrente, em Berlim, é o dr. Ruben Moitinho, que naquella assembléa representará o Club de Engenharia do Rio de Janeiro, o Instituto de Engenharia de S. Paulo e a Associação Brasileira de Imprensa. O dr. Ruben Moitinho, que é engenheiro fiscal das installações hydro-electricas no Estado do Rio e nosso brilhante confrade de imprensa, gozando de grande conceito nos circulos onde exerce a sua actividade profissional, seguiu para a Europa na penultima terça-feira, a bordo do «Avelona Star», em viagem directa para Londres, de onde se transportará á capital da Allemanha.

ROSAS DE VELLUDO

O consolo que você me pede...

SEU coração é um sacrario de delicadeza e amargura. Você é triste e desillludida como eu. Tem a descrença amarga de quem nunca foi feliz. Tem o scepticismo de quem nunca ouviu uma palavra de sinceridade e de fé. E exclama, numa sentença que me desola: "Duvido de todos. Até da propria felicidade." Eu tambem sou assim. Como você. Mas não levo o meu scepticismo ao extremo de duvidar do seu amor, como você quer duvidar do meu amor. Porque acho que duvidar do seu amor seria duvidar do seu soffrimento. Do seu grande soffrimento resignado e melancolico, que tanto aprimora as suas qualidades de mulher.

A sua descrença martyriza a minha vida. Eu acceito a sua dôr, a sua angustia, o seu pessimismo feminino. Acceito mesmo a sua desillusão em face dos homens. Mas não posso, não devo acceitar a sua duvida perante o meu amor, que talvez seja a unica verdade perdida entre as mentiras do seu mundo sentimental.

Você é dolorosa e torturada. Tem o destino e o heroismo das grandes soffredoras. E quer que eu a console, em troca do consolo e da ternura que você me dá. E quer palavras de carinho e de conforto de quem é tão desolado e tão triste como você. Só assim continuaria a supportar o seu soffrimento.

Eu acho tão difficil consolar uma mulher que soffre. Tão difficil, que não me atrevo siquer a tental-o com phrases asperas de homem. Phrases que não podem conter aquella doçura suavissima com que você fascina e empolga o meu amargo desalento.

Por isso, porque não me julgo capaz de poder consolal-a como você merece, resolvi appellar para uma mulher, e uma mulher que soffreu tanto quanto você, e tinha a emotividade e o talento, a alma insatisfeita e a bondade que você tem: Marceline Desbordes-Valmore, poetisa franceza do seculo passado. Tudo quanto ella escreveu era angustiado como a sua vida cheia de decepções e de magoas. Estive relendo, hontem, as suas *Elégies* e as suas *Poésies Posthumes*, e, nestas, encontrei a estrophe serenamente bella que você deve repetir:

Pardonnez-moi, Seigneur, mon visage attristé,
Vous qui l'aviez formé de sourire et de charmes;
Mais sous le front joyeux vous aviez mis les larmes,
Et de vos dons, Seigneur, ce don seul m'est resté.

São palavras de uma mulher que soffreu e amou como você. Uma mulher de alma retalhada pela desventura. Uma mulher de sensibilidade igual á sua. Guarde-as para a sua grande magoa humana. Guarde-as como um consolo que lhe mando. Depois... Duvide dos homens. Duvide de mim. Duvide de tudo. Mas ao menos acredite no meu amor...

Mauro de Alencar

VAGABUNDAGEM PARADOXAL

Levar a serio a Vida,
levar a serio o Mundo,
com palavras subtis e attitudes solennes...
Ora, querida,
a Vida
é uma partida
de tennis...
E o mundo,
você bem sabe, o mundo não é fixo...
E o mundo, sem prefixo,
você bem sabe, é simplesmente im-mundo.
Você sabe, querida:
este mundo, esta vida...
— Eu sei é que você é um vagabundo!

Ora... a sinceridade!... Comprehendida
e realizada
num sentido profundo,
ella, de certo, menos nos agrada
do que nos desagrada nesta vida.
E o amor, que nos convida
á Eternidade, é uma illusão sincera,
mas passageira como o proprio mundo.
O amor é primo-irmão da Primavera,
mutavel, inconstante,
e, como a primavera, filho e oriundo
da embriaguez de um instante
em que culmina a Vida...
Não disse bem, querida?
— Vagabundo!

Quem se der a apurar a fórma e o fundo
desta vida,
deste mundo,
a forma se transforma,
e o fundo não tem fundo.
Nem o meu pensamento acha guarida
em você, nem respeito algum infundo
em seu animo. E' isso ou não, querida?
Primeiro, porque a Vida é mesmo a vida;
E em segundo...
Você não crê em mim? Você duvida?
— Mas qual! Você é mesmo um vagabundo!

Cabracéga da Vida...
girandola do Mundo...
Nem expressões solennes,
nem conceito profundo.
Esta vida, esta vida
é uma partida,
empate, de lawn-tennis.
Um momento, um segundo!
Vamos jogar, querida?
— Vagabundo!

A Cruz Vermelha Brasileira esteve em festa sabbado ultimo, 31 de maio. Effectuou-se, ali, na tarde daquelle dia, uma brilhante ceremonia, presidida pela exma. sra. d. Sophia Barros Pereira de Souza, esposa do sr. presidente da Republica, e na qual se fez a distribuição de diplomas e braçaes ás novas enfermeiras. Na mesma occasião foram inauguradas as novas installações e dependencias da Cruz Vermelha, construidas pela fecunda administração actual, presidida pelo illustre general dr. Sebastião Ivo Soares. As nossas photographias fixam aspectos dessa memoravel solemnidade.

TREPAÇÕES

A combinação foi feita na Cinelandia, e o militar cumpriu a palavra, pois, na noite seguinte, compareceu ao cinema escolhido e assistiu (vá lá!) a todo o *film* ao lado de *madame*.

Uma palestra agradavel, mas, sem maiores consequencias, porque *madame* tomou um *taxi* e regressou á casa com tempo de esperar pelo marido...

Damos, porém, um doce a *madame* si adivinhar onde e com quem se encontrava o esposo, á mesma hora em que ella esteve no cinema...

O maroto andou nas proximidades, e muito bem acompanhado, tambem...

Ambos tiveram sorte, evitando um choque fatal...

ELLE chegou para matar as saudades, que são muitas.

Durou bastante o exilio, muito embora, por vezes amenizado com uma fuga rapida até o Rio.

Agora, porém, vem de vez...

Realmente, a cidade maravilhosa tem attractivos que a provincia nem siquer suspeita.

A vida mundana carioca esconde, nos seus multiplos aspectos, encantos proprios, que não podem ser esquecidos, nem desprezados, facilmente.

Foi duro o sacrificio exigido pela politica...

Mas não ha bem que sempre dure nem mal que se não acabe — diz o ditado.

Em outra é que elle não cahirá...

O rapaz, possuidor da elegante *baratinha*, tem, nestas ultimas noites frias, realizado verdadeiros *raids*, de grande audacia, lá para as bandas da praia da Gavea.

Mas, nós não admiramos sómente a bravura do principe do volante, porque a sua galante companheira de passeio merece, tambem, especial registo.

Tudo corre bem, ao que parece, pois a *baratinha*, ao cahir da noite, em veloz carreira, deixa atraz o Leblon, subindo pela avenida Niemeyer, para voltar quando a cidade dorme o seu primeiro somno.

E quem seguir o caminho percorrido pela *baratinha*, vae encontral-a despejada numa bifurcação da estrada, como si alli estivesse atirada, devido a uma *panne* do motor...

Entretanto, proximo, brincando nas areias da praia, o rapaz e a sua companheira de passeio affrontam as grippes recebendo o beijo frio da aragem do mar.

Até quando vae durar esse innocente brinquedinho?...

Regina Maura, a nova actriz do Trianon. Creatura que não deu muito trabalho a Procopio. Adivinhou, antes de ir para o palco, o logar secreto onde se escondem as difficuldades scenicas. E comprehendeu isto: o sorriso luminoso, a gesticulação que saiba a esthetica do rythmo nascente do corpo feminino, a voz em constante estado de graça, e o andar intelligente, formam o encanto do proprio theatro. Regina Maura estreou hontem, na «boite» da Avenida, na comedia «O dinheiro anda por ahi», adaptação de Matheus da Fontoura. E venceu. Venceu porque tem talento e outros encantos...

NO prado de corridas havia animação e muito enthusiasmo, discutindo-se os azares e favoritos.

Madame distinguia-se na multidão, apontando os cavallos, indicando as *poules* provaveis, provocando palpites, dando uma nota de alegria não commum á roda dos amigos do marido.

Ao fim de cada pareo, o marido de *madame* balanceava o movimento de *poules* adquiridas, e constatava sempre um *defficit* crescente, na carteira, que se esvaziava com uma rapidez espantosa.

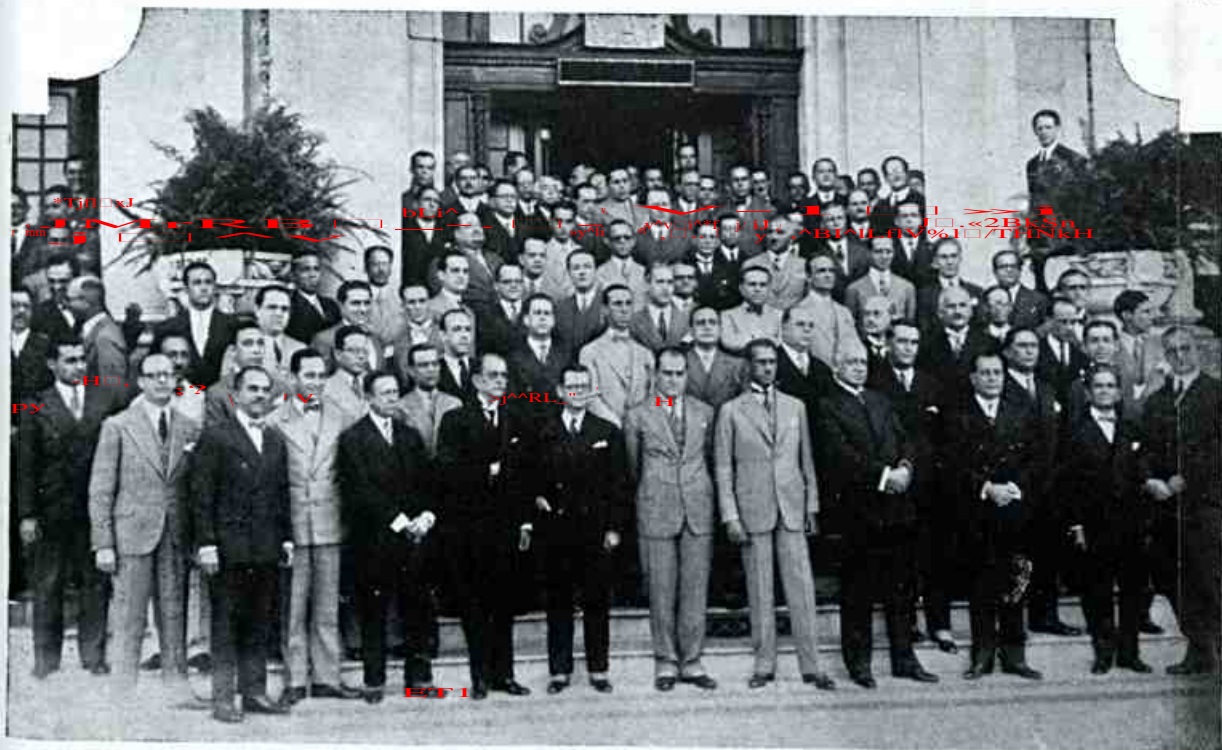
Ao contrario do que succedia com o esposo, *madame* jogava e ganhava sempre, enchendo cada vez mais a bolsa custosa que trazia.

Havia, entretanto, uma circumstancia singular, que foi, após, discutida na roda de amigos do casal.

Madame nunca declara o cavallo em que comprava as *poules*, tendo o cuidado de, em pessôa, ir até o *guichet* do jogo, para fugir talvez ao máu olhado...

Comprava a *poule* e voltava ao *guichet* para receber o lucro certo, que tambem ninguem conseguia saber em quanto montava.

Esta singularidade, aliás, causava espanto ao proprio esposo, que, intrigado, anda com curiosidade de saber o motivo pelo qual *madame*, em tudo quanto é jogo, ganha na certa...

Realmente, é um phenomeno digno de ser investigado...

O dr. A. Saboia Lima, recentemente nomeado juiz de direito da 4.ª vara criminal, recebeu, por esse motivo, no dia 24 do mez passado, uma expressiva homenagem dos seus amigos e admiradores, a qual se traduziu num almoço, realizado no Casino Beira Mar.

SABEDORIA

O homem se enfastia do bom, procura o melhor, encontra o máo, e se conforma, receioso de dar com o peor. — *Lévis.*

Um grupo de distinctos jornalistas, amigos e admiradores do nosso estimado collega dr. Alfredo Neves, ex-presidente da Associação Brasileira de Imprensa offereceu-lhe, domingo atrazado, um almoço, que se realizou no restaurante da Urca. Na photographia acima vêem-se, além do homenageado, varios jornalistas, homens de letras, politicos e pessoas gradas que tomaram parte no agape.

MÃO PATERNA

CONTO DE MARIO VETTE

A BERILO NEVES

AO terminar da feira de sabbado, o coronel Tinoco trocára phrases azedas com o Joca das jarras, pobre homem, já sexagenario, que vivia no outro lado do rio da sua modestissima industria de potes vidrados, quartinhas, alguidares, ceramica rústica que alcançára bom conceito, por bem trabalhada e duradoura.

A rixa entre os dois homens, de condições tão differentes — um, chefe politico do municipio, outro, humilde habitante da zona — nascêra de certa eleição em que Joca deixára de dar seu voto ao candidato da situação. O coronel não esqueceu a "rebeldia" e, embora o velho não provocasse, cuidando da sua "fabrica" e da sua gente, começou a perseguição ao honrado e humilde sertanejo.

Joca, experiente pela edade e pelo sertão, fechava os olhos ás pequenas pirraças que ainda não lhe remexiam por dentro, nem lhe engulhavam o estomago... O diabo seria si lhe bolissem com o seu "povo" — com a sua Marianna, 'locetona airosa, ou com o seu Lucas, rapaz franzino, unicos filhos que lhe suavizavam a viuvez.

— Aquelles homem... aquelle homem... não ha no que a gente se fiar... — diziam as vozes dos vizinhos, referindo-se ao coronel Tinoco.

E, de feito, o coronel fez uma hostilidade maior: metteu indevidamente o Lucas no rol dos alistados para o exercito, embora só tivesse 16 annos, lista organizada no Paço da cidade, obedecendo ao criterio partidario, e o rapaz foi no mesmo anno sorteado... Dabalde o pae fez ver a iniquidade daquillo: além da falta de edade, Lucas era seu braço direito na olaria. Recorreu ao presidente da junta de alistamento, porém esse era um manequim do chefe politico. Recorreu ao vigario, porém esse tambem tinha vaga promessa de uma cadeira de deputado estadual...

O velho Joca viu-se num quasi desespero. Iria perder por longo tempo o companheiro de trabalho, aquelle que ficava no fabrico dos potes emquanto elle andava de feira em feira a vender seus productos. E agora?... Como attender ás duas cousas?... Marianna não tinha mãos para lidar com barro. Nem elle queria... Ah! o coronel jurára matal-o de fome... Mas, não se intimidava, não. Aguentára já muito... Uma injustiça daquella!...

E mais se aggravou a situação quando Lucas, por se não haver apresentado logo, foi mettido na cadeia local, como um criminoso commum.

Joca perdeu as estribeiras... Ia dizer umas verdades ao coronel, custasse o que custasse.

A feira terminava quando elles se encontraram. O coronel era um velho baixo, um pouco curvado, de cara de rapina, sempre mettido num sobretudo, com medo do asthmatico. Falava nasaladamente e tinha nas maneiras a expressão de desprezo por todos quantos não o pudessem ajudar em estar de cima... Porque, para estar de cima, já trocára de partido umas cinco ou seis vezes...

E lá se ia elle, com as mãos nos bolsos, por entre os ultimos feireiros, por entre os bois que faziam a limpeza do local focinhando detritos de frutas, de verduras, de milho...

De repente, o bate bocca do coronel com Joca das jarras. Uma estupefacção geral. Parecia assombroso um gesto daquelles! Discutir com o coronel!... Era commovente a indignação do oleiro, era irritante o sarcasmo do chefe. O velho expunha as suas difficuldades, frisava a sua situação difficil. E o sóba da terra, num sorrisozinho muito seu, com os olhos cynicos espiando pelos vidros do *pince-nez*, teve afinal um gracejo:

— Ora, meu amigo... Quem tem filha bonita não morre de fome...

A mão tremula de Joca riscou no ar e plantou-se em cheio na bochecha flacida do coronel Tinoco.

Houve um subito recúo dos assistentes. O céo ia desabar. Tinoco, gaguejando, apenas poude dar ordens a dois soldados para que levassem o oleiro para a cadéia.

A cadeia... Joca sabia o que ella representava para os presos. Quartos exiguos sem janellas ou quando tinham janellas ellas se abriam, noite e dia, para o lado do rio, recebendo a chuva e a ventania... Então, nos mezes de inverno!... E os banhos de lama? E as surras? Até mocinhas donzellas, em perseguições a paes adversarios, tiveram de ficar núas na prisão, de mistura com os homens... De tudo se fazia ali dentro... E os que desappareciam, como o Toinho do ...

(Conclue na pagina seguinte)

ILLUSTRAÇÃO DE MARCELO ROBERTO

MÃOS PATERNAS

(CONCLUSÃO)

Brejo, o Chico dos Imbús, a Severina Lavadeira, casada com o Carneiro, que se recusara ao coronel?... Si cavassem o quintal da cadeia, affirmavam, nem um cemiterio para ter tanta ossada!... E elle, que dera na cara do chefe politico! ...

Já noite fechada, o coronel Timoco veiu vel-o... Acompanhavam-no dois soldados, o promotor, todo risonho, todo redondo, o delegado de policia, mestre em emprezas sinistras... Ia ser um castigo solemne. Não se sabia si a idéa sahira da cachola do coronel, tão mofina em idéas, ou si brotára na sapiencia do promotor, que, no momento, se candidatava a um juizado municipal... Mandaram buscar a palmatoria de uma escola proxima, e, na mesma occasião, trouxeram Lucas de um cubiculo vizinho.

E foi quando o coronel ordenou ao rapaz que desse duas duzias de bolos no pai.

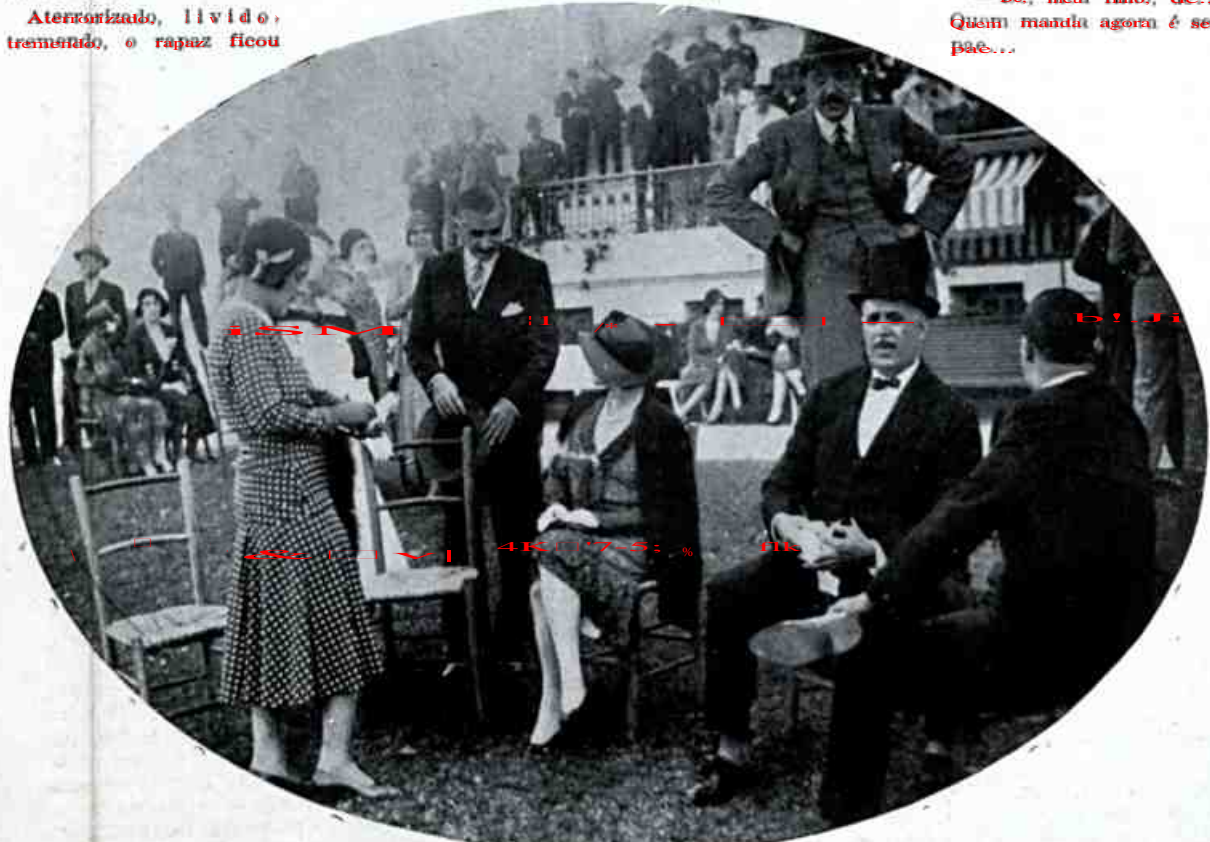
Aterrorizado, livido, tremendo, o rapaz ficou immovel, com a palmatoria pendente... Bater na mão que o abençoava, todas as manhãs e todas as noites?... Nunca!...

Matassem-no, seria mais facil... Novas ordens, novas recusas com a cabeça... Todos estavam numa excitação nervosa formidavel. O proprio delegado de policia desviára a vista da scena... Timoco batia rythmadamente com a grossa bengala no tijolo do piso... E Lucas a resistir, a desobedecer...

O coronel sussurrou outra ordem ao ouvido do delegado. Joca comprehendeu-a: o filho iria para a enxovia das surras, a mesma de onde não mais voltaram a ver o sol Timoco do Brejo, Chico dos Imbús, Severina Lavadeira... Diziam que alli as paredes choravam de humidade e os ratos roiam as carnes dos presos... O pobrezinho do seu Lucas, assim franzino, morreria logo...

E Joca, estoico, avizinhando-se do rapaz, estirou-lhe a mão enrugada, bem aberta, ordenando-lhe:

— Dê, meu filho, dê... Quem manda agora é seu pae...

O dr. Antonio Prado Junior, prefeito do Districto Federal, acompanhado de seu secretario, ao chegar ao palacio do Conselho Municipal, domingo passado, para a leitura de sua ultima mensagem.

A disputa do grande premio «Cruzeiro do Sul», no hippodromo do Jockey Club, realizada domingo ultimo, constituiu um acontecimento sportivo de sensação nas rodas turfistas e sociaes desta capital. Nas tribunas daquelle sumptuoso campo de corridas via-se o que ha de mais representativo no «grand monde» carioca. Entre os presentes esteve o dr. Antonio Prado Junior, prefeito do Districto Federal, que se vê, na gravura acima, cercado de figuras prestigiosas da nossa alta sociedade.

NOTAS DE ARTE

AINDA BRAILOWSKY

COM os tres concertos realizados na semana passada encerrou Brailowsky a sua passagem triumphal pelo Rio de Janeiro, como um dos maiores entre os grandes pianistas da actualidade. Ouvimos, interpretados com magistral e muitas vezes excepcional perfeição: I) CHOPIN — *Nocturno*, em fá menor, op. 55; *Estudo*, em dó-maior, op. 10; *Impromptu*, em lá-bemol, op. 29; *Scherz* em si menor, op. 20; — RACHMANINOFF — *Preludio* em dó-sustenido; BORODIN — *Scherzo* em lá-bemol; LIAPUNOFF — *Lesghinka* (Dansa do Caucaso); — DEBUSSY — *Valsa* (La plus que lente) e *Tocata* em dó-sustenido; — LISZT — *Lenda de São Francisco de Paula caminhando sobre as ondas; Valse-Impromptu; Rhapsodia hungara n. 6*; II) BACH — *Preludio e fuga* em dó-sustenido; BEETHOVEN — *Sonata*, op. 27, n. 2 (*O luar*); TCHAIKOWSKY — *Concerto* para piano, op. 23, com acompanhamento de orchestra (Orch. do C. M. do R. de J., com 50 prof. regida por Walbi Burle Marx); III) CHOPIN — *Nocturno* em mi-menor, op. 62; *Polonesa* em lá-maior, op. 40; 24 *Preludios*, op. 28; *Sonata* em si-bemol menor, op. 35, *Mazurka* em si-menor, op. 33; 2 *Estudos*: *Sol-bemol, Lá-menor*; *Polonesa* em lá-bemol, op. 53.

Das interpretação que alcandoraram nos mais altos cimos da arte, que ainda uma vez nos deram as mais sublimes emoções — taes o canto de melancolia e de saudade do *Adagio* da *Sonata* em dó-sustenido menor, de Beethoven, ou o incomparavel poema sonoro que é a *Marcha funebre* da *Sonata em si-bemol*, de Chopin — destacamos especialmente, como primores entre os primores, a execução do *Concerto* de Tchaikowisky e a dos 24 *Preludios* de Chopin.

Teve o *Concerto* interpretação verdadeiramente maravilhosa. Não se ouvia um piano acompanhado por uma orchestra, mas duas orchestras: o solista arrancava do seu instrumento effeitos da sonoridade, que tinham todo o esplendor da polyphonia orchestral.

Os 24 *Preludios*, que são, por assim dizer, a miniatura de toda a obra de Chopin, tocou-os como artista sem par. Cantou com a mesma poesia o lyrismo de *Souvenir attendri* do pr. 7 e de *Si j'étais l'oiseau je volerais vers toi, ma bien aimée*, do pr. 19, como as phrases epicas do *Finis Poloniae*, do pr. 9 e de *Cours à l'abime*, *Imprécations* e *Chevauchée dans la nuit*, dos prs. 16, 18 e 12, e toda a tristeza, toda a plangencia do *Chant-funébre*, *Mal du pays* e *Funérailles*, dos prs. 4, 6 e 20. Empolgou tanto ao dedilhar as notas aereas da *Danse des sylphides* do pr. 23, como desencadeando as catadupas sonoras do pr. 24: *Du sang, de la volupté, de la mort*. Em synthese: pareceu-nos que o pianista exterminou com todo o poder da sua arte as miragens verbaes suggeridas a Cortot e a Philipp pela audição dos celebres *Preludios*.

Concorrendo vantajosa e brilhantemente para o exito do *Concerto* de Tchaikowsky, assignalemos a presença do joven regente brasileiro, sr. Walter Burle Marx, discipulo de Henrique Oswaldo e de Felix Weingarten, e que soube tambem accentuar com a eloquencia da batuta as bellezas da grande obra de Weber: *Protophonia* da opera — "*Oberon*". Aos dois artistas, o pianista russo e o regente brasileiro, o publico ovacionou com muitos bravos e enthusiasticas palmas.

Victoriosamente como havia começado, terminara a série dos 8 concertos de Brailowsky: bello prenuncio de novos vesperaes de arte que a operosidade e o bom gosto do emprezario Nicolino Viggiani promettem á sociedade carioca; preludio, talvez, de espectaculos de opera que, no Theatro Lyrico, venham supprir os que, segundo se propala, não haverá este anno no Theatro Municipal. E' assim que já amanhã ouviremos uma das grandes musas brasileiras do piano — Antonietta Rudge Miller, em seguida, Ophelia do Nascimento e logo depois, o genial pianista italiano Carlos Zecchi.

OSCAR D'ALVA.

Ophelia do Nascimento

A grande pianista Ophelia do Nascimento tornou a voltar para a sua terra, que é o Brasil. Veio transbordando successos, victorias, glorias... Na Allemanha vale, de verdade, muitíssimo. Querem-n'a lá um bem damnado!

Ophelia é medrinha da "Illustrierte Zeitung", que, em janeiro, lhe estampou um retrato lindo, na pagina de honra, com estes dizeres: "Aus der Welt des Klaviers — Die Zukunftsreiche Junge Pianistin Ophelia do Nascimento."

Ella, sempre vibrando naquelle seu enthusiasmo tão contagioso, tão confortante, dynamiza-se, anda, agita-se, rindo, falando, contando pl.no, annunciando o seu proximo concerto...

— Será em junho, agora... No dia quinze, no Theatro Lyrico...

Terminamos:

Mais uma das inesquecíveis horas de Ophelia!

H. DE I.

GARÔA...

CEO e MAR

AQUELLE, lá em cima, muito sereno, com umas nuvensinhas esgarçadas, que o maximo artista das côres ainda uma vez retóca com o seu pincel de ouro, antes de fechar o seu *studio*; este, sempre agitado, com os seus vagalhões espumantes, soluçando a sua eterna queixa contra as divindades que o crearam profundo e insondavel e portanto sempre incomprehendido...

Céo e mar. Tão differentes e, no entanto, tão iguaes, unindo-se lá longe, num abraço infinito, através dos seculos que vão passando! Tudo evolue. Tudo se modifica. Tudo passa. Só o céo e o mar são sempre os mesmos; sempre distantes e sempre unidos.

O céu, limpido ou cheio de brumas, calmo ou carregado de electricidade e de febre, contemplando, porém, sempre com a mesma indifferença, as grandezas e as miserias da terra; o mar, ora rugindo cheio de colera a sua revolta contra essas mesmas grandezas; ora soluçando, cheio de dor, essas mesmas miserias inevitaveis. E entre o céo e o mar, esse barco cheio de creaturas, vindas de varios pontos da terra, reunidas aqui, e trazendo cada uma, no seu intimo, um pouco do céo ou um pouco do mar...

Alguem que deixou a noiva numa e s t a n c i a longinqua dos pampas, alguem que vae buscar longe o esquecimento para um grande martyrio; esta que vae rever o filho querido; aquella que vae buscar, numa fonte qualquer, a saúde perdida...

E ha olhos cheios de esperanças, e ha olhos onde as lagrimas permanecem como velas accesas em altares vazios... E ouvem-se varios idiomas, e discutem-se varios pontos de vista. E ha sorrisos em labios jovens e ha promessas em mãos que se estreitam...; Illusões se desfazem sob a fascinação da distancia, e sonhos novos vão surgindo no encanto imprevisto da convivencia. A vida vae adquirindo novos direitos e muitos corações se vão libertando das algemas que ficaram, á medida que se afastam da terra que os prendem.

Céo e mar...

E entre o céo e o mar, este barco que me leva para longe da minha terra, para longe de tudo que eu amo, para longe de você que ficou lá, na distancia violeta; você que eu levo na retina dos meus olhos, que eu vejo a todo instante com o poder invencivel da saudade... E como o meu, deve haver neste grande transatlantico outros corações ansiosos para v o l t a r, ou para chegar ao seu destino... Outros corações, como o meu, buscando sempre o seu passaro azul, que está sempre onde não estamos, que mal o presentimos, e eil-o batendo as azas, eterno fugitivo que não se deixa algemar, porque qualquer a l g e m a lhe traria morte.

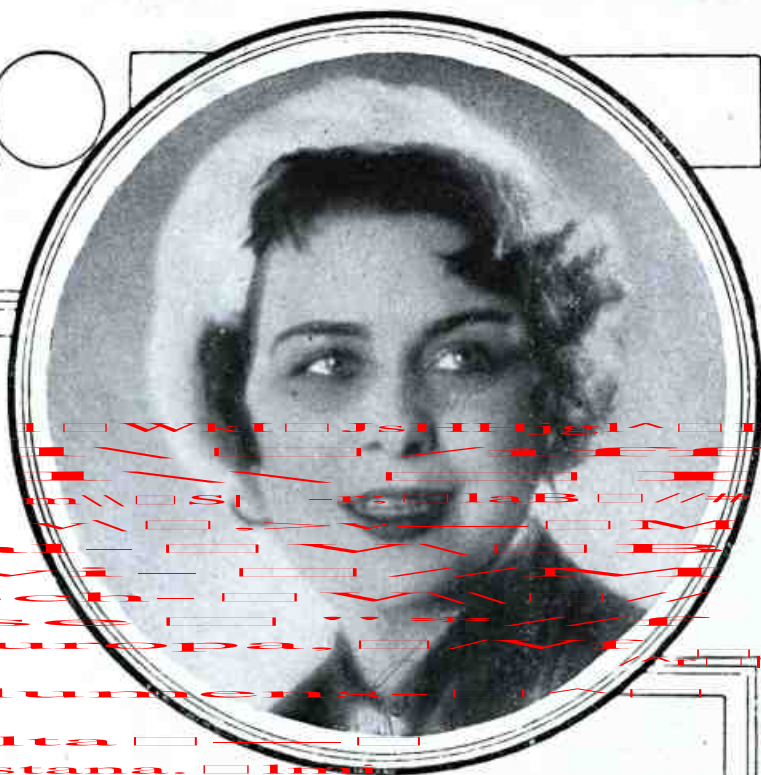
Esse passaro azul, lindo como todas as visões lendarias, que nós nem sabemos si existe, mas, para o alcance do qual vivemos correndo, lutando e soffrendo; esse lindo passaro azul, cuja voz seductora nos attrae a todos, pobres e ricos, simples e complicados que sejamos...

Esse passaro azul, que na linguagem commum se chama *felicidade*, para cada coração que palpita dentro deste navio, está num outro ponto do mundo; por isso, emquanto muitos olhos se alongam ansiosos para os horizontes que se vão approximando, outros se volvem, cheios de tristeza, para o sulco profundo que o navio parece deixar sobre as ondas, marcando o caminho andado...

Olhos que se volvem para traz e onde eu vejo cirios ardendo sobre a l t a r e s, onde nada mais ficou...

Bordo do "Antonio Delfino".

COLOMBINA.

EXALTAÇÃO

Lyse Dorison é o pseudonymo da senhorita Lyse Schloenbach Blumenschein, que firma os lindos versos desta pagina — «Exaltação» — e onde, aliás, o seu estro patenteia os ardores de uma alma virgem, porém moça e vibrante... A senhorita Lyse Schloenbach Blumenschein, que se acha presentemente na Europa, é filha da illustre poetisa e nossa collaboradora, sra. Ide Blumenschein (Colombina), e uma figurinha de grande destaque na alta sociedade paulistana.

Amo-te. Amo-te e sou tua
Toda tua...
Meus olhos... meus cabellos... minha bocca...
Toda minh'alma louca!
São teus estes labios vermelhos
Onde a volupia do teu beijo
Faz brotar perolas de sangue
E rosas de desejo!

.. ..

És o Deus do meu peccado,
Que eu adoro de joelhos
Como um idolo sagrado!

.. ..

O meu amor é teu!
Só teu!
E tu és meu!
Só meu!
Nossa paixão não tem nenhum limite...
E' grande... muito grande... sobre-humana
Como o Nirvana.
E' um delirio de chammas desvairadas,
Onde nossas almas predestinadas
Sobem como nuvens de ouro em pó,
Para fundir-se numa só!...

.. ..

Mas quem és, afinal, que eu amo tanto!
Que, para ti, meu grande amor reservo?
Tu que és toda a minha vida e todo o meu encanto,
Que me obedeces, miseravel, como um servo
E me dominas, altivo, como um rei?
Não sei.
Pois para te querer
Não preciso saber
Si tu és louro como o sol do meio-dia,
Ou tão moreno como os homens do deserto,
Si tens no olhar o luto e a nostalgia,
Ou si resplande nelle a alegria,
Toda a alegria azul, de um céo aberto!
Talvez... sejas um principe encantado,
Imaginario namorado,
Um bohemio alegre... um poeta muito triste,
Um pobre sonhador que nem existe!
Que importa eu não saber jamais quem sejas?
Eu te quero, e sei que me desejas!
Vives na minha carne e no meu coração,
No rito pagão
Da minha exaltação.

.. ..

Amo-te! Amo-te e sou tua!
Toda tua...

Lyse Dorison

A Academia de Commercio do Rio de Janeiro solemnizou o 28.º anniversario de sua fundação, segunda-feira ultima, com uma sessão commemorativa, durante a qual se realizou a cerimonia da collação de grão dos novos contadores daquelle estabelecimento.

OS GRANDES HUMORISTAS

Ha quanto tempo se vem repetindo a phrase "Sem ti, eu não poderia viver", e apesar das reiteradas experiencias que provam que se póde viver admiravelmente!

ARDENGO SOFFICI

FILIGRANAS

O zeppellin é como as mulheres...

Elle deslisava no ar tranquillo da manhã. Eu o seguia com os olhos, maravilhado. Parecia uma grande baleia de aluminio. Dava-lhe o sol uns reflexos de prata polida.

Uma voz disse ao meu lado:

— Vi-o de perto no campo dos Affonsos. E' coberto com uma tela suja e toda remendada. Causa até má impressão. Mas de longe é essa belleza que estão vendo. Parece metal.

E outra voz, ironica:

— Então, é como as mulheres. De longe, uma lindeza. A's vezes, de perto, cada estrepe...

Baixei os olhos para vêr quem falava. Já estavam todos em silencio, os olhos cravados na linda aeronave...

Jacy, Dinah, Debora e José Luiz são os quatro interessantes filhinhos do capitalista José Gonçalves, de S. Paulo.

A Mulher Chic

Um costume de sport de Jean Patou

photo Luigi Diaz especial para "Fon-Fon"

— Mulheres... Ha lá quem as comprehenda, meu amigo! São todas desconcertantes e ferozmente decepcionantes... Teu caso é, realmente, curioso, mas não deixa de ser um tanto banal. E' commum.

O nosso collega Paulo de Magalhães é um dos nossos mais fecundos autores theatraes. Já escreveu 43 peças, todas representadas no Brasil e 9 traduzidas e levadas á scena em theatros de outros paizes. A sua comedia «Aventuras de um rapaz feio», uma das que obtiveram mais successo aqui, acaba de ser vertida para o idioma de Hoffmann pela escriptora Lina Hirsch, e vae ser representada na Allemanha, dentro de poucos dias. Paulo de Magalhães será, assim, o primeiro autor theatral brasileiro representado na terra de Goethe.

Essa creança, com seus quinze annos de edade, despertou para o teu amor de homem maduro por uma affinidade qualquer. Tens-lhe medo, receias que, um dia, ella te fuja, temes que não passe de um capricho... infantil a affeição dessa menina, como se todas as mulheres não fossem como ella...

— Não fossem como ella? Que queres dizer?

— Quero dizer que todas as mulheres, em qualquer edade, ou melhor, em qualquer edade, tenham quinze, vinte, trinta, quarenta annos, são umas meninas caprichosas, como a tua, e que só amam pela vaidade de serem amadas, quando não o fazem por mero capricho...

— Não; não penso assim. A mulher, quando ama, é sempre mais sincera do que nós, os homens. Tem mais apurada a sensibilidade, dá-se de toda alma e coração...

— Como te enganas! O amor, as mulheres o sentem mais physicamente do que o homem. O homem é o animal sentimental por excellencia. E ellas, comprehendendo isso, tiram partido dessa fraqueza do sexo forte — veio farto que ellas exploram vampiricamente...

— Talvez tenhas razão. Mas, entre o amor de uma mulher, menina e moça, ainda, e o de uma de trinta annos, por exemplo, qual o que preferirias?

— A menina, a chrysalida que se faz mulher, naturalmente...

— Mesmo na tua e na minha edade?

— Por que não? A mulher, novinha ainda, é barro amolgavel que a gente plasma á vontade...

Naturalmente, isso não se fará com tanta facilidade: e tanto que requer intelligencia, dedicação, habilidade...

— Mas, meu amigo, a mulher-menina é sempre facil á seducção, é leviana, é perigosa...

— Qual a mulher que não é leviana nem perigosa?

— A de trinta annos, pelo menos, terá mais experiencia da vida...

— São as mais a temer, porque têm desenvolvidos e completos todos os recursos da seducção. Eva deveria ter trinta annos quando tentou Adão e arrastou o homem para o seu primeiro peccado de amor...

— E por que não poderia ser mais nova?

— Porque Deus, que sabia, previamente, em que iria acabar aquella scena do Paraiso, deu-a a Adão com a alma e o corpo de uma mulher em plena floração...

— E o coração?

— Coração?... Se eu já te disse que o amor, na mulher, é um "sentimento" physico, quando não é um jogo de coquetterie!... Só os homens, meu amigo, têm coração. E coração quer dizer — sentimentalismo, plethora de pieguice. A mulher, crê, ha de ser sempre uma gata, uma gatinha ronronante, e como gata, é que deve ser amada, comprehendida e tratada...

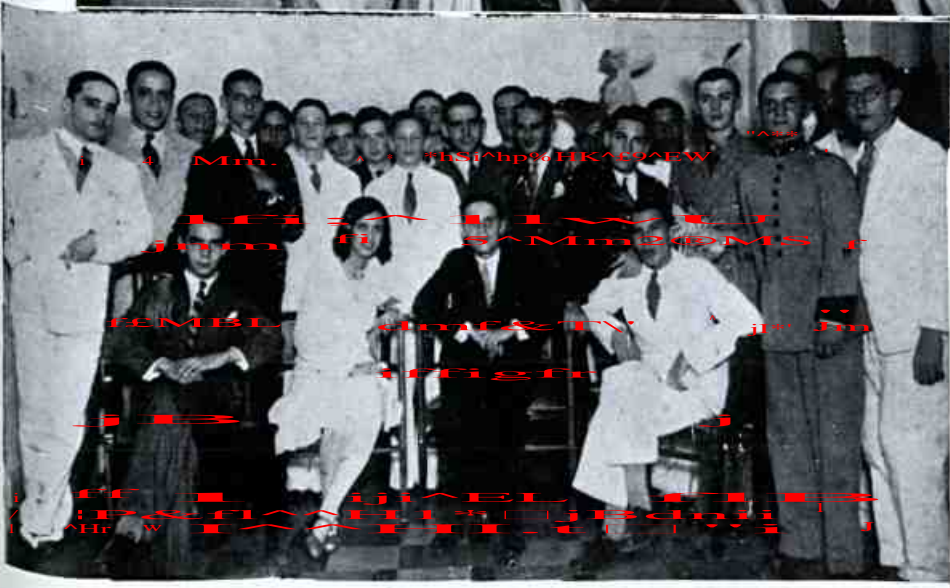
— Mas, entre a fruta ainda verde e a madura?

— Uma questão de gosto, de paladar... Eu gosto de todas ellas desde que não estejam... passadas...

— Passadas?

— Sim, homem de Deus: maduras de mais...

Max Linder.

A nova directoria da Associação Commercial do Rio de Janeiro, eleita faz poucos dias, em memoravel assembléa das classes conservadoras, possue, entre outros elementos de real destaque em nosso mundo commercial, a figura prestigiosa e estimada do commendador Albino Bandeira, industrial de grande conceito, e que é o thesoureiro daquella instituição.

Festejando a sua data natalicia, a senhorita Lucia Neves, gentil filha da senhora Martha Neves, reuniu, domingo passado, em sua residencia, suas numerosas amiguinhas e admiradores, aos quaes offereceu um chá-dançante, que decorreu cheio de encanto e animação.

Os alumnos da Escola de Medicina e Cirurgia realizaram sabbado ultimo, nos salões do Club Germania, a sua «Festa do Jubilo», que se revestiu de grande brilho social e artistico.

«Eu era mudo e só na rocha de granito»... — Guerra Junqueiro.

«Deus! O' Deus! Onde estás que não respondes?» — Castro Alves.

DE LOS RIOS não é um simples photographo, no sentido material em que é tomada esta palavra. E', antes, um artista que sabe animar com um sôpro de vida as silhuetas que a sua objectiva recolhe. As physionomias que se fixam nos seus trabalhos reflectem a alma das creaturas, como si o artista a fosse surprehender na sua feição mais caracteristica, para mostral-a ao espectador. E é por isso ainda que o chamam o "alchimista da luz": elle transforma a radiação luminar da epiderme em sangue vivo, em movimento, em vibração...

Operando ao fóco da lampada electrica em sua officina, ou apanhando flagrantes ao ar e á claridade ambiente, De los Rios destaca-se sempre, sem imitar technica alguma da mesma arte. O seu "modus" profissional e artistico differe accentuadamente de qualquer outro.

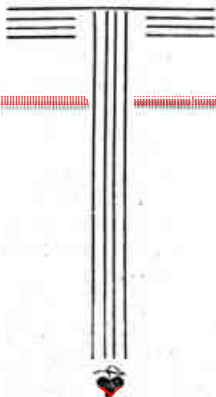
Além da sua resaltante personalidade e do seu indiscutivel talento photographico, esse Aladin de almas não perde nunca uma opportunidade para imprimir belleza aos seus trabalhos. Todas as photographias que revela trazem um raio de milagre esthetico.

De los Rios fará a sua linda exposição no proximo dia 2[illegible] do corrente, no Palace Hotel.

Sendo, como é, o artista da elite carioca, é de esperar que o salão do Palace venha abrigar o nosso alto mundo elegante, que sabe ver e admirar as bellas coisas de arte.

Ahi estão dois estudos interpretativos de De los Rios. Um é a symbolização do verso famoso de Guerra Junqueiro: "Eu era mudo e só na rocha de granito." O outro é o de Castro Alves: "Deus! O' Deus! Onde estás que não respondes?"

De los Rios.

A BAILARINA e a MORTE

(SOBRE UM ESTUDO PHOTOGRAPHICO de DE LOS RIOS)

UM arco-iris de estrellas afogueadas palpita na ondulação das suas formas, lhe acaricia a sombra, lhe entra pela epiderme... Elle é a Carne...

Elle é a Carne voluptuosa que admira a Morte... E' mais ainda: é uma onda de sangue em louvôr da Morte... E, na penumbra que lhe enlaça o collo e a cintura com uma ternura de mãos ardentes, ella se abraça áquelle symbolo da Eternidade: o craneo...

Elle é o Desejo, que ultrapassa a existencia e vence o Além-Tumulo. Esta mulher é o genio ondulante do Instincto, que passeia sobre um lago de trevas... Si lhe falassem: "Quem és?", ella responderia: "Eu sou a Vida que deseja a Morte".

A Morte... A Morte... A Morte... A Morte é o unico espirito deante de quem ella dobrara o joelho macio e redondo... A Morte lhe fará nascer entre os cabellos uma auréola, — a auréola da agonia, — essa radiação de chammas rôxas que se ateia e se eterniza na alma dos que expiram.

Quem é ella, realmente? E' a imitadora da Sombra, a estylizadora do Descanço, a sacerdotiza do Nunca Mais. E' linda? Sim, é linda; é a tentação da Morte... Entretanto, o seu corpo é meio invisivel. E' luz? E' agua? E' pó? E' neblina? E' som? E' nuvem?...

O corpo desta mulher é mais idéa que fórma. E ella, que beija o craneo, parece o esforço da Razão Humana que quer conceber a Immortalidade.

E' a dançarina do Suicidio...

PADUA DE ALMEIDA.

Deve a mulher pertencer á Academia Brasileira de Letras?

De AMELIA DE FREITAS BEVILAQUA

FIQUEI indecisa. Não sabia mesmo o que devesse responder; senti uma especie de anniquilamento de vida, talvez paralyzação das forças immediatamente suspensas pela hesitação moral. Entretanto, para corresponder á delicadeza da pergunta, concordei em escrever qualquer coisa, sem alegria nem enthusiasmo.

Era um dominio desconhecido, que se abria defronte da minha consciencia que o achou, no mesmo instante, sem resolução e principalmente acima das conquistas modernas, que se equilibram mais no egoismo do que no altruismo. Por melhor que fosse a minha boa vontade, os terrenos se mostravam hostis, movediços; em canto algum encontrava firmeza...

De que serve, finalmente, externar o meu modo de sentir?

Para dizer que pretendo uma cadeira na erudita sociedade?! Si em todas as minhas aspirações, por minimas que tenham sido, sempre encontrei a formidavel barreira do Impossivel, como poderia pensar em ser consagrada, sem ter merecimento?

Nada menos apropriado do que a minha entrada neste inquerito. Compete a resposta somente aos que pertencem á congregação dos altos estudos — os sabios. Tenho eu apenas, como brasileira, de agradecer, commovida, aos socios da Academia que se referem favoravelmente ás suas patricias.

As respostas dos immortaes são de uma variedade curiosa. Vão desde o mais rude negativismo ao franco liberalismo, por transições ondulantes, em que ha verdadeiras surpresas.

Instantaneo da escriptora Amelia de Freitas Bevilaqua com sua filhinha Velléda.

Ao ler algumas, ficava muito abalada. Outras me desabafavam o espirito. Eram expressões vigorosas da mentalidade contemporanea, como a de Laudelino Freire, a quem mais deve a alta empresa do diccionario que elabora a Academia de Letras, advogado de renome, illustradissimo polygrapho, autor de innumeros trabalhos preciosos; e a do grande e genial João Ribeiro, que é o mestre da philologia e o incansavel no afanoso trabalho literario, revelando-se sempre, nos seus ensinamentos, notabilidade esquisita e admiravel pelo imprevisto do raciocinio, em que se apoia.

Parece muito razoavel ser acclamada a sua bem avisada proposta: Abrir mais logares na Academia para os homens, e tres para as senhoras. E' tanta gente agoniada para fazer parte da mysteriosa maçonaria das letras...

Constancio Alves, de quem até este momento, por um desleixo imperdoavel ou, talvez mais acertado, porque elle nunca se lembrou de m'os offerecer, e pelas livrarias não os depare, jamais li um livro, conhecendo, porém, pelos artigos que escreve no *Jornal do Commercio*, a sua encantadora redacção e a graça de escrever... embora ache inconveniente a entrada de senhoras na Academia, tem muito espirito no falar. Aponta quarenta escriptoras para fundarem uma Academia longe da sua...

— A egreja tem os seus conventos. Nuns estão os *frades*, noutros estão as *freiras*. Ninguem briga pela selecção. E' natural. Lá as religiosas trabalham pela gloria de Deus; as nossas escriptoras podem, tambem, na sua Academia, trabalhar pela gloria das letras.

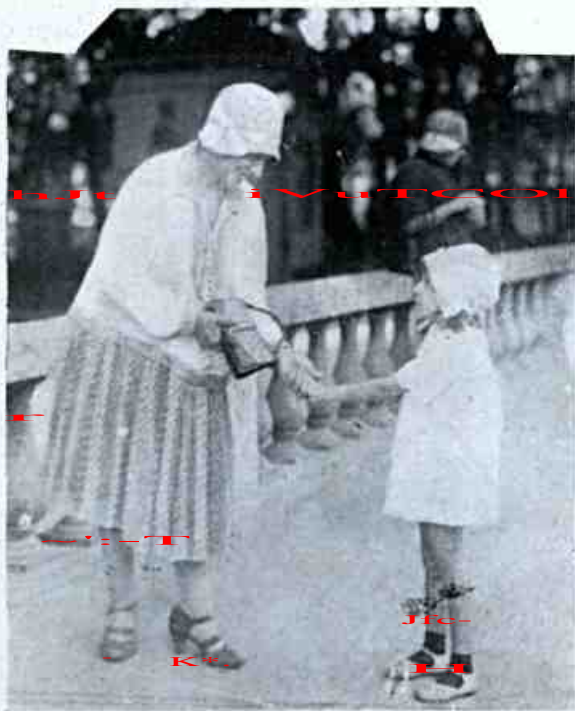
Assenta muito bem, no dr. Constancio, essa resposta, e eu o vejo passando sorrateiro pelas ruas, com o seu ar simples, despretencioso, quasi ingenuo, mas deixando perceber que será sempre o homem a quem certas formas do modernismo aborrecem... Apesar de tudo, gosto do philosopho Constancio Alves, da sua palestra muito amavel e agradavel, da expressão sincera, que se desprende de todos os seus gestos, em nada se mostrando hostil.

Falando commigo mesma, digo baixinho: agora se é elle o primeiro a votar...

O glorioso poeta Augusto de Lima, francamente feminista, dá ás senhoras todos os direitos, inclusive o do voto politico.

Adelmar Tavares, muito querido advogado pernambucano, poeta popular, immensamente sympathizado, autor de varios trabalhos formosos, principalmente *Noite cheia de estrellas*, fecha o seu inquerito com a ternura de um sabio: *Se na mulher não se bate nem com uma flor... Avalie com a pesada porta da Academia...*

"Nada impede a mulher de letras de ser da Academia", diz o illustre academico Fernando de Magalhães que é um espirito de extensa cultura, e escriptor que allia a elegancia da phrase á energia do pensamento: *E' só ella inscrever-se e ser eleita. Sou tambem francamente favoravel á eleição feminina e não vejo nenhum inconveniente nisso. O caso das mulheres na Academia é simples: que ellas se inscrevam; o resto dependerá dos suffragios. Votarei a favor da que fôr digna da Academia.*

O egregio principe dos prosadores, Coelho Netto, que revoluciona o Brasil com os seus escriptos, é contrario á eleição das senhoras; mas o eminente conde de Affonso Celso, fiel aos movimentos da justiça e fidalgo altruismo, recebeu a idéa dessa candidatura com a sua peculiar delicadeza de sentimentos. Dá o seu voto sem receio. Encerra, porém, as suas respostas o sympathico e muito apreciado autor do *Inverno em Flôr*, de milhares de outras producções de renome e do *Mano*, grande pedaço da sua alma em soffrimento, dizendo: *Si o plenario, por uma resolução da maioria, sem o meu voto, as quizer trazer para o nosso convivio, eu não serei um elemento discordante. Votarei tambem a favor.* Deu, assim, o escriptor estimado um passo muito nobre; arrependeu-se, em tempo, da primeira

sentença, e esta ultima deve ser registada, como eram outr'ora as do grande rei Salomão.

Pertence aos contrarios o socio Silva Ramos; pensa como Constancio Alves: *Que as senhoras fundem a sua Academia e deixem em paz o Petit Trianon*... E' justo; cada um ama gozar socegado a sua ascensão gloriosa...

O immortal cearense, Gustavo Barrozo, responde que *a eleição é perigosa para a Academia, sobretudo porque a maioria dos seus membros passa dos sessenta annos*...

Foi bizarro este modo de expressão, mas... antes dizer assim do que ficar calado. Apenas realça no espaço uma luz bruxoleante. E' favoravel ou contrario?

Rodrigo Octavio limita-se a pilheriar, parodiando Gustavo Barrozo: *Isso nem chega a ser uma consulta juridica. Será, quando muito, uma consulta saial.*

E' visivel que o notavel jurista procurou descartar-se da resposta, ridicularizando-a. Não estava na sua feitura de sabio obrigar-se a proclamar direitos a quem não os merece; a indiscreção da pergunta o enfastiou... Lembrei-me do incomparavel Diogenes, o celebrado philosopho:

"Afaste-se da minha frente, para que eu veja a luz."

A' margem da resposta do poeta das *Pedras preciosas*, o conceituado ministro Luiz Guimarães, fiquei um tanto preoccupada.

Nada sei do que se passa lá fóra, do outro lado do Atlântico, terras longinquas, aonde nunca irei, e que o querido e illustre diplomata conhece bem, porque as tem habitado; mas se volvermos a vista para os nossos Estados, encontraremos, em Pernambuco, Edwiges de Sá Pereira, primorosa poetisa e escriptora elegante, vice-presidente da Academia de Letras. No Ceará, tambem é socia da Academia a romancista Alba Valdez. Eu mesma, desconhecida, vivendo afastada de tudo, pertenço á Academia Piauhyense de Letras.

Não fiz investigações especiaes a respeito; mas tenho como certo que, além desses exemplos apontados de Academias de Letras sem preconceitos anti-feministas, outros haverá.

Não sabia que fosse prohibida a entrada de senhoras no Instituto Historico Brasileiro. A casa mais antiga de instituição literaria do Brasil, e creio que tambem da America do Sul, prohibe o ingresso de senhoras entre os seus associados... E' impressionante.

Tem um pouquinho de astucioso o segredo inviolavel do poeta Luiz Guimarães, porém mostra, na sua eloquente reserva, sabedoria magistral. Delle somos, eu e o Mestre, sinceros amigos e apreciadores; não faz muito tempo que a seu respeito escrevi. E, assim, creio não me enganar pensando que o diplomata, na sua patria ou distante, será sempre o mesmo espirito delicado e benevolente. Deixemos o tempo correr...

....

Quasi ao findar este artigo, recebo mais um numero do *Diario da Noite*, onde me encontrei com os egregios e muito conceituados immortaes: Aloysio de Castro, presidente da Academia, o principe dos poetas, Alberto de Oliveira e o poeta Olegario Mariano, muito franco e desassombrado; é favoravel, mas affligeo-o a idéa do fardão:

— *Que vestimenta arranjaremos para ella? O habito de freira, o kimono japonez?*

Na verdade, é preciso pensar seriamente no assumpto. Seria preciso, para ser consagrada, vestir fardão?!

— *Nunca se deve contrariar as mulheres, que são a flôr e a graça da vida.*

Depois de serem lidas estas palavras, envoltas em suave poesia, considera-se, no mesmo momento, que o nobre presidente da Academia é favoravel.

Contrario o principe dos poetas brasileiros, Alberto de Oliveira?!!

E' muito acertado não comprometter o seu voto. Além disso, muitas vezes prometter é faltar...

LETRAS JURIDICAS

A' obra, já vultosa, do notavel jurisconsulto, dr. Clovis Bevilaqua, vem de juntar-se mais um precioso volume — «Linhas e Perfis Juridicos». O nome do autor — insigne mestre do direito e um dos maiores expoentes da cultura juridica mundial — só por si dá a melhor affirmação do valor de seu novo trabalho, agora em circulação. Limitamo-nos, assim, a apenas registar, com justa satisfação, o apparecimento de «Linhas e Perfis Juridicos», volume em que o dr. Clovis Bevilaqua trata de varios assumptos, entre os quaes, os seguintes: «Da concepção do direito como reflectora da concepção do mundo»; «A origem do direito»; «A philosophia juridica na Italia»; «Cotas e algumas idéas de Hauriou»; «O direito no Brasil», etc.

O estylo novo, a elevação dos sentimentos, que se traherm, partindo directamente do coração, a nobreza, a segurança e tranquillidade do caracter, a belleza da bondade formam os maravilhosos contornos da sciencia de ser justo e humano, engrandecem a arte ao seu apogeu, matando os preconceitos desoladores, pura imagem da tristeza, aproximando as raças da actual Renascença florescente, e risonha. Somente assim, o clamor doloroso dos tempos barbaros se extinguirá. O talento retoca o esplendor da arte, consegue fundar escolas civilizadoras, tomar attitudes, encarar todos os aspectos e afugentar o que pareça hostil; basta que fiquem rolando no cerebro os contrastes de amôr, violencias monstruosas de luz, abysmos escuros, visões fugitivas do passado, que rapidamente a vida consumirá. Si, por desventura, ficarem chorando sobre a melancolia dessas ruinas saudosas, na futura conquista das letras, alguns cicambros, depressa sentirão que a maior grandeza da arte e da sciencia está em ser justo, apesar da sua derrota...

Não teria a Academia Brasileira de Letras a primasia de glorificar as escriptoras. Antes della já a Academia de Sciencias de Lisboa consagrara Maria Amalia Vaz de Carvalho e Carolina Michaelis, que tanto honraram as letras do seu paiz.

(*Conclue na pag.* 57)

O Campeonato de Foot-ball

A disputa do campeonato carioca de football, que já tem offerecido aos nossos circulos sportivos partidas de verdadeira sensação, proporcionou, domingo ultimo, ao nosso publico, mais uma pugna enthusiastica — a empenhada no campo da rua Paysandú, entre os «teams» do Flamengo e do Fluminense. A «torcida», de parte a parte, foi cheia de enthusiasmo, offerecendo o jogo, na sua parte technica, alguns lances de sensação, como os que focalizamos nesta pagina.

Fim de Historia

Já não te quero, Sombra, não te quero:
— [illegible]s; de tanto esperar-te, desespero!...

Mas, por que hei de esperar-te e de sonhar-te
si, buscando-te, Sombra, em toda parte,

não ha no mundo mal que me não faças,
— dores crúas, tristezas e desgraças?

— Si, em vez de seres simples, mansa, bôa,
a mão que afaga, a bocca que perdôa,

mais me magôas quanto mais te quero,
e mais me desesperas, si te espero!

Ah, foste, num momento, a Adormecida
que me traria sonhos para a vida,

O Principe sou eu: estou aqui...
Desencantei-me, Sombra, e adormeci...

Rubey Wanderley

Instantaneos do jogo que se realizou, domingo passado, no campo do Flamengo, entre o rubro-negro e o Fluminense F. C.

DEVE A MULHER PERTENCER A' ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS? (Conclusão)

Sem nenhuma intenção, foram escriptas estas linhas, pedidas pelo sr. Carlos Rubens, distincto redactor do Diario da Noite, e extraviadas antes de virem á scena. Tendo ellas sido concebidas, penso que devem, como todos os seres, gozar a alegria de viver, embora tenham por privilegio unicamente o doloroso prazer de morrer...

O meu maior anhelo, presentemente, e o mais sincero de todos, quanto aos immortaes, que me estimam e os que em mim jamais pensaram com sympathia, é acompanhar-lhes a ascensão, vel-os em plena força de energias cerebraes, fruindo tantos annos de vida e felicidade quantas são as letras desta minha extensa palestra.

FILIGRANAS

Vendo o outro dia as figuras das antigas machinas de voar, numa revista scientifica, fiquei longamente a pensar nos maravilhosos progressos da aviação. Alli estavam os apparelhos imaginados por Laurent, o helicoptero de Penaud, a machina de Los Olivos, os aeroplanos de Maxim, de Langley, de Ader, de Lilienthal, de Hargrave e de Chanute Emfim, os aviões de Santos Dumont e dos irmãos Wrigth, que determinaram definitivamente a conquista moderna dos ares.

Fiquei longamente a pensar nas multiplas etapas que qualquer idéa humana tem forçosamente de percorrer para attingir ao que deve ser. Como tudo é difficil á face da Terra, planeta do esforço e da dor!...

O grande e bello edificio do jornal «A Tarde», um dos mais importantes da capital da Bahia. O deputado Simões Filho, director desse importante orgão da imprensa brasileira, demonstra a sua capacidade de administrador e a sua aguda intelligencia publicamente realizando obras extraordinarias como essa e transformando «A Tarde» em um orgão moderno de publicidade, digno de uma grande capital. Temos o grande prazer, estampando esta photographia, de louvar os nossos collegas bahianos pela sua optima installação.

FILIGRANAS

Durante seculos, os habitantes de Veneza, orgulhosos do seu campanario rubro, que, como uma joia de pedra, dominava a praça historica de São Marcos, repetiam estas palavras: *Tivorresti viver tanti anni ancora quanti che ne starai in pie il campanile*... "Assim vivas tantos annos ainda quantos os que o campanario ficará em pé."

Pois bem, uma feita, a torre famosa caiu e um montão de ruinas juncou aquelle chão onde os pombos de Veneza recebem as dadivas dos turistas. O mundo inteiro se entristeceu com Veneza e reconstruiu-se o campanario. Resta agora saber si o orgulho veneziano, castigado como foi, ainda faz votos para que alguem viva tanto quanto o campanario...

A MODIFICAÇÃO DE NUMEROS DE TELEPHONES

Diversos assignantes da Companhia Telephonica Brasileira, notadamente da estação 4, nos têm trazido reclamações, que á primeira vista parecem justas, contra a substituição do numero de seus apparelhos, já conhecidos — ponderam elles — das pessôas que, frequentemente, necessitam falar para seus estabelecimentos commerciaes ou residencias particulares.

Desconhecendo os motivos que determinaram esse facto, que tantos protestos têm provocado, e no intuito de evitar, com um registo precipitado, uma injustiça á Companhia Telephonica Brasileira, quizemos, antes, ouvir a palavra do director da publicidade da mesma, engenheiro Annibal Bomfim, que, gentilmente, recebendo-nos, assim nos forneceu a explicação do caso:

— Os reclamantes, que cada dia vão escasseando, porque a maioria já teve, e acceitou, satisfeita, os esclarecimentos devidos, não têm razão quando invectivam a Companhia relativamente a essa modificação. Porque é evidente, é logico, que ella não procederia a tal mudança só pelo prazer de ver zangados os seus assignantes attingidos pela mesma. O caso é que a providencia foi tomada em beneficio dos proprios assignantes que protestam, e pelos seguintes motivos. As ligações dos apparelhos da estação 4 classificados acima de 7.000 eram feitas em tres mesas, o que trazia grandes aborrecimentos ao assignante, obrigado a esperar ás vezes longo tempo pela ligação pedida. Acontece que, com a automatização do serviço da estação 3, que determinou a transferencia de muitos apparelhos, innumeras vagas se verificaram na mesa que serve aos assignantes da estação 4, e correspondentes a numeros abaixo de 7.000. A Companhia achou, então, que podia poupar aos seus assignantes da citada estação collocados acima daquella numeração a demora que tanto os molestava, transferindo os seus apparelhos para as vagas a que antes alludi. Assim o processo de ligações era magnificamente facilitado, e desappareceriam os aborrecimentos de que a Companhia era involuntaria causadora. Porque, em vez de tres mesas, uma só faria, promptamente, satisfatoriamente, as ligações que antes exigiam tantas e [illegible] [illegible]cações. Foi só por isso que a Companhia Telephonica Brasileira fez a substituição que desagradou a algumas pessoas.

Assim nos falou o engenheiro Annibal Bomfim, e nós registamos os seus esclarecimentos, certos de prestar um beneficio ao publico reclamante e á Companhia Telephonica Brasileira.

Os meninos Francisco e Nise, filhinhos do casal Julião Monteiro, no dia em que fizeram sua primeira communhão.

RAPSODIA

Escrevo...

Sim, a penna corre ligeira, mais do que isto, vertiginosamente, sobre o papel. Entretanto, não tenho nenhuma idéa no cerebro.

Ao tempo que escrevo, uma rapsódia qualquer corta o espaço, e o violino, com os seus soluços estrangulados, soluços que me parecem humanos, põe a minha alma em sobresalto.

Ha uma vibração estranha no instrumento, e quem o empunha deve soffrer como eu soffro neste instante.

Saudade de uns olhos distantes, a ausencia do carinho de uma bocca, talvez...

Porque o violino geme, o violino grita, tem espasmos e anseios, desfallecimentos e alegrias, percorrendo escalas, ferindo todas as gammas da dôr para silenciar por fim, deixando em minha alma uma interrogação.

A duvida assalta-me; a duvida de que tu ainda existes, ó minha linda boneca de carne!

A duvida da felicidade de te rever um dia, triste, saltitante, pondo claridades de amor na minha vida.

A penna corre, corre sobre o papel...

A voz do violino morreu no espaço, mas a voz do meu coração não a posso suffocar, para que tu saibas que eu existo, que o nosso amor ainda vive...

BODAS DE PRATA

Um amigo annunciou-me, ha dias, as suas bodas de prata.

Pairava, na physionomia, um sorriso estranho, talvez mixto de dôr e alegria.

Os olhos, picaros, tambem fallaram qualquer coisa, que, no momento, não consegui comprehender.

Um homem que tem uma companheira de vida no longo espaço de vinte e cinco annos deve ser uma creatura feliz.

Assim penso, porque ha tantos desgraçados, asylados do casamento, que não possuiram a fortuna de uma caricia feminina, mesmo num curto quartel da vida...

Vinte e cinco annos!

E a ventura dos filhos, heim!

— Ah! os filhos..., — murmurou o meu amigo. — Os filhos são a razão do nosso apego á vida, o vinculo do casamento, porem... matam de cuidados aos paes.

Comprehendi a reticencia do meu amigo.

No mundo moderno, com a civilização que ahi está, a condição de pae deixou de ser uma alegria, para se tranformar numa tortura.

Entretanto, o semblante do meu amigo tornou-se novamente sereno e elle sorriu, repetindo-me:

— Vinte e cinco annos!

Roido de curiosidade, não resisti ao desejo de saber o que o meu amigo pensava do casamento.

— Não me dei mal — respondeu elle.

— E eras capaz de casar novamente!

— Sim, era — respondeu-me, sem pestanejar.

— Com a mesma mulher!

— Ah! isto não! — atalhou, depressa; — com outra...

Desta vez, quem, certamente, não comprehendeu o meu sorriso, foi o meu amigo...

"AD IMMORTALITATEM"

Alfredo Pujol foi quem, até agora, melhor soube apreciar Machado de Assis, através da sua obra.

O estudo de Alfredo Pujol sobre o autor de Helena, apparecido entre 1915 e 1917, causou funda impressão, revelando o grande critico literario, que São Paulo já havia consagrado como dos seus maiores nas letras juridicas.

A Academia de Letras, numa eleição feliz, abriu as suas portas a Alfredo Pujol, rendendo justo preito a uma das nossas mais vivas intelligencias.

Agora, com o fallecimento de Pujol, que na Academia era um embaixador da intellectualidade paulista, parece que a sua cadeira deve ser occupada por outro filho de S. Paulo, quando mais não seja, por simples cortezia academica.

Entretanto, si nós intellectuaes paulistas não tivessemos o direito de pedir votos aos immortaes, certamente a vaga de Alfredo Pujol tocaria ainda desta vez a S. Paulo, pelo direito de conquista...

Martins Fontes, que, sem favor, é dos maiores poetas da lingua portugueza, ainda vive fóra do seio da Immortalidade.

E' chegado o momento da Academia abrir as portas ao filho glorioso da terra de Braz Cubas, e com o gesto, mais do que ao poeta, terá dignificado a si propria.

MARIO*.

Baton & Rouge

PETIT BLEU

Minha querida amiga — Não sei bem como responder á sua pergunta, tal a confusão do estado de alma em que você me deixou ainda hontem: um turbilhão na cabeça em febre e outro no coração inquieto.

"Então, isso é que é amor?"

Isso que, minha amiga? A que se referirá você de modo tão amargo, mostrando-se tão... decepcionada?

Você bem sabe porque evitei o seu beijo, naquelle momento... E um homem, que sabe ser galante e sabe querer, realmente, a uma mulher quando foge ao seu beijo, quando, delicadamente, recusa a caricia quente de uns lábios adorados, é que tem motivos mais que poderosos e ponderosos para assim proceder.

Esse beijo recusado, ali, naquelle parque solitario e illuminado, quando o meu desejo me fuzilava nos olhos toda a festa pagã da volupia, foi a nossa salvação, creia.

O amor é um fogo
Que o diabo atiça...

E eu, minha querida amiga, eu, se tivesse chegado, naquelle momento de vertigem e de exaltação, a repetir-lhe ao ouvido, com todo o calor que ellas continham, estas palavras com que você se confiava a mim: *Je t'aime... Je t'aime d'amour, mon chéri!...*, o "incendio" teria sido completo e nem nossas almas se salvariam...

E, depois...?

Padre, pretoria — o ritual completo da coisa mais mortificante e banal da vida — que é o casamento, e, com elle, a morte do nosso amor, tão esquisita e bizarramente encantador porque immune de... peccado mortal...

Pense, reflicta, e acabará convencida de que estou com a razão.

N'est-ce pas?...

* * *

Mlles. Dóra e Helena Vargas de Andrade e Paula Pires Brandão são tres enthusiasticas tennistas, que, no «court» do Fluminense F. C., têm, varias vezes, demonstrado, brilhantemente, as suas habilidades nesse fidalgo sport

Em Berlim realizou-se, um dia destes, uma festividade tradicional na vida do povo allemão, e que, francamente, me commoveu — a commemoração do "Dia dos maridos".

Os recantos mais pittorescos dos arredores de Berlim encheram-se de alegria e de festa, de uma algazarra ruidosa, quasi infantil.

Pudera não!

Lá, na Allemanha, na linda terra por onde o Rheno se espreguiça sempre a cantar o mysterio de suas aguas profundas, lá é assim... Os maridos têem a rara felicidade de um dia de liberdade, de uma folga que elles gozam a seu [illegible] prazer, sem a presença quasi sempre constrangedora, das respectivas caras metades.

Pic-nics, musica, cerveja loira e espumante, bôas comidas, melhores cantigas...

Uma farra em grande, completa, em que os "desinfelizes" — como dizem os matutos da minha terra, no seu linguajar pittoresco — esquecem, por um dia, a tortura da sua escravidão matrimonial.

Uns felizardos, os maridos allemães...

* * *

Meu amor, lá fora a natureza, ainda estremunhada, banha-se no [illegible]culo purpureo da antemanhã.

Uma festa de azas, que se agitam no espaço, annuncia a ouverture da orchestração matinal.

A terra cheira a flor e, nos rosaes, que o sol começa a acariciar, nasce, suavemente, a exaltação de amor:

Meus olhos verdes descem tambem sobre a terra e sobre a cidade que ainda dorme, preguiçosa.

Um bocejo sadio e fresco de mulher bonita [illegible] prende-se das coisas, e [illegible] enche de um olor [illegible] e casto o ambiente que me cerca...

Penso em ti. [illegible] porém, o sol de meus olhos busca penetrar as sombras envolventes do teu quarto de virgem.

Meu amor, por que não raiaste ainda para a festa de meu coração, longe de ti, e para o deslumbramento e fascinação de meus olhos? [illegible]

Porque tu és como esta manhã casta, cheirando a flor, palpite de carícias...

FRAGONARD

Gavaco de Alem Tumulo

(Filigrana de Mozart Firmeza)

COMO no tempo do vingativo Hamlet, em que os mortos falavam mais frequentemente, um dia destes o espirito super-macrobio de Eva encontrou-se com o fantasma monarchico da Marqueza de Santos.

A mãe de nossas mães, na nudez sem preconceitos dos momentos paradisiacos, subiu ao galho de uma arvore sombria, cujas lianas vinham beijar o chão, e, dirigindo-se á amante do primeiro Imperador Constitucional do Brasil, que, cheia de rendas e babados, se recostára em um tumulo, disse, como se continuando uma conversa já encetada:

— Domitila, foi a nossa desgraça, porém foi também a nossa victoria... Eu sou agradecida á serpente por me ter revelado o segredo...

— Já ouvi falar muito em tua historia, mas quero ouvil-a dos teus proprios lábios. Conta-m'a agora.

Havia um silencio de terror. Uma luz muito forte, vinda de uma lua muito grande, que parecia querer cahir sobre a terra, banhava o campo santo, tirando symetricos effeitos do claro-escuro — uma joia de pintura renovadora de Marinetti... Aqui e ali, appareciam marcos funerários de bronze e finos mármores de Carrara, sombreados de quando em quando por nuvens esparsas, que passavam voando, pelo alto. Um vento leve e acariciante refrescava o ambiente.

Eva:

— Eu era muito feliz no Paraíso. Mas de que me servia aquella felicidade, se eu nada via? Se não podia contemplar o sol, a lua, toda a fauna que me rodeava, coisa alguma, emfim, nem o proprio Adão, de quem sentia as musculosas formas?! Um dia ouvi uma voz — era a serpente — uma voz muito meiga que me seduzia: — "Eva, por que não comes aquella maçã? Ha tanto tempo que a acaricias, e ella é tão bôa!" — "Não, respondi-lhe eu. Deus m'o prohibiu". — "Ora, Deus! Sabes por que elle não quer que tu comas daquella fruta? E' para não ficares igual a elle. Deus é egoista. Si, um pedacinho que seja, comeres daquella maçã, ficarás imperatriz do mundo (*Eritis sicut dii*), porque os teus olhos se abrirão"...

— Houve um tempo em que eu tambem quiz ser Imperatriz do Brasil.

— E por que o não foste?

— Porque era amada por um Imperador extrinseco...

— Aquella idéa de dominio — continuou Eva —, a revelação a mim propria dos meus encantos, tudo isso foi actuando em minha vontade de tal forma, com tamanha força, que, certo dia, não pude fugir á tentação de comer a fruta, afim de assistir ao mysterioso avatara... E, então, com o poder de ver tudo, vi quanto eu era differente dos outros animaes. Num regato proximo olhei-me, e, reflectindo na agua, divisei o meu corpo, — que, melhorado no cadinho da perfeição, vem fazendo de nós, mulheres, sonhoras do universo... E achei-me bella. Ah! si naquella época eu pudesse contemplar uma de vocês! Como és linda, Domitila! Que seios marmoreos os teus! Que delicadeza de linhas!...

— Eva — interrompeu a Marqueza de Santos — não falaste ainda no Paraíso.

— O Paraíso?! Ora, o Paraíso actualmente não permitte confronto nem com um bungalow... Era a floresta, a solidão — um bocejamento eterno.

— E Deus? Que fez elle quando descobriu o teu peccado?

— Quasi se congestionava, tamanha foi a raiva. E expulsou-me.

— Tal qual eu batendo em retirada caminho de São Paulo...

Eva:

— Adão, meu amantissimo esposo, pediu permissão para me seguir, elle, que não era culpado, e podia ficar desfrutando as decantadas delicias do Eden. E, assim, chorando quando eu chorava, rindo quando eu ria, viveu sempre commigo, a trabalhar para mim.

— E' um papel triste o do homem.

— Mais triste foi o que, pelo meu peccado, Deus nos reservou: ter em o nosso ventre sempre o fruto doloroso dos nossos amores.

— Mas, que importa! A serpente tinha razão: Nós somos Imperatriz do mundo. Riqueza, poder, tudo o homem conquista para depositar em os nossos pés. E as nossas fraquezas e as nossas mentiras são para elle ainda inspiradoras camenas. De que valem a sua força physica, a intelligencia, a sinceridade, si a maçã que comeste, Eva, nos fez mais forte!?...

— Sim, Domitila, mas os ultimos successos me têm feito pensar numa coisa: A mulher precisa commetter um outro grande peccado. Ella está perdendo muito o seu poderio junto ao homem, procurando igualar-se a elle. A mulher precisa commetter um outro grande peccado para ser de novo rebaixada...

O sino de bronze de uma velha cathedral bateu ao longe, acordando para a missa. E os gallos, como uma trombeta da manhã, tocaram o signal de retirada para os dois fantasmas cavalqueadores...

FILIGRANAS

Tarde silenciosa e casta. Uma grande pincelada de oiro riscava o céu alto, aqui acinzentado, alli quasi purpurino. O sol morria num poente limpo e liso como uma esteppa russa. E pelas faldas da montanha os arvoredos espessos sussurravam segredos, mysteriosamente, ao vento iodado que o mar enviava...

Sentado á beira da fonte que gottejava tristonha no seu tanque de granito esverdinhado, eu me deixava embeber pela tranquilla belleza daquelles momentos deliciosos e o meu ser fundia-se pantheisticamente em todas as luzes e em todas as coisas, em todos os perfumes e em todos os sons que me rodeavam. E murmurei os versos de Victor Hugo:

Arbres, rochers, roseaux,
[tout est
Tout est plein d'ames!...

Tres rosas dos jardins de Recife. Rosas que falam, que andam e sorriem, como aquella do poeta...

Agua corrente... Agua parada...

Agua que sobe... agua que desce...
Alguem que chora um velho pranto
de nostalgia... que a gente esquece...
pensando ouvir um novo canto...

Agua que desce... agua que sobe...
que me embalou, quando em menino...
e que chorou, ao ver-me um "snob"
dos "rendez-vous" do meu destino...

Rio da Gloria ou da Amargura...
Rio que corre... agua que passa...
Agua luzente da Ventura...
Agua barrenta da Desgraça...

Rio do Amôr... agua nativa...
que geme e estua... afaga e corta...

— Deslumbramento de agua viva
ou "miserere" de agua morta...

Rio da Vida... argenteo e leito...
Sonho pagão que vem e corre...
Agua que canta, com voz de oiro,
e nunca morre... e nunca morre...

Rio da Morte... agua contrita...
Lamentações de um velho sino...
Monja caduca... alma bemdita...
"Requiem" de dôr de um violino...

Agua que rola... illusão solta...
Rio do Amôr... agua assanhada...
Rio da Vida... agua revolta...
Rio da Morte... agua parada...

Jayme de Sant'Iago

FILIGRANAS

Um personagem de Eça de Queiroz, na *A Capital*, si me não engano, tinha uma alma exaltada e romantica. Palpitavam no seu quarto as asas de Eloá; Rolla sorria entre as cortinas de seu leito; a cotovia de Romeu e Julieta cantava para elle; via em todas as carruagens a Dama das Camelias; acariciava a cabrinha magica de Esmeralda; e andava monologando como Hamleto... O resultado de tudo isso é que não podia dormir...

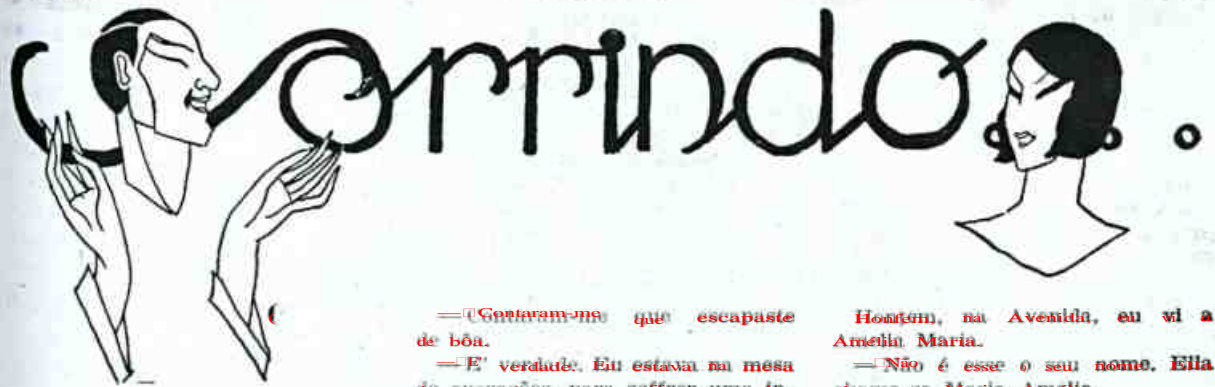
O mesmo me acontece a mim. Vejo e sinto tudo isso. E os dedos pallidos da insomnia mantêm abertos os meus olhos a noite inteira, quando o meu pensamento não consegue afugentar da minha cabeça ardente o ardente desejo de teu carinho...

Oh! si pudesses avaliar bem a deliciosa tortura do desejo...

* * *

Afim de identificar um individuo e reconhecel-o em qualquer tempo, embora se disfarce de todos os modos, as policias usam as fichas dactyloscopicas, pois é sabido que as impressões digitaes são especiaes a cada individuo e nunca se repetem. Descobriu-se recentemente que o mesmo acontece ás marcas dos pés humanos e por ellas nos Estados Unidos, é que agora se registram os bebés. Assim, não ha perigo de serem trocados.

Está proximo o dia em que se tomarão as marcas de outros logares do corpo para identicos ou diversos fins. A gente, no mundo actual, deve estar preparada a não se espantar mais de coisa alguma. Não é exacto?

Os meninos Luis e Fernando Lanter da Silva são dois pequenos estudantes do Pará, que aqui estiveram a passeio. Os dois garotos, que são muito intelligentes, lêem o FON-FON com grande enthusiasmo.

Tristan Bernard, o grande humorista francez, que tanto admiramos, foi convidado, certa vez, para um jantar, lamentavel quanto á quantidade de pratos.

Já tinha sido servido um destes, quando sobre a mesa collocaram uma travessa, na qual se perdia, materialmente, um esmirrado e esqueletico frango.

Tristan Bernard contemplou o gallinaceo e, compassivo, acariciando suas frondosas barbas, exclamou:

— Coitadinho! Causa pena! Com suas patinhas no alto, parece implorar: "Quanta gente! Quantos para mim sozinho!"

* * *

A sogra — Cada lagrima de minha filha arrebata-me um anno de vida... Até quando vae fazel-a chorar?

O genro — Isso depende da vitalidade da senhora.

* * *

— Patrão, o senhor Moreira quer falar-lhe.

— O senhor Moreira? Não me lembro desse cavalheiro. Traze-me o album de photographias e mostra-mo.

* * *

O novo desenhista (ao director da revista) — Que lhe parecem os meus desenhos? Diga-mo com toda a franqueza.

O director — Homem, com toda a franqueza não lh'o poderei dizer, porque você é muito maior e mais forte do que eu...

* * *

Entre duas amigas:

— Qual seria teu maior desejo depois de teres encontrado o marido ideal?

— Casar-me com o ideal de outra...

* * *

A professora — Por que choras, Eduardinho?

O alumno — Porque hontem á noite sonhei que a escola tinha pegado fogo.

A professora — Mas estás vendo que não é verdade.

O alumno — Pois é por isso que eu choro, professora.

— Contaram-me que escapaste de bôa.

— E' verdade. Eu estava na mesa de operações para soffrer uma intervenção de appendicite, quando os medicos souberam que eu não tinha o dinheiro sufficiente para lhes pagar, e deixaram-me em paz...

* * *

— Neste restaurante havia, outr'ora, flores naturaes sobre a mesa, e agora só as ha artificiaes... Por que é isso? — perguntou uma joven fregueza ao *garçon* de um restaurante.

— Fomos obrigados a deixar de pôl-as naturaes, senhorita, porque aqui vêm muitos vegetarianos... — respondeu o *garçon*.

* * *

Na delegacia:

— De maneira que a aggressão foi com arma branca?

— Sim, senhor commissario. Este homem aggrediu-me com uma garrafa de leite.

* * *

Elle — Disseste a teus paes que eu sou um artista?

Ella — Não lhes pude dizer tudo de uma vez. Até agora elles só sabem que bebes e jogas.

* * *

— Vamos ver, minha filha, si sabes qual é o animal que nos fornece vestidos e alimento.

— E' papae, mamãe.

* * *

— Pedrinho, quantas viagens fez Christovam Colombo?...

— Quatro viagens.

— Muito bem. E depois de qual dellas morreu?...

* * *

O gerente de uma casa commercial surprehende um dos mensageiros pregando uma mentira, e lhe diz:

— Sabes o que se faz com os meninos mentirosos?

— Sei, senhor gerente. Quando grandes, são nomeados viajantes commerciaes...

Que bom seria...

O peccado acabaria,
Só vivendo imperando o Bem,
Se o Eucalol, pudesse, um dia,
Lavar as almas tambem.

Hontem, na Avenida, eu vi a Amelia Maria.

— Não é esse o seu nome. Ella chama-se Maria Amelia.

— Mas é que a vi de costas...

* * *

Idyllio moderno:

Elle — Que farias, si eu morresse e te deixasse?

Ella — E me deixasses... quanto? ...

* * *

No jury:

— E' verdade que o réo chamou a victima de idiota, canalha, semvergonha e sátyro?

— E' verdade, senhor juiz. Chamei-o de tudo isso.

— E é tambem verdade que o chamou de ladrão?

— Ah, isso não, senhor juiz! Foi um imperdoavel esquecimento da minha parte!

* * *

— Mas, minha tia, de que falarei a essa senhora a quem vae apresentar-me?

— Fala-lhe de sua belleza.

— E si eu não achal-a bonita?

— Então, fala-lhe da fealdade das outras...

* * *

O pae — Quando te bato, meu filho, a minha dôr é maior do que a tua.

O filho — Sim. Mas não no mesmo logar, papae...

* * *

— Qual é a sua profissão?

— Faço prognosticos atmosphericos.

— Ah, sim! O senhor vive do ar...

* * *

A esposa — Imagina, querido, que fui á agencia de empregos atraz de uma criada, e tive a sorte de conseguir duas.

O marido — Mas não precisavas somente de uma?

A esposa — Era, sim. Mas uma virá hoje, e a outra na proxima semana...

* * *

— Que está fazendo, agora, seu filho?

— Escreve. E tudo o que elle escreve é lido com grande interesse por elevado numero de pessoas.

— Elle escreve novellas?

— Não. Escreve listas de restaurante...

DENTRE os grandes males que a guerra mundial trouxe á humanidade, figura em primeiro plano o bolchevismo russo.

Segundo dizem os grandes philosophos e pensadores, nada ha sobre a face da terra que seja imprestavel e até a immunda mosca, esse nojento diptero universalmente prejudicial, tem o seu valor.

A mosca serve para indicar onde está a immundicia e a falta de hygiene.

O bolchevismo, que tem mostrado ao mundo o quanto é utopico o decantado socialismo, fez da Russia um exemplo vivo do que serão os paizes debaixo de tal regimen.

Infelizmente, a humanidade tem no seu seio milhões de individuos que vivem em um unico anseio, o de conhecer um dia a felicidade que nunca obtiveram e que invejam.

Não é sem um sentimento de odio, que o operario que trabalha nas entranhas das minas, na bocca das fornalhas e no fundo das officinas pensa nos "bungalows" dos capitalistas, nos automoveis dos potentados, na criadagem dos ricaços, na vida feliz e descuidada dos nababos.

O mais mesquinho dos sentimentos, a inveja, cria e acalenta esse odio.

E o pobre infeliz a quem a inveja não deixa raciocinar, inteiramente dominado pelo odio, procura, então, os meios de liquidar com a riqueza e com o capital e, na impossibilidade de erguer-se ao nivel dos felizes, procura tombal-os.

O proletario não vê, porém, a seu lado, o maior dos seus inimigos: a falta de instrucção. Essa é a mais pesada das algemas que o acorrenta á infelicidade e á desgraça.

O operario, que em lugar de passar suas horas de folga em conluios communistas e em leituras indigestas de livros e jornaes libertarios, vae para uma escola de aperfeiçoamento para se tornar um operario perfeito; aquelle que, verificando ser quasi analphabeto, vae procurar tornar-se um homem capaz de comprehender e assimilar o que lê — esse mandará ás ortigas o bolchevismo, o socialismo, o anarchismo, que só pódem trazer para os seus adeptos a repulsa da sociedade, porque os fazem inimigos della.

Os operarios que deixam de ser analphabetos e que acceitam as suas bancas de trabalho, não como um pelourinho ou um ergastulo e sim como o nobre pedestal do trabalho e da honradez, esses afastam-se do bolchevismo e do communismo e ficam de cabeça erguida no seio da sociedade. Esses não acolhem, como alliados, a violencia, o assassinato, a depredação, a revolução.

Esses, ordinariamente, não verão a fôme bater ás suas portas.

Aquelles que, relegando para ultimo plano a instrucção, quizerem viver unicamente da habilidade instinctiva de produzir, do tirocinio mechanico de alguns annos de pratica, sem maiores conhecimentos que os elevem, esses terão sempre a adversidade pela frente.

Esses não poderão comprehender que o bolchevismo foi lançado na Russia por homens intelligentes.

Com a intelligencia, com o preparo intellectual é que o homem vence.

Os animaes possantes e muito mais fórtes do que o homem são domados e escravizados, não pela força muscular do homem, fragillimo e impotente animal, mas sim pela intelligencia e pela astucia.

Foi pela astucia e pela intelligencia que Lenine, Trotsky, Kerensky e outros proceres do bolchevismo acorrentaram em suas mãos a onda proletaria e a atiraram contra o throno multi-secular do Czares. Elles não trepidaram em usar da bôa fé, da ignorancia e da inveja do proletario para delle fazer o instrumento destruidor do regimen, empecilho que se oppunha como uma barreira aos desejos que elles tinham, de subir, de enriquecer, de reinar sobre os escombros de uma nação.

Si o bolchevismo é o supremo anseio do proletário, a Russia deve ser o paraiso promettido.

Para esse paraiso deverão correr os adeptos de Lenine; para lá devem partir todos aquelles que acham que o socialismo é a mais pura das doutrinas.

Mas não; de lá desse paraiso, dessa terra promettida e obtida saem milhares de operarios, que se espalham pela face do mundo, escorraçados pela fome, pelo "Knout" do cossaco e amedrontados pelo pavoroso revolver do carrasco dos soviets.

Eesses infelizes, que durante o governo dos czares viviam de qualquer maneira, mas viviam, hoje deixam para sempre o sólo da Patria e vêm, elles que fizeram o bolchevismo, pedir pão e trabalho nos paizes onde reinam testas coroadas e onde o capital se amontôa nos cofres fortes dos milliardarios.

Proletários brasileiros! Quem escreve estas linhas não é um aristocrata, não é um capitalista: é um homem que já se encostou em um torno de bancada com um limatão nas mãos, que já entrou em baixo dos estrados das machinas empunhando uma chave de bocca, já contemplou suas mãos callejadas pelo cabo do martello e se sente honrado em ter vestido o "macacão" de mescla manchado de graxa e de oleo.

E assim, com o mesmo direito que tenho de dizer que sou um operário, tenho o de aconselhar aos meus camaradas brasileiros, para que elles, os obreiros do progresso e da grandeza da nossa Patria, não se affastem do seu papel de constructores, para acceitar o titulo de destruidores da ordem e de demolidores da felicidade da Patria.

Affastae de vós os vossos camaradas, infelizmente envenenados pelas idéas bolchevistas; procurae mesmo reconduzil-os á senda da razão e do respeito ás leis!

E ficae em guarda contra aquelles que se servem da vossa ingenuidade e da vossa bôa fé, para guindarem-se ás posições de mando, nas quaes se locupletam sem pensar mais no operario que o fez.

Só com a instrucção e com o trabalho honrado, só com respeito ás leis sociaes e á Constituição do paiz, chegareis a ser homens livres e felizes.

Collocae-vos de modo a que os aventureiros, os arrivistas, os homens sem Patria e sem Deus, não possam fazer de vós a escada para subir ás culminancias e de lá, depois, enviar contra vós os raios fulminantes do despotismo e do desprezo.

E áquelles que se considerarem bolchevistas de facto, resta o consolo de partir para a Russia, paraiso dos socialistas, onde a fome tomou o lugar do capital e o "knout" o da Constituição.

AS DESILLUDIDAS

De ARTHUR CERRETANI

QUANDO as desilludidas deram por terminada aquella memoravel assembléa geral extraordinaria, que realizou a 3 de setembro, todas sorriram magnificamente. Afinal, haviam conseguido desterrar o amor de suas preoccupações mais transcendentaes.

No dia seguinte, iniciaram-se com muita formalidade as actividades depuradoras. A secretaria procedeu ao cancellamento, da lista social, de todas as socias casadas ou na imminencia de contrahir nupcias. Uma commissão especial, composta de cinco senhoritas, dignas da mais alta estima por seus bellos dotes intellectuaes, se entregou decididamente ao trabalho de passar em revista os quinhentos volumes da bibliotheca e a afastar todas as novellas mais ou menos amorosas que gozavam de um logar privilegiado nas estantes.

Ao mesmo tempo, foram examinados os cartões que registam os pedidos de livros, e depois se recriminou severamente uma pequena leitora que havia solicitado, repetidas vezes, obras tão perigosas como *Maria*, *Amalia*, *Graziela*, *Carmen*, *As desencantadas* e... *Os tres mosqueteiros*.

— Senhorita — disse-lhe a presidente — você é indigna de pertencer á nossa entidade. Supponho que, pelo menos, nunca terá tido noivo...

A joven, que era sensivel, se poz a chorar desesperadamente.

— Não. Não. Não tenho noivo... Nunca tive... — respondia, entre soluços.

A presidente, que tinha um coração duro, concebeu, então, uma idéa. Na entidade não podia haver associadas de genio tão opposto como ella e essa joven. Mantinha-se, pois, a divisão entre desilludidas e... aspirantes á desilludidas. De modo algum podia caber a desillusão como resolução superior de mulher moderna, em uma terna joven que se deleita com Lamartine e chora desesperadamente deante de uma censura, si não inteiramente justa, pareci[a] plenamente justificada.

A moça era bonita. Talvez um pouco estrabica, mas não tanto para que isso constituisse um grave defeito. Fallava ternamente e suspirava profundamente. Confessava dezesete annos, e si tinha mais — pouco mais haviam de ser — não chegava a demonstral-os. Ao dizer que não tinha noivo, não havia mentido, por certo. Quando se tem dezesete annos e se lê com devoção o bom Lamartine ou o bom Isaacs, se sonha geralmente com um principe azul.

Mas voltemos á nossa historia.

De averiguação em averiguação a respeito do caso, se chegou a uma surprehendente conclusão. Aquella mulherzinha de dezesete annos era a unica que tinha dezesete annos e era a unica que estava em condições de manifestar inferioridade em relação a todas as outras. Todas as outras se vangloriavam de uma falta de sentimentalismo notavel. Nenhuma dellas acreditava nos sentimentos, e muitas asseguravam que a sensibilidade feminina, no seculo presente, deve ser considerada como um mytho. O que correspondia, segundo a crença de uma respeitavel maioria, era hostilizar, até seu completo e total aniquilamento, as poucas sentimentaes que ainda arrastam pelo mundo sua illusoria existencia.

— A sensibilidade — chegou a proclamar uma dellas — é uma flor de exclusiva propriedade masculina.

Para a presidente, só havia esta resolução: eliminar da lista social a joven de dezesete annos, ou então educal-a sabiamente na desillusão, com o que se conquistaria uma nova adepta para a causa.

Submetteu sua idéa á commissão. Foi acceita por unanimidade, e a joven de dezesete annos — a pobre joven de dezesete annos que havia lido com deleite e chorado sobre as paginas de *Maria*, *Amalia*, *Graziela*, *Carmen*, *As desencantadas* e... *Os tres mosqueteiros* — foi educada na desillusão.

As lições não duraram muito. Como a joven dizia que sim a tudo o que lhe ensinavam as sabe-tudo da entidade, foi promovida bem rapidamente ao grão da socia effectiva. Como these apresentou um *Decalogo da perfeita desilludida*, que foi elogiadissimo. Jurou, depois, que jamais se apaixonaria e tambem que nunca mais leria novellas bobalhiconas.

Si ella soubesse que, mais tarde, havia de quebrar

Inscrever-se na Radio Sociedade e no Radio Club do Brasil é um dever de patriotismo: é concorrer para o desenvolvimento da cultura brasileira.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:

No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre .... 25$000

Venda avulsa em todo o Brasil, 1$000.

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.
Toda a correspondencia deve ser dirigida á

FON-FON

REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA

Director: SERGIO SILVA

Redactor-Chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Director: 2-0377. — Administração: 2-4136

Caixa Postal 97

RIO DE JANEIRO

EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.

Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade, Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa do correio 1431.

Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

AS DESILLUDIDAS

(Conclusão)

esse juramento, não teria tremido tanto ao pousar sua mão — essa mão tão branca como seu coração — sobre a *Biblia*. Porque mais tarde — poucos mezes mais tarde — a joven de dezesete annos quebrou o juramento. Apaixonou-se como qualquer sentimental. Resistiu, entretanto, durante muito tempo. A tudo dizia que não. Seus *não* eram rotundos. Seus *ah, não!*, desoladores. Seus *outro dia*, desconcertantes. Ameaçou o pretendente dizendo-lhe que tinha um irmão boxeur.

— *Boxeur?* — perguntou o rapaz. — Alegro-me.

— Por que?

— Porque eu tambem o sou...

— *Boxeur!*

O moço não era boxeur. Mas, como tinha vinte e dois annos, se sentia capaz de convencer a moça. Falou-lhe mal do box.

— Você quer mal a meu irmão...

— Porque quero bem a você...

Pouco a pouco, a vehemencia do rapaz venceu a frialdade apparente da joven, até que fez eclosão toda a ternura que ella se esforçára em occultar.

As desilludidas nada souberam disso. Até que, uma noite, em certa assembléa reunida para discutir o pedido de uma socia que solicitava a reincorporação de uma dama que fôra expulsa em nome das novas disposições que impediam de pertencer á sociedade toda a mulher casada, tendo sido recusado o pedido, estourou a bomba.

— Isto constitue uma arbitrariedade! — exclamou a supplicante. — Com que direito se nega a readmissão da senhora X, que, embora casada, não ama a seu marido, e se permitte á senhorita tal — e citou a joven de dezesete annos — que, todas as tardes, namore por telephone, durante meia hora?

Houve um murmurio de assombro. Os rostos das desilludidas se ensombrearam. Algumas mãos se agitaram, e algumas cabelleiras se eriçaram. A joven de dezesete annos, alli presente, baixou a cabeça ruborizada.

Quarenta olhos — eram vinte as associadas reunidas — se lhe cravaram na fronte, e ella sentiu sobre si todo o peso da censura.

Não se deliberou. Não era necessario que se deliberasse. O assumpto era clarissimo. Em nome da desillusão triumphante, se agradeceu á reveladora o serviço prestado á entidade, e se resolveu expulsar essa pobre mulher irresponsavel que não tivéra coragem de vencer na luta. E ella foi expulsa, ignominiosamente.

Devolveram-lhe os documentos que lhe pertenciam, cancellou-se seu registo, puzeram-lhe nas mãos o [illegible] culoyo da *perfeita desilludida* e convidaram-na a retirar-se.

A joven olhou detidamente cada uma das socias. Seu olhar não era penetrante, pois apenas no exterior. E do exterior, somente no [illegible] Depois, cumprimentou com muita cortezia a ellas, e se retirou dignamente.

Ao chegar em sua casa, mirou-se no espelho. Percebeu, então, que, apezar de seu insignificante estrabismo, era a unica bonita de todas as associadas. Além de bonita, era sensivel, e se sentiu orgulhosa de sua sensibilidade. Tambem era um pouco romantica, e celebrou seu romantismo.

Havia encontrado — aos dezoito annos — aquella felicidade que presentiu aos dezesete.

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

O MUNDO A'S AVESSAS

DA FOX

Cinema ODEON — A continuação de *Sangue por Gloria*. Mesmo sem esse chamariz, o filme, pela sua belleza, pelo seu sentimento, pela sua graça justifica plenamente o successo que o marcou na concorrencia do publico. Foi evidentemente o filme vencedor da sua semana de exhibição. Apezar do encanto, da vivacidade, da formosura e do talento de Lily Damita, os dois artistas maximos desta pellicula foram Victor MacLagen e Edmund Love, creadores das scenas mais espirituosas e das mais emocionantes tambem desta vencedora producção da Fox. A direcção da pellicula encontrou-lhe effeitos de grande relevo e desnecessario será dizer, tratando-se da Fox, que a parte technica é superior. Finalmente, é um filme para o grande publico e destinado a uma excellente carreira.

Cotação — BOM

SAUDADE

DA UFA

Cinema RIALTO — O titulo do filme não é, por certo, traduzido do original, por isso que nenhuma lingua do mundo possue um termo como saudade para traduzir o sentimento que ella significa. Isso, porém, não importa ao valor artistico do filme. Ambiente: a vida amargurada dos exilados russos em Paris. A lenda já tomou conta do assumpto e o cinema já o focou varias vezes. O trabalho da Ufa, sem nos deixar uma impressão de grandeza, contentou o nosso desejo de vêr uma obra de sentimento e de belleza. Mary Christians, sendo uma creatura de grande exuberancia histrionica, não attinge aquella expressão dolorida que o moral da figura exige. As palmas vão todas para Wilhelm Dieterle. Boa technica, melhor que a direcção, que poderia arrancar ao assumpto muito mais do que tirou. — *Cotação* — BOM.

PRIMAVERA DE ESPINHOS

DA WARNER BROS.

Cinema ELDORADO — O assumpto desse bello romance de amor, ou melhor a sua interessante figura feminina está nas lendas norte-americanas do principio do seculo XIX, que tão intima relação tem com a historia de França. E' a lenda historica da gloriosa Betsy, o prototypo da mulher americana de origem latina, a filha desse ridente solo da Virginia. O filme da Warner tem uma montagem admiravel, valendo como uma impressionante obra de arte. Dolores Costelo, na sua formosura delicada e graciosa, creou o typo com muita verdade e sentimento. Conrad Nagel creou o irmão de Napoleão. O scenarista abusou um pouco da... phantasia.

Cotação — BOM

BEIJO

Cinema PALACIO — Drama profundamente emocionante, em que mais uma vez o temperamento vibratil da perturbadora Greta Garbo cria mais uma mulher fatal. E' um bom trabalho e se alguma cousa nelle se pode notar é que o scenarista não aproveitou com amplitude o excellente material do thema. Dizer que Greta Garbo e Conrad Nagel são dois grandes interpretes, seria avançar um logar commum. E' preciso destacar tambem Holmes Herbert. O drama é como dissemos, immensamente emotivo e representa um trabalho de grande valor para quem aprecia as situações lancinantes e apaixonadas. De resto, Greta é a mulher ideal para esse genero de trabalho. — *Cotação* — BOM.

O Vôo do Condor

HA muitos annos, e apesar de que já existiam as discórdias, que abundaram, sempre, desde que os seres nascem com estomago, ainda não havia feito a sua apparição sobre o planeta esse animal complicado, sobre quem os maiores sábios só estão de accordo em um ponto: a sua denominação — o "homem".

Os que hoje, por simples jactancia, chamamos irracionaes, tinham a faculdade de expressar-se por meio da palavra, e Llastay, o deus da terra e da agua, regia os destinos dos habitantes desta parte do universo.

Sob a fôrma de uma grande serpente, com cauda e patas de lagarto — fôrma que quasi sempre adoptava por serem os reptis seus preferidos — dormia a sesta á sombra perfumada de um loureiro, sob o olho fixo e avisado das listadas, grossas e imponentes cobras de cascavel.

De improviso, as sentinellas silvaram o grito de alerta, e o soberano ergueu a sua monstruosa cabeça.

— Que ha?

— Tres dos vossos filhos solicitam audiencia.

— Que passem!

Abrindo o intricado labyrintho de ramos que fechavam essa parte do bosque, appareceram, dobrando-se numa exagerada reverencia, um jacaré, um veado e uma raposa.

— Vimos aqui... — começou esta, que era a mais ladina. Mas o cascavel de uma das sentinellas impoz silencio.

— Fala! — ordenou Llastay.

— Vimos aqui buscar, na vossa soberana e reconhecida sapiencia, um remedio para a situação intoleravel que se creou para nós outros, com a desmedida avareza do jaguar.

— Que ha? Que accusação formulaes contra elle? — perguntou o deus, assumindo a digna attitude de quem tudo póde.

— Passa!

— Occorre!

— Succede!

— Silencio! — volveu a impôr silencio o cascavel de um guarda.

— Fale cada um por seu turno.

Llastay assignalou o jacaré.

— Succede — começou este, algo embaraçado, por reconhecer a sua pouca erudição — que destes aos de minha familia o rio como morada e fonte de recursos, mas a vida ali já se nos torna difficil, á falta de alimento.

— Como assim?

— O sr. jaguar, não sei se por maldade, ou por desfastio, procura as margens do rio, pescando e attrahindo os peixes que se vão esconder no fundo do rio, onde não podemos ver nada. Eis o que eu tinha a dizer.

A raposa, mettendo a mão numa toca de páo, para de lá arrancar um insecto que, sem duvida, desconhecia os direitos de propriedade, iniciou o seu discurso mirando de soslaio o veado, que comia uma liana.

— O mesmo digo eu. A vida se nos torna insupportavel. As incursões do nosso poderoso irmão pela relva terminaram por completo com os preás. Já não é possivel viver no bosque.

Chegou a vez do veado:

De

A. Cavilla Sinclair

— Não faço mais que affirmar o que dizem os queixosos. As lebres e perdizes, que tanto abundavam no campo, desappareceram de todo. São hoje prato de luxo.

— Filhos meus! — exclamou Llastay — comprehendo e justifico a vossa angustia e, por isso, de hoje em deante, o jacaré viverá no campo; tu, raposa, pescarás no rio, e tu, veado, caçarás na selva.

Os personagens se entreolharam com estranheza. Mas não se atreveram a replicar, porque o cascavel dos crotalos havia soado, dando fim á audiencia.

Não havia transcorrido uma semana, quando os tres, algo mais desolados e com menos garbo que anteriormente, solicitavam, de novo, a attenção do soberano.

— Vamos — disse este. — Que ha de novo?

— Senhor! — disse o veado — em obediencia á vossa ordem, fixei a minha morada no campo; porém, occorre que os alimentos estão muito altos e eu não sei trepar.

— E vós, senhora?

— Direi que, apesar de haver seccado as minhas glandulas salivares, procurando attrahir os peixes, e apesar, tambem, de haver permanecido varias horas com a mão dentro dagua, com risco de me constipar, faz quatro dias que não como.

— E tu, jacaré?

— Digo que seguei. Ceguei de tanta fome que passei — disse o jacaré, tacteando melancolicamente — com um simples preá ha quarenta e oito horas. E, contudo, sinto nauseas.

Llastay nada respondeu, mas, deixando a descoberto a sua lingua biforme, lançou um silvo estridente e poderoso.

Minutos depois, abanando majestosamente as azas, desceu um condor. Deu tres saltos para subtrahir-se ás leis da inercia. E collocou-se deante do deus.

— Fiz-vos chegar até aqui — disse o rei — para vos fazer um pergunta:

— O jaguar vae aos vossos dominios?

— Sim, majestade. Vae até elles.

— E caça nelles?

— Tudo quanto póde!

— E como é que não vos queixastes dessa intromissão?

— Porque a mim não me estorva o jaguar. Quando a caça é abundante, cada um busca o alimento pelo seu lado; e quando ella escasseia, vôo sobre o tigre, apanho a presa e me elevo ás alturas dos meus dominios.

— Está bem. Podeis ir.

O senhor das montanhas estirou as azas como para temperar a sua forte nervadura, tomou impulso, e elevou-se do solo, até ficar como um ponto negro no azul do firmamento.

Llastay voltou-se para os tres queixosos envergonhados, e silvou estas palavras:

— Ouvistes o condor. Nada tenho que acrescentar.

* * *

Caros leitores, quando sentirdes que os vossos companheiros se vos avantajam, não procureis diminuil-os com invejosas e injustas accusações. Fazei como o condor do meu conto; procurae subjugal-o — voando sobre elle.

A Mentira do Amor

--De CONCHITA CID--

MINHA filha conversava com o noivo no salão. Aproximei-me para contemplal-os. Que gentil casalsinho!

Como eu rezaria para que fossem felizes!

Eu adoro minha filha. Não sou, porém, uma mãe egoista: não a sacrifico ao meu carinho.

Quando me confessou que gostava daquelle rapaz que hoje é seu noivo, e, talvez, amanhã seu marido, ou nada mais que um estranho, deixei que se embriagassem de amor.

Fiz mal? O certo é que elles m'o agradeceram effusivamente.

Ouvindo pronunciar meu nome, aproximei-me mais. E, ao escutar o que esse joven par dizia, fiquei petrificada.

Enlaçados, acabavam de se beijar, e, inconscientes, no egoismo do amor, se perguntaram:

— Teu pae não beija tua mãe?

— Não. E o teu?

— Tambem não.

— Mas nós havemos de nos beijar sempre, não é?

— Sempre, sempre, querida.

E minha filha continuava:

— Eu não comprehendo porque mamãe e papae não se beijam. Elles forçosamente deveriam ter se casado por amor.

Mamãe era instruida, nova, não precisava casar. Papae tambem. Logo elle se casaram por amor. Sempre se deram bem. Mas são tão frios... Nós não havemos de ser assim, não é, Gladys?

— E' sim, minha flor.

E beijaram-se de novo.

Ah! minha filha, como eu desejaria dizer-te que tua mãe já sentiu, como tu, a doçura do amor...

Quantos beijos tua mãe, ao clarão da lua, deu ao namorado...

Não acreditas, minha filha?

Mas esse namorado não é teu pae.

Por isso, devo calar-me.

Julgas que não beijo teu pae porque sou constituida de argilla differente da tua? Enganas-te.

Si me tivesse casado com aquelle a quem amava, seria esposa e amante. Casei com teu pae, que estimo e respeito; sou esposa. Tenho apenas obrigação de ser esposa. Rodeio teu pae de todas a commodidades. Sou esposa e não amante, comprehendes? A base do casamento não está na paixão, nos beijos ou juramentos. Consiste, sim, no respeito e fidelidade.

Não és feliz? Teu pae não se sente satisfeito, quando, á noite, depois do jantar, eu o accommodo na cadeira de balanço e lhe colloco os jornaes e os cigarros ao alcance da mão?

E' bastante a esposa comprehender o marido para viverem em harmonia.

Não entendeste ainda?

Imagina que teu noivo se fosse embora. Que farias?

Chorarias. Desesperar-te-ias.

Depois ficarias calma.

Apparecia-te um bom partido.

Casavas.

Agora, dize-me: passarias a vida beijando teu marido?

Serias bôa esposa, pelo exemplo que te dou. Serias mãe modelo, mas nunca uma amante.

Amante só daquelle a quem amavas.

Si eu te dissesse tudo isto, talvez comprehendesses que não sou estranha nem ao teu amor, nem aos teus beijos. Mas não te devo dizer isto.

Sou esposa, e teu pae é o unico que tem direito aos beijos que lhe nego.

ESPIRITO ALHEIO

O automobilista (que leva o carro a toda velocidade). — Sinto tanto prazer em correr, que acabo de fumar meu ultimo cigarro. E você?

O passageiro (que já se desenganou de escapar com vida). — Eu... tam... também... acabo de... fumar... o ulti... mo de minha... vida...

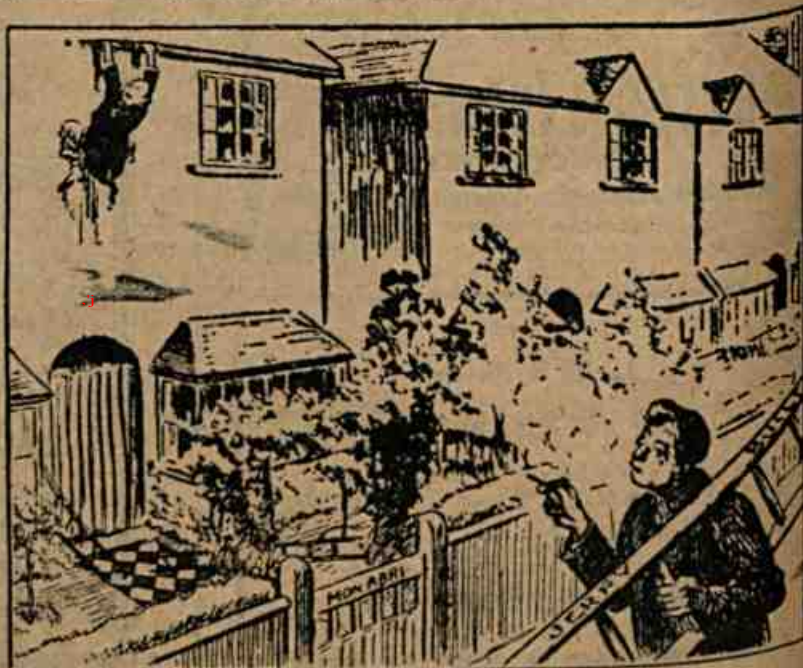
Primeiro mendigo — Acabo de passar três mezes em Copacabana.

Segundo mendigo — Sim, já me informaram. E disseram-me que até tomaste banho.

Primeiro mendigo — Lá isso não é verdade: são calumnias.

— Que occorreu comtigo?

— Minha mulher pediu-me que lhe ensinasse a guiar o automovel e hontem sahiu pela primeira vez ao volante. E tu?

— Que coincidencia! A minha me fez o mesmo pedido, e eu me neguei a attendel-a...

— Desculpe, cavalheiro, mas não poderia o senhor dizer-me si foi daqui que pediram uma escada em nossa casa?...

Mentiras...

De Arcadio Avercenko

A leitura do drama estava annunciada para a meia noite. Cheguei um pouco antes e, fumando um cigarro, consumia, preguiçosamente, o tempo, palestrando com o dono da casa, o advogado Liasgov.

Pouco depois, no escriptorio em que nos encontravamos assentados, entrou, de repente, rosada, animada, a mulher de Liasgov, a quem, uma hora antes, eu vira, de passagem, no theatro, ao lado de uma nossa conhecida commum, Tania Cernogiúkova.

— Como é isto? — gritou alegremente a senhora. — E' quasi meia noite e o publico não se encontra cá!

— Virá ainda — respondeu Liasgov. — E de onde vens, Simocka?

— Eu... estava no "rink" da rua Basseinaia, com a irmã de Tarski.

Lentamente, com prudencia, voltei-me na cadeira e olhei de frente Serafima Petrovna.

Por que mentira? Era difficil presumir que a causa de semelhante procedimento fosse alguma intriga de amor... No theatro, ficara assentada sempre junto de Tania Cernogiúkova e, a julgar pelo tempo transcorrido, viera do theatro directamente para casa. Então, a senhora queria occultar a sua presença no theatro e o seu encontro com Tania Cernogiúkova. Recordei-me nesta occasião de que Liasgov havia, na minha presença, pedido, duas ou tres vezes, á mulher para estar o menos possivel na companhia de Cernogiúkova, que, segundo sua opinião, era uma leviana cheia de vaidade e tinha má influencia sobre ella. E quedei-me logo a pensar: cousas sem importancia, futeis, podem, ás vezes, induzir uma mulher a mentir...

* * *

Chegou o estudante Koniakin. Após ter-nos saudado, voltou-se para a mulher de Liasgov e perguntou:

— E, então, como achou o drama de hoje no theatro... Interessante?

Serafima Petrovna levantou os hombros e pareceu surpresa.

— Por que imagina que o saiba eu? Não estava no theatro.

— Como? Não estava? Passei pela casa de Cernogiúkova e ella disse-me que a senhora e Tatiana Victórovna tinham ido ao theatro.

Serafima Petrovna abaixou a cabeça e, alisando a saia sobre o joelho, sorriu:

— Nesse caso, não tenho culpa de Tania ser tão tola: para sahir de casa, poderia ter encontrado uma outra mentira qualquer...

Liasgov, negligente, lançou uma olhadella á mulher:

— Por que mentiste?

— Não adivinhaste? Estava, como é de ver-se, em casa do teu poeta!

O estudante Koniakin voltou-se vivamente para Serafima Petrovna.

— Do poeta? De Gagarov? Mas não é possivel! Gagarov partiu para Moscou ha alguns dias já; acompanhei-o eu á estação.

Serafima Petrovna sacudiu obstinadamente a cabeça e, com o ar de uma pessoa que se lança num precipicio, exclamou:

— E, no emtanto, está aqui!

— Não comprehendo... — objectou, encolhendo os hombros, o estudante Koniakin. — Sou amigo de Gagarov, e, se já tivesse voltado, achar-se-ia no dever de avisar-me antes de fazel-o a qualquer outro.

— Ao que parece, occulta-se — informou Serafima Petrovna, batendo com o salto no tapete. — Está sendo espionado.

A ultima phrase, percebia-se, tinha sido pronunciada simplesmente para interromper a intricada conversação sobre Gagarov.

Mas o estudante inquietou-se:

— Vigiam-no? Quem o faz?

— Elles... os agentes.

— Permitta-me que o diga, Serafima Petrovna... Acaba de proferir palavras bem estranhas: por que razão os agentes estarão a espionar Gagarov, se nunca se occupou de politica?

Serafima Petrovna envolveu o estudante num olhar cheio de hostilidade e, passando a lingua sobre os labios resecados, respondeu:

— Não se occupava nunca, mas agora se occupa. De resto, por que não se fala senão delle? E' Gagarov e mais Gagarov... Senhores, querem um pouco de chá?

Entra um outro visitante: o critico theatral Bliukin.

— Enregela-se lá fóra — declarou — mas aqui se está tão bem! Faz um frio tremendo. Estive a patinar por um bom par de horas. E magnifico patinar-se em Basseinaia.

— E minha mulher acaba de chegar de lá — informou Liasgov, servindo vagarosamente o chá. — Encontraram-se, então?

— Que diz?! — interrogou, admirado, Bliukin. — Patinei continuamente, mas não a vi, Serafima Petrovna.

Serafima Petrovna sorriu.

— E, entretanto, eu lá me encontrava. Com Maria Aleksandrovna Scemsciúrina.

— E' surprehendente... Não vi, nem tão pouco a Scemsciúrina. E mais estranho ainda por ser o campo minusculo, pequenino como a palma da mão.

— Ficamos quasi sempre assentados... perto da musica — disse Serafima Petrovna. — Affrouxou-se o parafuso de um dos meus patins.

— Ah, aconteceu tal? Quer que o endireite? Já? Sou um especialista nessas cousas. Onde está o patim?

O pé da senhora bateu nervosamente sobre o tapete.

— Já o mandei para a officina.

— Como o pudeste dar para concertar, se já é noite adeantada? — perguntou Liasgov.

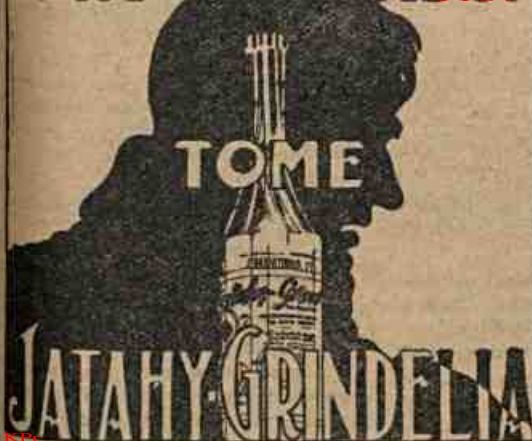
Serafima Petrovna agastou-se:

— E dei-o, ora ahi está... Por que insistir? A officina estava aberta para certos trabalhos urgentes, e deixei nella o patim. O dono se chama Matvei.

* * *

Surgiu, finalmente, o dramaturgo Selivanski, que todos esperavam havia algum tempo já, com o original do drama enrodilhado e atado por um cordel.

— Peço-lhes desculpas pelo atrazo — disse, inclinando-se — o bello sexo levou-me a tal demora.

— E' grande a procura de dramaturgos — respondeu, sorrindo, Liasgov. — Quem, então, te deteve assim?

FOSFATINA FALIÈRES

A FARINHA ALIMENTICIA INCOMPARAVEL A QUAL MILHÕES DE CRIANÇAS DEVEM A FORÇA E A SAUDE

FACILITA A DENTIÇÃO
FORTIFICA OS OSSOS
CONVEM AOS ANEMIADOS,
VELHOS CONVALESCENTES.

PHARMACIAS E CASAS DE ALIMENTAÇÃO - PARIS

TEU É O MUNDO

INTELLIGENTE LEITOR OU ENCANTADORA LEITORA

Queres conhecer os meios que te guiarão a conseguir Fortuna, Amor, Felicidade, Exito em Negocios, Jogos e Loterias? Pede GRATIS meu livrinho «O MENSAGEIRO DA DITA»

Remette 800 rs. em sellos para resposta.

DIRECÇÃO: PROF. NILA MARA - CALLE MATHEU, 1924 - BUENOS AIRES (ARGENTINA)

Resultado obtido pelo uso das

PILULES ORIENTALES

Bemfazejas - Reconstituintes
(Appr. D.N.S.P. sob o Nº 87 em 26-6-1917)
Exigir o frasco de origem sobre o qual devem figurar o nome e o endereço de
J. RATIÉ, Pharmaceutico
45, Rue de l'Echiquier, PARIS
Agente Geral: A. DE COURNAND
87, R. dos Ourives, Rio de Janeiro
A venda em todas as pharmacias.

PROBAK

A lamina garantida

— A senhora Scemsciúrina, Maria Aleksandrovna. Li para ella o drama.

Liasgov poz-se a bater palmas.

— O dramaturgo mentiu, mentiu! O dramaturgo procura occultar as suas aventuras amorosas! Tu não podias ter lido o drama a nenhuma Scemsciúrina!

— Como não li? — exclamou Solivanski, fazendo girar sobre os assistentes um olhar attonito e suspeitoso. — Li-o, sim — Li-o, de certo, á senhora Scemsciúrina.

— Ah, ah! — fez Liasgov, estourando de riso — Tu, Simocka, dize-lhe que foi apanhado em flagrante, porque a Scemsciúrina estava comtigo no "rink".

— Sim, achava-se commigo — confirmou Serafima Petrovna, com um signal de cabeça, e a todos fixando com um frio olhar.

— Quando? Das oito e meia até á meia noite, estive com ella, a ler-lhe o meu "Cometa".

— Faz talvez alguma confusão — disse Serafima Petrovna, erguendo os hombros.

— Faz o que? Que confusão pode existir? Poderia enganar-me nas horas, confundir a Scemsciúrina com outra pessoa, ou o meu drama com um calendario?! Como, então, confundir?

— Quer chá? — propoz Serafima Petrovna.

— Mas não, desenredemos este mysterio: a que horas a Scemsciúrina esteve em sua companhia no "rink"?

— Das dez ás onze.

O dramaturgo bateu as mãos, contente.

— Nesse momento estava eu em sua casa e lia-lhe o meu drama.

Serafima Petrovna ergueu um pouco uma sobrancelha, com um ar sardonico.

— Sim? Quem sabe se no mundo não existem duas pessoas com o nome de Svemsciúrina? Ou, então, tomaria eu uma outra senhora por Maria Aleksandrovna? Ou, ainda, estivesse eu, hontem, e não hoje, no "rink"?... Ah, ah!

Mentiras...

(Conclusão)

— Não comprehendo nada! — disse Selivanski, aturdido.

— De certo — rebateu, rindo, Serafima Petrovna. — Ah, Selivanski, Selivanski!...

Selivanski encolheu os hombros e começou a desenrolar o manuscripto.

Emquanto os convidados passavam ao salão, deixei-me ficar no escriptorio e fiz um signal a Serafima Petrovna. Encontrâmo-nos sós.

— Esteve hoje no "rink"? — perguntei-lhe, com ostensiva indifferença.

— Sim, certamente. Com a Scemsciúrina.

— E eu hoje a vi no theatro.

Fez-se rubra.

— Não pode ser. Então, segundo você, digo uma mentira, não é assim?

— De certo, mentiu — falei-lhe, olhando-a nos olhos. — Eu a vi muito bem.

— Tomou alguem por mim...

— Não. Você mente sem habilidade, mette uma porção de gente na dança, tropeça em obstaculos e accumula mentiras sobre mentiras... Com que fim contou a seu marido que esteve no "rink"?

— Meu marido não quer que eu ande com Tania.

— E agora vou contar a todos que vi você com Tania no theatro.

Ella agarrou-me, aterrada, por um braço, com os labios tremulos.

— Você não fará isso!

— Por que não o farei?... Fal-o-ei!

— Vae, então, vae... sei que você não dirá... Não? Não é verdade que não dirá?

— Dil-o-ei.

Serafima Petrovna puxou-me para si, apertou-me entre os braços, beijou-me forte, murmurando com voz entrecortada:

— E agora não dirá? Não? Não é verdade que não dirá agora?

* * *

Depois da leitura do drama, calmos, Serafina Petrovna evitava obstinadamente o meu olhar, e estava junto do marido.

Entre uma e outra conversa, ella perguntou-lhe:

— E onde estiveste durante toda a tarde? Das tres em deante estiveste fora de casa.

Eu esperei a resposta, com muita curiosidade.

Liasgov, emquanto palestravamos no escriptorio, contara-me que passara o dia como um verdadeiro bohemio; chegara de Odessa e estivera com uma francezinha, conhecida sua, cantora de "cabaret", com quem jantara em Kontan, num salãosinho reservado; depois do jantar tinham feito um passeio de automovel, ido ao Grand-Hotel, acompanhando-a elle, em seguida, até o Theatro Comico.

— Onde estive hoje?

Liasgov voltou-se para a mulher e, depois de ter reflectido alguns segundos, respondeu:

— Estive em Kantan. Jantámos... Um meu cliente de Odessa, a mulher — uma senhora franceza — e eu. Fui, em seguida, á casa de uma de minhas clientes para tratar do caso Ussacevski, e por ella levado a diversos logares no seu automovel — é uma senhora muito rica — por motivo da conservação de uma herdade numa execução de immoveis. Depois, parti para o "Grand-Hotel" em procura do dono das terras, e, ás primeiras horas da noite, entrei, por um minuto, no "Theatro Comico", para encontrar-me com um collega ahi.

Sorri intimamente, a pensar:

— Sim, senhor! Isto é que se chama mentir!

GUSTAVO BARROZO

e a «GUERRA DO VIDÉO»

GARIMPEIRO ousado da nossa deficiente e quasi desconhecida historia patria, Gustavo Barrozo, vez por outra, vem enriquecendo a nossa literatura de collectaneas interessantissimas, compostas de episodios rebuscados pacientemente nos archivos empoeirados da nossa vida preterita. De 1929 para cá os nossos fastos heroicos vêm proporcionando ao illustre escriptor patricio o arcabouço indispensavel aos contos de que se compõem "A Guerra de Lopez", em 3.ª edição, "A Guerra do Flores", em 2.ª edição, "A Guerra do Rosas" e, agora, "A Guerra do Vidéo", já estando em preparo "A Guerra do Artigas".

O Brasil, no dealbar da sua independencia, quando mal se preparava para os grandes surtos da sua vida de povo livre, teve que arcar com os percalços de guerras cruentas, oriundas ainda da má politica portugueza para com os nossos vizinhos do Prata.

Foi-nos uma herança que muito trabalho nos deu e muitas vidas preciosas nos levou. Mas como todo mal tem o seu lado bom, as guerrilhas, pelejas e combates que, de 1825 a 1828, na Cisplatina, hoje Uruguay, tanto nos custaram, serviram para affirmar a bravura, o heroismo e o valor do soldado brasileiro, tanto no mar como em terra. E' para admirar até como, apenas sahido do dominio portuguez que tudo nos negava, que apenas fazia questão do ouro, da prata e das pedras preciosas das nossas minas, conseguisse o Brasil apparecer tão fortemente organizado, com um poder naval invencivel e com um preparo militar de primeira ordem. A Republica Argentina, que tomou a peito arrancar-nos a Provincia Cisplatina, afim de organizar o vice-reinado de Buenos Aires, teve a sua frota de guerra varias vezes batida pela nossa armada, destacando-se, dentre os encontros maritimos em que a victoria nos sorriu, a batalha de Lara-Quilmes, a 30 de julho de 1826, em que a 25 de Mayo, capitanea argentina, foi "completamente destrozada, no quedando sino donde la metralla no hubiera hecho sentir sus terribles effectos" — Baldrick — e o encontro de Monte Santiago, em 8 de abril de 1827, que "entregou ao Brasil, por um seculo quasi, a hegemonia naval na America do Sul".

Todos esses acontecimentos da nacionalidade, em começo, figuram no novo livro de Gustavo Barrozo: "A Guerra do Vidéo". Por que tal nome? O Brasil nunca fez guerra aos povos americanos, seus irmãos e vizinhos, explica o autor. Somente appellámos para o recurso das armas quando chamados por opprimidos, que se desejavam libertar de tyrannias ultrajantes. Combatemos caudilhos e dominadores, nunca os povos vizinhos. Dahi porque todas as campanhas que tivemos são conhecidas pelos nomes dos regulos que as originaram: guerra do Flores, guerra do Lopez, guerra do Rosas. Guerra do Vidéo é a designação da luta que tivemos com Alvear, Lavalleja, Rivera, que se empenharam em tornar independente o Uruguay, que, até 1828, era provincia brasileira. Como o povo desconhecia os nomes desses caudilhos, costumava chamar á mesma luta: guerra do Vidéo, abreviando a palavra Montevidéo, capital da então provincia, hoje nação uruguaya.

A maioria dos brasileiros ignora essas coisas, desconhece inteiramente essas occorrencias em que o valor e o heroismo dos nossos avós traçaram bellas paginas de sacrificio patriotico. Nas escolas, passa-se por cima da chamada "Campanha da Cisplatina" como gato por brazas. Foi nella, porém, onde começaram a affirmar-se as nossas energias de povo livre, como tambem os prognosticos de grandes cabos de guerra que enchem de fulgor a nossa historia: Tamandaré, Caxias e Osorio.

Contribuições como as que nos está offerecendo Gustavo Barroso para penetrarmos no labyrintho tenebroso do nosso passado, aliás tão proximo, só merecem os mais calorosos applausos.

E' pela sua historia que vamos buscar os grandes exemplos de civismo e de amor á Patria.

Os nossos historiadores são diminutos ou deficientes, quando inassimilaveis. Dentre elles apenas avultam Capistrano de Abreu, Varnhagen, João Ribeiro e Rocha Pombo.

Os demais se limitam a repetir o que affirmam aquelles, e, muitas vezes, o fazem deturpando alguns dos pontos essenciaes da nossa historia.

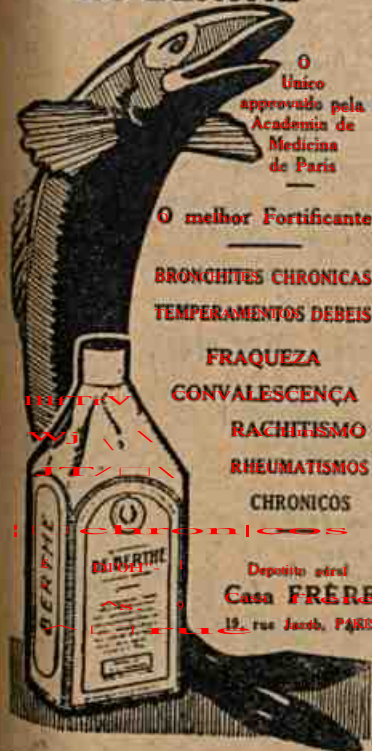
Não possuimos um Allison, um Green, um Boswell, um Gibbon, um Grote, como a Inglaterra; não temos um Mommsen, um Gregorovius, como a Allemanha; um Guizot, um Taine, um Thiers, um Montalembert, um Henri Martin, como a França; um Motley ou um Parkman, como a America do Norte; um Latino Coelho, um Oliveira Martins, como Portugal.

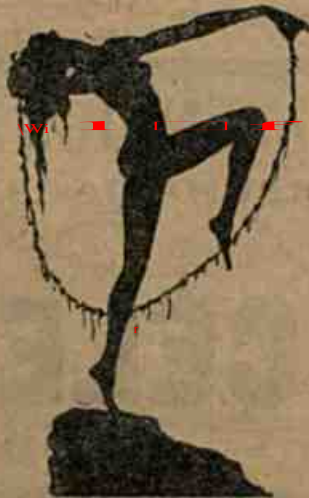
Embora na escola de investigação se negue merito ou valor como historiadores aos escriptores imaginativos, nem por isso no campo das realidades comparativas se deixará de buscar apoio num Shakespeare ou num Walter Scott.

Porque, se, como diz Cicero, a historia "testis temporum, lux veritatis, vita memoriae, magistra vitae, nuntia vetustatis", que documentos não achamos para o estudo da vida real nas obras de Shakespeare, de Walter Scott e de Camões?

Ellas possuem, além disso, a faculdade essencial de não cansar os leitores menos eruditos, ministrando, em pequenas dóses, conhecimentos que permaneceriam no olvido se apenas jazessem nos palimpsestos e pergaminhos, nem sempre ao alcance dos cultos, quanto mais do simples vulgo.

E', pois, obra de real merito desencavar dos archivos occorrencias que precisam ser relembradas por nós todos.

Gustavo Barrozo está fazendo obra que muito honra o seu nome e a nossa terra.

A "Guerra do Vidéo", então, por que se refere a factos valorosos de nossos antepassados, quasi inteiramente esquecidos, é um inestimavel serviço prestado á nossa historia e uma elevada homenagem aos heroes da campanha da Cisplatina.

Luiz Sucupira

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1937

Leiam as Quartas-Feiras

SELECTA

a melhor revista de Cinema

Appr. D. N. S. P. em 21 de Abril 1937

VERSOS

D. Linda

Bôa noite, D. Linda, como vae?
Minha saudade, ha muito, não a vê...
Você, que sempre me deslumbra e attrae,
na minha ausencia, como vae você?...

Certam nte vae bem... Quem é bonita
nunca vae mal... Mesmo indo mal, vae bem...
Vae mal?! Ora vae mal! Quem acredita!?
— Basta ess novo amor que você tem...

Não tem?! Confesse, que eu já sei... Não negue...
Afinal, para que você negar?
Um amor, ou mais de um, a que se entregue
uma mulher, por que, pois, admirar?...

Todos acham-na linda... Eu, nem se fala.
Quem é linda e adorada, que mais quer?
Demais, fique sabendo, se propála,
que a belleza é o que vale na mulher...

Todos, sim!... Que um amigo já me disse
— não conhece esse amigo?! E' pena, pois...
que a adora, embora saiba essa tolice,
esse flirt que existe entre nós dois...

Um outro amigo disse-me hontem á noite,
que só escreve agora com perfume
o seu nome, e, porque, a isso se afoite,
eu já ando damnado de ciume...

Como eu vou com as pequenas?! Vou bem... ruim
Que ellas andam dizendo, em multidão,
que você não se esquece mais de mim,
que eu lhe dei, para sempre, o coração...

Quem a vê, pelo Carmo, com um sorriso
aflorado nos labios, que é que diz?
Diz que você é um lindo paraiso
onde se viverá sempre feliz...

Veja bem D. Linda, que é que faz...
Pois, você continúa, assim, formosa,
a ser, na minha vida de rapaz,
o meu lindo veneno côr de rosa...

Já vae?! Ainda é cedo, D. Linda...
Você, aqui ter vindo, não devia!!
— Como sorria sem você, Olinda?...
— O Carmo, sem você, como vivia?...

Stenio de Sá

Do "Jardim de Caricias".

Kola-Cardinette
Kola-Cardinette
O Fortificante de Effeitos Rapidos